

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

ELIANA BARROS PEDROZA

**“DO CAVALO À BAIA, NÓS NÃO IMPAIA”.
NARRATIVAS DE MULHERES VAQUEIRAS NAS FESTAS DE
VAQUEJADA NA PARAÍBA – 2024**

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

ELIANA BARROS PEDROZA

**“DO CAVALO À BAIA, NÓS NÃO IMPAIA”.
NARRATIVAS DE MULHERES VAQUEIRAS NAS FESTAS DE
VAQUEJADA NA PARAÍBA – 2024**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Saberes

Área de Concentração: História Pública

Orientador(a): Dr. Jorge Pagliarini Junior

**CAMPO MOURÃO – PR
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e
Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP
e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Barros Pedroza, Eliana

?Do cavalo à baía, nós não impaia?. Narrativas de
Mulheres Vaqueiras nas Festas de Vaquejada na
Paraíba ? 2024 / Eliana Barros Pedroza. -- Campo
Mourão-PR, 2025.
153 f.: il.

Orientador: Jorge Pagliarini Junior.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2025.

1. Vaquejada. 2. Mulher. 3. História Pública. I -
Pagliarini Junior, Jorge (orient). II - Título.

ELIANA BARROS PEDROZA

**“DO CAVALO À BAIA, NÓS NÃO IMPAIA”.
NARRATIVAS DE MULHERES VAQUEIRAS NAS FESTAS DE VAQUEJADA NA
PARAÍBA – 2024**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **JORGE PAGLIARINI JUNIOR**
Data: 30/07/2025 11:52:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Jorge Pagliarini Junior (orientador) – Programa de Pós-Graduação em História Pública (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO JOSE PEREIRA**
Data: 12/06/2025 10:13:01-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Márcio José Pereira (Universidade Estadual do Paraná – Unespar)

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO REISDORFER**
Data: 05/06/2025 15:06:57-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Thiago Reisdorfer (Universidade Estadual do Piauí – UESPI)

Data de Aprovação

04 de junho de 2025

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

*Aos dois homens da minha vida: meu pai, Eurides Pedroza (in memoriam), por
sempre querer o meu melhor; e ao meu filho, Henri Pedroza, por me tornar
uma pessoa melhor*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado o dom da vida e por tantas outras bênçãos concedidas.

À minha família, que sempre compreendeu os meus sonhos e me apoiou a cada nova jornada. Um agradecimento especial à minha mãe, Marié Pedroza, e ao meu pai, Eurides Pedroza, por serem os melhores pais do mundo e acreditarem em mim como uma pessoa melhor.

Ao meu filho amado, Henri Pedroza, por ser minha inspiração e minha maior conquista, colorindo minha caminhada com amor e esperança.

A Julyan Wallas, por todo carinho acreditando em mim e estar comigo desde o primeiro dia dessa jornada.

À banca, pela presença e pelo tempo dedicado à leitura do meu trabalho, em especial ao meu orientador, Prof. Jorge Pagliarini, por compartilhar seus conhecimentos comigo e por sempre me incentivar.

Aos meus amigos Adriana Sanchez, Yuri Makohim e, especialmente, Daniel Ferreira, que me acompanharam durante todo o curso e me ajudaram a descobrir o valor das pessoas, pela nobreza da amizade. Ao Milton Takushi, o Japa, por todo incentivo, calma e infinitas conversas.

À Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus de Campo Mourão-PR, e aos professores Ricardo Marques de Mello, Cyntia Simioni França, Astor Weber e Fábio André Hahn, por todo saber compartilhado, pela atenção e, sobretudo, pela dedicação.

Por fim, mas não menos importante, desejo agradecer imensamente a todas as minhas colaboradoras, que tornaram este texto possível ao disponibilizarem seu tempo e seus saberes, concedendo-me momentos que foram essenciais para essa empreitada.

A todos vocês, meu muito obrigada.

"Ôh, boi lá!"

RESUMO

PEDROZA, Eliana B. **“Do cavalo à baia, nós não impaia”**. Narrativas de Mulheres Vaqueiras nas Festas de Vaquejada na Paraíba – 2024. 153f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2025.

A vaquejada, antes uma prática laboral, hoje é vista como uma prática esportiva e de lazer que movimentava a economia e a mídia, especialmente no Nordeste. Enquanto prática, a vaquejada foi por muito tempo espaço masculinizado, ou seja, era incomum ao corpo feminino derrubar um boi na faixa, em pé de igualdade com os homens. Atualmente, este cenário modificou-se, e temos as duplas de vaqueiras na “derrubada do boi”, passando elas a assumir, assim, o ofício de competidoras nas vaquejadas. Este estudo busca compreender a ressignificação das festas de vaquejada na Paraíba, a partir das experiências de quatro vaqueiras que enfrentam os desafios sociais e culturais desse universo. Para tanto, utilizaremos da metodologia da História Oral, da Análise de conteúdo e da Pesquisa-ação, promovendo um diálogo que explore relatos de vida, experiências, fatos e acontecimentos vividos por essas vaqueiras paraibanas. Como também serão consultadas fontes como acervos pessoais e cartazes de vaquejada, com o intuito de compreender os diferentes aspectos de suas experiências pessoais, identidades e memórias relacionadas à vaquejada. Por fim, apresentamos na criação de um flyer colaborativo, fruto da pesquisa-ação, com o objetivo de combater preconceitos, valorizar as vozes femininas e contribuir para uma história pública mais democrática.

Palavras-chave: Vaquejada; Mulher; História Pública.

ABSTRACT

PEDROZA, Eliana B. **“From the Saddle to the Stall, We Don’t Stall”**. Narratives of Women Cowgirls in Vaquejada Festivals in Paraíba. 153p. Dissertation. Graduate Program in Public History – Master’s Degree. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2025.

Vaquejada, once a labor-intensive practice, is now seen as a sport and leisure activity that drives both the economy and media, especially in Brazil’s Northeast. Historically, vaquejada was a male-dominated space where it was rare to see women competing on equal footing with men in the arena. Today, this reality has changed, and women are increasingly forming pairs in the “bull takedown,” taking on the role of competitors in vaquejada events. This study aims to understand the redefinition of vaquejada festivals in Paraíba through the experiences of four cowgirls who actively face the social and cultural challenges of this environment. To achieve this, we apply the methodologies of Oral History, Content Analysis, and Action Research, fostering a dialogue that brings forward the life stories, experiences, and events lived by these women from Paraíba. We also examine personal archives and vaquejada posters to gain deeper insights into their personal experiences, identities, and memories tied to vaquejada. Finally, we present the creation of a collaborative flyer—an outcome of the action research—intended to challenge prejudice, amplify female voices, and contribute to a more democratic public history.

Keywords: Vaquejada; Women; Public History.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada do Parque da Vaquejada.....	41
Figura 2 - Área de sociabilidade	41
Figura 3 - Pista de vaquejada	42
Figura 4 - Áreas do Parque de Vaqueja Maria da Luz em 1994.....	47
Figura 5 - Áreas do Parque de Vaqueja Maria da Luz em 2023.....	48
Figura 6 - Caminhões usados nas vaquejadas.....	50
Figura 7 - Bares do Parque de Vaquejada Maria da Luz, 2024.....	51
Figura 8 - Cartaz da vaquejada de outubro de 1978.....	55
Figura 9 - Cartaz Vaquejada Parque Maria da Luz em 1981.....	56
Figura 10 - Cartaz com premiações de 1987.....	57
Figura 11 - Cartaz da 12ª vaquejada do Parque Maria da Luz de 1988.....	58
Figura 12 - Cartaz da XXV da Vaquejada do Parque Maria da Luz.....	59
Figura 13- Cartaz da XXXVI da Vaquejada do Parque Maria da Luz	60
Figura 14 - Categorização Feminina.....	61
Figura 15 - Cartazes da XLI da Vaquejada do Parque Maria da Luz de 2018.....	62
Figura 16 - Numero de participações.....	63
Figura 17 - Posicionamento atual dos(as) vaqueiros (as) para a saída do boi da sangra	99
Figura 18 - Vaqueira demonstrando seu amor pelo animal.	102
Figura 19 - Cavalo Gazo Felício, no parque de Vaquejada (PB).....	105
Figura 20 - Protetor de Cauda para o boi.....	108
Figura 21 - Vaqueira com Equipamento de Proteção	109
Figura 22 - Cartazes da XLVI da Vaquejada do Parque Maria da Luz	112
Figura 23 - Esquema de uma pista de vaquejada profissional.....	116
Figura 24 - Vaqueira vestida com sua indumentária atual.....	131
Figura 25 - Vaqueira vestida com sua indumentária atual.....	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – ATUALIZANDO CÓDIGOS DA VAQUEJADA.....	22
1.1. Da Apartação à Modernidade - Origem e as Ressignificações da Vaquejada.....	22
1.2. E como é o vaqueiro de hoje? É uma vaqueira de vaquejada.....	29
1.2.1. <i>É o boi, o cavalo, é o vaqueiro. É o vaqueiro, o cavalo, é o boi. E o povo gritando derruba. E não pode deixar para depois - as personagens da vaquejada.....</i>	<i>33</i>
1.3. A Festa e memória.....	36
1.3.1. <i>Tem festa de vaquejada. Para o povão se animar. Reúna os vaqueiros. E vamos farrear. E vamos negociar - O Negócio das Festas de Vaquejada.....</i>	<i>39</i>
1.3.2. <i>“E vem descendo na pista de vaquejada. Minhas vaqueiras que ilumina. Chama na bota” – “Covardia sua pedir pra te esquecer. Te largar da minha vida sabendo que não dá” – Os Cartazes da “Festa do Gado”.....</i>	<i>54</i>
CAPÍTULO II - FALAS, VIVÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININA NO ESPAÇO DAS VAQUEJADAS PARAIBANA.....	65
2.1. História Oral como fonte de pesquisa na Vaquejada.....	65
2.1.1. <i>Pesquisa – Ação e Oralidade na Vaquejada.....</i>	<i>69</i>
2.2. “Preciso dizer que preciso. Sentir verdade no que você diz e faz.” pelo que bate o coração de uma vaqueira?.....	72
2.2.1. <i>V. V. – Experiência, vivência e resistência.....</i>	<i>74</i>
2.2.2. <i>Lara Ferreira – (L.F.) – Nossa habilidosa Influencer Digital.....</i>	<i>77</i>
2.2.3. <i>Niely Sousa – (N.S.) – Nossa menina que vale ouro.....</i>	<i>81</i>
2.2.4. <i>Lucimara Sampaio - (L.S.) – A Gigante das Pistas, Vaqueira Raiz.....</i>	<i>83</i>
2.3. Perfis das Colaboradoras: Análise de Conteúdo.....	87
CAPÍTULO III - ENTRE ATITUDES E VOZES FEMININAS NA VAQUEJADA.....	92
3.1. “E a vaqueira. Corre dentro da pista em seu cavalo alazão. Quando chega na faixa derruba o boi no chão. Assim é vaquejada, assim é meu sertão” - As Mulheres Ressignificando a Vaquejada.....	92
3.2. “Eu tenho a senha e meu cavalo já tá pronto. E em cima da sela eu mostro que eu mereço meu troféu. Eu vou, eu vou colar na vaquejada” – Das senhas às competições.....	111
3.3. “Minha vaqueira perfeita que nesse mundão eu tanto procurava. Além de princesa, ela gosta de vaquejada. Bora derrubar boi na faixa” – Juntas temos super poderes.....	120
3.4. O Flyer – Pé no estribo, voz na história: a vaquejada também é feminina.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
BIBLIOGRAFIA.....	148
GLOSSÁRIO.....	152

INTRODUÇÃO

*“Ouvi dizer que mulher pode ser o que quiser
Pode dominar o mundo do lugar onde estiver
E pode derrubar boi aí sim eu boto fê
E a mulher que é vaqueira sabe bem como é ...”
(Vaqueira e Mulher - Thullio Milionário)*

A história da mulher ao longo do tempo vem sofrendo uma série de apagamentos, principalmente quando falamos em ocupar espaços seja ele público ou privado. No esporte, essa exclusão também se fez presente, especialmente naqueles de domínio único masculino. Contudo, em nossa literatura temos exemplos de personagens únicas que romperam com barreiras sociais como a retirante da seca do Nordeste Luzia Homem (1878), a feminista Maria Moura (1887) e nossa própria Maria Bonita (1911), que não foi a única presença feminina do bando de Virgulino Lampião mas nos é lembrada como uma figura desafiadora dos padrões impostos, sendo uma célebre amazonas. Em cada uma de nós está um pouco de rebeldia, de desobediência, somos domadoras não apenas de cavalos, mas também de preconceitos. Cada boi derrubado na pista por uma mulher vaqueira, é uma declaração de liberdade e igualdade. Assim seguimos escrevendo uma nova história pública a cada dia.

Esta pesquisa é um trabalho de história pública que tem o objetivo de analisar a esse campo tendo como ponto de partida narrativas de vida das mulheres vaqueiras nas festas de vaquejada na Paraíba, tipo de atividade esportiva da contemporaneidade. Temos a proposta de refletir sobre a ressignificação da vaquejada e os seus significados, relações de gênero e práticas associadas ao universo da vaquejada feminina, isso a partir da dimensão história pública feita com público e uma história feita para o público, igualmente focada nas práticas de divulgação (Santhiago, 2016, p. 29). Convém destacar que a investigação aqui desenvolvida evidenciará conteúdos distintos dos privilegiados em determinados estudos associados ao esporte-vaquejada. Tais abordagens, muitas vezes, tendem a centrar-se no universo dos vaqueiros, os "cabras-machos", desde os terreiros das fazendas, voltada para uma visão folclorista, até sua transformação nos dias atuais.

Entendendo que História Pública se faz por várias mãos, não visando unicamente a divulgação ou ampliação das audiências, dialogamos também com os trabalhos de Ricardo Santhiago (2018; 2016), Juniele Almeida (2013), Marta Rovai (2013, 2018), pensamos em uma escrita interdisciplinar, capaz de mudar a exclusividade do fazer historiográfico.

Considerando que nós, historiadores e historiadoras não detemos exclusividade sobre o passado, porém não renunciamos ao papel de uma mediação analítica, nem ao compromisso ético de divulgar sem simplificar. (Rovai, 2018).

Com isso, tomamos como objeto desta pesquisa a escrita colaborativa compreendendo como é o universo da vaquejada paraibana pela ótica de mulheres vaqueiras. Dito de outro modo, esta pesquisa busca responder de que forma os saberes acadêmicos e interdisciplinares dialogam com as vaqueiras. Como as vivências com vaqueiras em vaquejadas paraibanas podem ser interpretadas como uma história pública? Fazemos história pública desde o momento que nossa pesquisa foi realizada fora da academia, podendo ser entendida como um meio do conhecimento histórico com o público, promovendo uma ampliação da discussão sobre universo das festas de vaquejada, através da oralidade, valorizando a participação ativa das pessoas ditas “comuns” na construção do conhecimento histórico, enriquecendo o debate sobre identidade, gênero, esporte e cultura regional.

Durante o período dos coronéis, o gado era criado solto e misturado em campos abertos, pecuária extensiva, era necessário juntar esses animais criados sem cerca onde muitos deles se distanciavam das fazendas em busca de alimentação. Para juntá-los, vários vaqueiros, no período em preparação para o inverno, advindos de diferentes fazendas, representantes de seus patrões, os buscavam em pelas serras, caatingas e tabuleiros. Depois os juntavam em um único pasto uma fazenda já previamente escolhida e preparada, se fazia necessário dividi-los ocorrendo a apartação, depois tinha a comemoração por terminar os trabalhos. (Cascudo, 1969)

Pelo fato de ser necessário essa apartação e o seu processo - pegada do boi e a ida às fazendas para seus respectivos donos -, caso algum boi “barbatão”¹ fugisse, era perseguido e derrubado pelo rabo, representando, assim, a gênese da vaquejada. A qual originou-se, portanto, de um momento diário laboral do vaqueiro, e ainda em campo aberto. Assim, esse vaqueiro que derrubou o “marueiro” tinha fama de ser forte, corajoso, viril, um expoente social de “cabra-macho”.

A vaquejada como a conhecemos, atualmente, não deixa de ser uma manifestação cultural, embora haja controvérsias, que consiste em dois vaqueiros², um puxador e o outro

¹ O animal bravio selvagem, o “barbatão” ou “marueiro” que logo ganhava fama, atraindo os vaqueiros mais em sua perseguição. Para a sua captura convocavam-se vaqueiros das várias ribeiras que em verdadeira festa iam perseguir o animal bravio. O que o derrubava, além de grande fama recebia como prêmio, ou o animal vencido, ou uma importância em dinheiro (Aires, 2008).

² A dupla de vaqueiros(as) é composta pelo vaqueiro(a) esteireiro(a) ou bate-esteira e o vaqueiro(a) puxador(a). O vaqueiro esteireiro(a) é o(a) competidor(a) responsável em direcionar o boi e condicioná-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o vaqueiro(a)-puxador(a), além de entregar o rabo do boi ao vaqueiro(a)-puxador(a).

bate-esteira que montados a cavalo, tem por objetivo derrubar o boi na faixa o puxando pela cauda, entres dois intervalos com extensão de 9 a 10 metros, que está pintada no chão de areia com cal, mostrando assim uma das ressignificações da prática vaqueira, uma transformação que com a urbanização social, atingiu as práticas econômicas para o condicionamento de gerar o maior valor de lucros possíveis, nos eventos, mas não houve a perda da essência da tradição nordestina.

Diante desse tipo de caracterização da vaquejada, algumas questões surgiram e desencadearam o presente estudo a saber: Quais são as formas de ressignificações da vaquejada? Onde estão as mulheres na transformação da vaquejada? Como as vaqueiras profissionais nas vaquejadas contemporâneas constroem o sentido de ser vaqueira? As tentativas de respostas foram centradas na pesquisa de campo, utilizando um conjunto de técnicas científicas da pesquisa qualitativa, guiada pela investigação participativa. Essa abordagem permite observar detalhadamente as diferenças, similaridades e conflitos vivenciados pelas vaqueiras nas vaquejadas contemporâneas. Dentro dessa perspectiva, foi realizada uma investigação de campo por meio do contato direto e contínuo com as colaboradoras durante as competições.

A partir das narrativas das vaqueiras, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), que se baseia em métodos organizados e objetivos para descrever, interpretar e compreender as mensagens produzidas, considerando o contexto em que foram criadas e recebidas. As categorias analíticas, definidas a partir das unidades de registro, emergiram das falas de nossas colaboradoras, garantindo uma interpretação aos significados presentes nos dados coletados. Assim, delimitamos quatro categorias: vaqueira veterana, novata, profissional e de influencer digital. Desse modo, juntamos características que refletem diferentes perfis identificados ao longo das conversas, através das quais compartilharam suas memórias e experiências do passado até aquelas que estão iniciando ou já consolidadas no esporte, inclusive as que utilizam as redes sociais para ampliar sua atuação. A análise de conteúdo evidencia a diversidade de trajetórias e formas de ser mulher no universo das vaquejadas.

A justificativa para este estudo deu-se pela necessidade de se contrapor os diferentes papéis das mulheres que estão no contexto da vaquejada, pois, nota-se os rígidos padrões normativos impostos socialmente. Desta maneira, precisa-se realocar as aparências de

fragilidade feminina e que aquele não é o seu lugar. Aspiramos comissionar mais visibilidade a essas mulheres, sendo estereotipadas, mostrando-as no espaço das vaquejadas, nos quais, é imperativo, a validação e a evidência do “cabra macho”. Como se pode verificar por meio dos prêmios em dinheiro por elas recebidos, serem inferiores ao dos homens, que ocorre com os patrocínios, além, também das manifestações de preconceitos das diversas formas de violência (moral, oral e sexual) e da discriminação pelo gênero.

O termo "impaia" é uma flexão regional da palavra "empaiar", usada aqui no Nordeste, especialmente nas vaquejadas. A baia é o espaço onde o cavalo passa a noite, funcionando como uma espécie de quarto ou casa para ele, um local que precisa ser limpo diariamente, pois também é onde se coloca a comida do cavalo, garantindo seu conforto e bem-estar. A parte de nosso título de pesquisa "do cavalo à baia", foi inspirado em uma de nossas colaboradoras que em conversa não se ver apenas uma campeã profissional em cima de cavalo ao ganhar as corridas, mas também cuida de seu animal com dedicação, limpando e organizando a baia todos os dias, ou seja, relata que é uma vaqueira que ganha prêmio e também cuida de seu cavalo na baia. Já flexão de linguagem, presente, também em nosso título “nós não impaia” nos foi mencionada por nossa colaboradora veterana, que nos contou como, na década de 90, era comum ouvir as pessoas dizerem lá vêm elas “impaia” a vaquejada", referindo-se que as mulheres estavam atrasando a dinâmica da vaquejada.

Nossa motivação para esta pesquisa origina-se do envolvimento pessoal da pesquisadora com a prática da vaquejada desde a infância, onde acompanhava como espectadora, um membro da família tinha uma paixão intensa por participar dos bolões de vaquejada. Essa vivência trouxe à tona a realidade dos desafios enfrentados pelas mulheres nesse universo, marcado por preconceito e pela falta de espaço feminino. A observação das dificuldades e das resistências, de um meio machista, superadas por sua parente despertou um interesse profundo em investigar e compreender a ressignificação das vaquejadas e as experiências das vaqueiras contemporâneas, explorando as questões de gênero, identidade e resistência presentes nesse cenário.

No campo científico, conseguimos identificar algumas pesquisas que nos trazem a mulher-vaqueira como figura principal no esporte da vaquejada. A dissertação da área de Educação, intitulada “As Marias de Gado”: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia” (2020) da professora Adriana Priscilla Costa Cavalcanti, menciona toda uma trajetória e inserção feminina na vaquejada baiana desde os anos da década de 1960 até dias atuais. A dissertação “Avante, AFEVA”: a luta das mulheres pela categoria feminina na vaquejada pé de mourão cearense” (2022) de Laenia Nascimento da

Silva, destaca a relevância da AFEVA (Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão) e aborda a separação dos constructos de feminilidade e masculinidade. Já a dissertação em Psicologia “Valeu o boi! Uma análise de gênero na vaquejada” (2017), de Anyelle Brito Leite Santos, explora o discurso de mulheres praticantes de vaquejada em relação à sua inserção, acesso e participação nas vaquejadas.

Já em "Enquadramentos de mulheres vaqueiras no Instagram: aspectos sobre enfrentamento e resistência de subcelebridades" (2022), os professores Ricardo Duarte e Livia Moreira Barroso, do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa e da Universidade Federal do Piauí, respectivamente, analisam a perspectiva de duas mulheres que são subcelebridades no contexto da vaquejada e seu processo social na mídia. Temos a pesquisa em Antropologia Social de Francisco Jânio Filgueira Aires “O "espetáculo do cabra-macho": um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte” (2008), que evidencia a figura masculina e traz a figura feminina como pano de fundo. Por último, o professor Eriosvaldo Lima Barbosa, com sua dissertação em Sociologia, “Valeu o boi! O negócio da vaquejada” (2006) que pela notória visão, tem a versão em formato de livro, mostrando a transformação da vaquejada e a conclui como um negócio, dedicando um capítulo à discussão de gênero.

Dessa maneira, nossa pesquisa se diferencia no contexto da vaquejada, ao observar o mundo da vaquejada feminina: destacamos a relevância da mídia atual para o sentido de ser uma vaqueira e a influência das subcelebridades em suas redes sociais, explorando todo o universo feminino da vaquejada com seus impasses e discursos. Também mostramos a ressignificação da vaquejada, mencionando que as mulheres sempre estiveram presentes desde a origem do evento, mesmo que não como participantes ativas no esporte. Propomos, ainda, mostrar como são as festas de vaquejada, evidenciando que a vaquejada contemporânea, considerada um esporte e lazer, conta com novos atores e espaços diferentes daqueles do início das festas de apartação. Além disso, destacamos a luta feminina pela participação nesses espaços, sob a perspectiva de gênero, que vem ganhando cada vez mais valor. Partimos também da ideia das memórias de vaqueiras, utilizando a oralidade para captar suas experiências e perspectivas trazendo um encaminhamento significativo com novos diálogos potenciais com audiências interessadas e ou participante do fenômeno da vaquejada

Neste sentido, ao buscarmos dar visibilidade às mulheres, apresentando-as no exercício de diversos papéis na sociedade, para além de mães e esposas, e destacando suas potencialidades no esporte e na sociedade, esperamos contribuir, mesmo que de forma parcial ou indireta, para que certas injustiças não continuem a acontecer. Entre essas injustiças, estão

as mulheres ganhando salários inferiores aos dos homens, sofrendo preconceitos, perdendo direitos e/ou sendo vítimas de diversas formas de violência.

Na pesquisa que ora apresentamos, os dados foram registrados através de observações diretas dos eventos ocorridos na pista de corrida e nos diversos espaços dos parques de vaquejada frequentados. Os fatos observados foram anotados em um diário de campo e acompanhados por registros fotográficos, buscando capturar as imagens mais expressivas do evento, incluindo os espaços internos e externos dos parques, os cavalos, os bois, os vaqueiros, os caminhões, o comércio e principalmente as vaqueiras. Esse material revelou a diversidade dos parques de vaquejada atuais e documentou os locais onde o trabalho de campo foi realizado.

Assim, ao tentarmos quebrar a invisibilidade e o silêncio em torno do corpo feminino nas vaquejadas, entendemos um tipo de silenciamento, “silêncio de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos, mas reforçado ao longo do tempo [...]” (Perrot, 2003, p. 20). Nesse contexto, conversamos com três vaqueiras atuantes e as acompanhamos durante os eventos de vaquejada, mais precisamente duas vaquejadas com cada colaboradora. E para contrapor alguns pontos sobre o universo da vaquejada, temos familiaridade com uma vaqueira veterana que corria em bolões de vaquejada na década de 90. Esses dados revelam que a presença de mulheres competindo nas vaquejadas diversifica o evento em relação aos participantes do gênero feminino. Buscamos compreender a história de vida dessas vaqueiras nas vaquejadas, tentando entender o significado de ser uma vaqueira paraibana.

Nas últimas décadas, a história das mulheres tem se empenhado em preencher uma lacuna na compreensão mais ampla da humanidade (Scott, 1989). Inicialmente adotado pelas feministas americanas, o termo “gênero” refere-se à construção social e histórica dos papéis masculinos e femininos, destacando como as pessoas agem e se identificam como homem ou mulher dentro de um contexto sociocultural específico. Ao rejeitar explicações biológicas, o termo enfatiza um sistema de relações que vai além do sexo biológico, permitindo discutir as dinâmicas de poder entre homens e mulheres e evidenciando a construção da desigualdade de gênero ao longo da história das sociedades ocidentais. Embora a dicotomia que destina os homens ao domínio público e mulheres ao doméstico tenha sido questionada, a discussão sobre as relações de gênero continua relevante, uma vez que o poder e as dinâmicas sociais estão sujeitos a transformações contínuas ao longo do tempo (Scott, 1989). Esta pesquisa visa, na ideia da desigualdade de gênero, contribuir para a visibilidade de uma construção coletiva

da sociedade, na qual as mulheres têm um papel significativo, inclusive em práticas culturais e esportivas como a vaquejada.

Essa história está sendo contada porque as protagonistas consentiram em ser identificadas e autorizaram a publicação de suas falas e imagens. Contudo, apenas uma das participantes, a vaqueira veterana, optou por não ser identificada, sendo referida como V.V.; no entanto, ela consentiu na divulgação de suas declarações. As demais participantes serão mencionadas por seus nomes ou pelas iniciais que os identificam. A propósito, a pesquisa de campo passou pelo Comitê de Ética, com número do processo: 77375723.7.0000.9247, tendo número do parecer: 6.668.286, com situação aprovado.

Os termos empregados ao longo do texto: “derrubada do boi”, “derrubar boi na pista”, “vaqueirama” e “valeu o boi” foram empregados com o intuito de destacar a maneira como se buscou apreender o campo de estudo e compreender as práticas e expressões utilizadas pelas vaqueiras. Desse modo, o campo empírico foi delimitado a partir das experiências vivenciadas nas vaquejadas em seis parques da Paraíba: Parque Genésio Araújo Sousa - PB; Parque BeMais São Miguel de Taipu - PB; Parque Arena Jampa, João Pessoa - PB; Parque Haras Vila Cowtry, Sumé - PB; Parque Haras BM Bezerra Marinho, Riachão do Bacamarte - PB; Parque Antônio Ursulino, em João Pessoa - PB, todas ocorridas no primeiro semestre de 2024. Determinados espaços foram selecionados para esta investigação por constituírem uma vitrine relevante para o estudo das práticas das vaqueiras na Paraíba. A escolha baseou-se em informações divulgadas, nas redes sociais dos eventos e nas páginas pessoais das próprias vaqueiras.

O percurso para as vaquejadas foi desenvolvido acompanhando os deslocamentos das vaqueiras de uma cidade para outra, com o objetivo de compreender como elas se organizam em cada evento. Nossas viagens para as vaquejadas enfrentaram muitas dificuldades: acesso aos parques, localizados fora do perímetro urbano; custos de deslocamento e hospedagem; além do cansaço devido ao fato, por vezes, da categoria feminina ser a última a competir, enfrentando sol durante o dia, frio à noite e sono nas madrugadas.

As estratégias adotadas para se inserir no grupo investigado consistiram em duas abordagens principais: contatos preliminares com os atores pelas redes sociais (via direct pelo Instagram) e a convivência no parque durante os dias dos eventos. A seleção das vaqueiras entre tantas possíveis foi baseada em seus respectivos perfis no Instagram, os quais já eram acompanhados pela pesquisadora há mais de um ano. Esse período de acompanhamento prévio permitiu uma familiaridade inicial com as práticas e interações das vaqueiras, facilitando a aproximação e o estabelecimento de um vínculo de confiança, essencial para a

realização da pesquisa de campo. Foram selecionadas apenas quatro vaqueiras para nossa pesquisa devido suas rotinas de trabalho e frequência nas vaquejadas. Por estarem constantemente em deslocamento, participando de eventos em lugares diferentes, tornou-se um grande desafio acompanhá-las.

Buscamos, observando as práticas das vaqueiras em seu meio, acompanhá-las no brete antes das competições, em seus passeios a cavalo, nos outros espaços do parque como no banhador, em sua boiadeira, nos bares, nas festas, em suas rodas de conversas. Outra abordagem adotada no campo foi a tentativa de nos distanciar das vaqueiras para analisar as situações como uma observadora externa. Para tanto, passamos horas nas arquibancadas das pistas de competição, a intenção era interpretá-las tanto a partir da perspectiva do público, quanto de outras vaqueiras e vaqueiros que assistiam às competições, além de realizar uma análise contextual mais ampla dentro do campo de estudo. Precisávamos viver e observar tais situações para que pudéssemos de forma mais fácil, vê-las de perto, sentir seu mundo, pelo menos naquele momento.

Mergulhar nesse universo e conviver com as vaqueiras, buscando compreender o mundo através de suas palavras, revelou um cenário de intensas emoções, onde a alegria das vitórias se contrapõe muitas vezes à frustração das derrotas. O amor pelo que fazem é o que realmente define essas mulheres vaqueiras. Esse amor se manifesta na relação com o cavalo, na hora da derrubada do boi e na dedicação ao esporte. Embora o aspecto financeiro também seja relevante, o sentimento predominante que move as vaqueiras é, sem dúvida, a paixão pela vaquejada. Como observadora, posso afirmar que é o amor a essência de todo o universo que envolve a vaquejada pela ótica feminina.

Como perspectiva metodológica vai se encaminhar pelos caminhos da História Oral, fizemos uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo histórica, investigativa, participativa, baseada nos pressupostos da metodologia da História Oral (Alberti, 2013), tendo como intuito a análise das narrativas de vida das vaqueiras acerca da temática a ser investigada. No que diz respeito à definição dos procedimentos metodológicos iremos investigar a partir da perspectiva de história do “tempo presente” que também é reconhecida como “história viva” (Meihsy; Holanda, 2011). Isso envolverá a arte da escuta, através da oralidade: “as fontes orais do historiador são narrativas individuais, informacionais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”, “conteúdos da memória”, (Portelli, 2016), autor que estudou as memórias coletivas da comunidade.

Unida à oralidade, desenvolvemos uma pesquisa ação, conforme Tripp (2005) e Thiollent (2011), para compreender e promover a participação feminina nas vaquejadas

paraibanas, permitindo que as próprias vaqueiras contribuíssem ativamente com suas experiências e vivências. Diferente da pesquisa tradicional, essa metodologia valoriza a oralidade e a interação direta com as participantes, fortalecendo a construção coletiva do conhecimento. Através de conversas, registros audiovisuais e observação nos parques de vaquejada, analisamos os desafios enfrentados por essas mulheres, incluindo preconceitos de gênero, estrutura das competições e aprendizado técnico no esporte. Como ação prática da pesquisa, elaboramos um flyer colaborativo, feito junto com vaqueiras, que será divulgado nas redes sociais, visando conscientizar e valorizar a presença feminina na vaquejada. Esse material não apenas amplia o reconhecimento das vaqueiras como competidoras legítimas, mas também reforça a importância da pesquisa-ação na transformação de espaços.

Assim, a história pública incorpora a participação das pessoas na construção da narrativa histórica, utilizando narrativas coletadas por meio de escutas sensíveis, que capturam os processos de mudança ao longo do tempo. A atitude de escuta nos aproxima e nos leva a repensar as formas de conhecimento, facilitando o processo de escrita colaborativa. A história pública é comunicação, não apenas divulgação, e deve envolver troca e reconhecimento dos diferentes lugares de fala. Dessa maneira, abre-se espaço para uma história comprometida, que mantém suas discussões teórico-metodológicas e se torna mais humanizada, para nós, como um trabalho interdisciplinar, a história oral é parte primordial.

O público das vaquejadas paraibanas tem suas expressões, entre valores e ações dessas manifestações culturais as festas, lugares onde os saberes são vividos e dialogados. Como podemos entender História Pública pela perspectiva da oralidade de mulheres vaqueiras? Segundo Santhiago (2011, p. 97), “a história oral é provavelmente o ramo de conhecimento histórico que mais e melhor se associou à história pública”. No contexto da vaquejada e das vaqueiras, são contadas histórias individuais de mulheres que desafiaram as normas tradicionais do esporte e da sociedade, tornando-se essenciais para compreender os acontecimentos e estabelecer um contexto histórico mais amplo. Ao partilharem suas experiências, essas vaqueiras contribuem para a preservação da memória, enriquecendo a compreensão histórica. A história oral, portanto, não apenas documenta essas vivências, mas também questiona as demandas e mudanças sociais, como a desigualdade de gênero, destacando a importância das narrativas femininas na construção de uma história antes silenciada. Essa prática de produção, coleta e valorização das histórias pessoais reforça o caráter colaborativo da história pública, evidenciando como as memórias individuais e coletivas reafirmam o papel das mulheres nesse cenário.

Ainda, nesta pesquisa, buscamos refletir as memórias (Pollak, 1992), pois durante a produção da oralidade sempre se faz necessário escolher o que vai ser esquecido ou lembrado, “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”, como exemplo de um constante trabalho “enquadramento da memória”, de “memórias individuais e coletivas”. Ainda de acordo com Michael Pollak, agentes sociais usam-se de estratégias na construção da memória “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Nessa construção de memórias temos: a continuidade dentro do tempo (no sentido moral e psicológico), a unidade física (concepção espacial, no nosso caso as festas de vaquejada) e o sentimento de coerência (os elementos que formam um indivíduo) (Pollak, 1992).

Mas como os historiadores definem o público? Recentemente, os conceitos acerca de público se expandiram “com, pelo e para o público” (Santhiago, 2016). Dessa forma, podemos abordar a difusão do conhecimento voltado para as audiências, a colaboração entre historiadores e o público, que produzem, refletem, consomem e manipulam o passado. Embora o conceito de história pública seja amplo, ele incorpora um sistema associado e colaborativo, como proposto por Thomas Cauvin. Ele usa a metáfora de uma árvore do conhecimento, onde as raízes simbolizam a criação e conservação de fontes, o tronco representa a interpretação e investigação histórica, os ramos indicam a difusão desse conhecimento para o público e, por fim, as folhas representam o consumo e os usos do passado. (Cauvin, 2020, p. 7-51).

O conceito de público é variável dependendo da abordagem adotada, das orientações historiográficas, e de questões políticas, culturais e transculturais, entre outros fatores. Em nossa pesquisa, o público das vaquejadas é compreendido como o grupo de pessoas que frequenta esses espaços para assistir à “derrubada do boi”, buscando uma forma de lazer que estão ligadas as culturas nordestinas. Esses espectadores não apenas consomem bebidas e participam das festas, mas também encontram nesse ambiente uma expressão de identidade regional, criando um sentimento de pertencimento e reforçando a tradição cultural do Nordeste.

Para a exposição da investigação, dividimos o trabalho em dois capítulos. O primeiro abordaremos a origem e as ressignificações da vaquejada, explorando como essa prática evoluiu ao longo do tempo, destacando a presença feminina. Discutiremos quais as personagens contemporâneas da vaquejada, tanto homens quanto mulheres, e como suas participações moldam o evento atualmente. Descreveremos as festas de vaquejada tal como acontecem hoje, destacando a grandiosidade e a complexidade dos grandes parques onde são

realizadas, lhes condicionando como um negócio. Nesse contexto, iremos mostrar a presença feminina nos cartazes, tomando como ponto de referência, o tradicional Parque Maria da Luz em Campina Grande-PB. Mencionaremos uma associação feminina que, embora não tenha acompanhado a transformação da vaquejada profissional, desempenhou um papel significativo nos últimos dez anos do século XX e atualmente se dedica apenas aos bolões de vaquejada.

No segundo momento, iniciaremos apresentando o diálogo entre a História Oral, a vaquejada e a pesquisa-ação, evidenciaremos as colaboradoras da pesquisa, destacando suas trajetórias e contribuições para o esporte da vaquejada. Abordamos como a mídia, especialmente as redes sociais, tem ampliado a visibilidade dessas mulheres, fortalecendo sua presença no cenário cultural e esportivo. Discutimos a transição das vaqueiras do espaço privado para o público e sua inserção na prática esportiva, classificando-as em categorias a partir das conversas realizadas. Exploramos como superaram barreiras e vêm conquistando seu espaço, enfatizando a importância do cavalo, do boi e dos equipamentos de proteção. Analisamos também as tensões enfrentadas por elas, como padrões de beleza, rivalidades, premiações e preconceito. Por fim, descrevemos os espaços que ocupam durante as competições e, com base na pesquisa-ação, desenvolvemos de forma colaborativa um flyer como ferramenta de valorização e conscientização.

Concluindo, esta pesquisa, construída no campo da história pública, lança um olhar sensível e comprometido sobre a presença das mulheres na vaquejada paraibana, a partir de suas falas e vivências. Por meio da pesquisa-ação, da oralidade e da análise de conteúdo, buscamos entender como essas mulheres constroem sentidos de pertencimento e resistência em um espaço tradicionalmente masculino. Nos revelando desigualdades de gênero, como a diferença nas premiações e os preconceitos enfrentados, esse estudo dá visibilidade à força das vaqueiras, que vêm ressignificando seus papéis na cultura e no esporte. Ao unir memória, oralidade e ação prática com a criação colaborativa de um flyer, construímos uma história feita com elas, contribuindo para ampliar os sentidos do que é ser mulher, ser vaqueira e ocupar, com orgulho, as pistas da vaquejada nordestina.

CAPÍTULO I – ATUALIZANDO CÓDIGOS DA VAQUEJADA

“Mamãe eu já vou
 Mamãe eu vou já
 Pra festa da vaquejada
 Mamãe eu vou já
 ...
 Correndo a sela deitado sem deixar o boi fugir
 Corre sorrindo com o boi preso na mão
 E na faixa dá-lhe um puxão
 E deixa a poeira subir”
 (Festa de Vaquejada - Alcymar Monteiro)

Neste capítulo, nosso objetivo é mostrar a origem das vaquejadas e evidenciar a presença das mulheres desde as festas de apartação até a vaquejada contemporânea. Para tanto, inicialmente discutiremos as ressignificações da vaquejada ao longo dos anos, destacando que, nos anos 90, houve a inserção feminina como competidoras no esporte, marcando uma ruptura significativa com os padrões de gênero tradicionais. Nesse processo ganha destaque uma associação feminina que, embora não tenha evoluído com a vaquejada profissional, teve sua importância reconhecida na últimos dez anos do século XX. Na sequência, apresentaremos as personagens atuais das vaquejadas contemporâneas, ressaltando as diferenças entre o vaqueiro de fazenda e o vaqueiro de vaquejada. Assim, exploraremos a importância da popularização das vaquejadas contemporâneas, detalhando o ambiente das festas de vaquejada e os modernos parques de vaquejada com seus espaços, fazendo com que a vaquejada contemporânea se volte para o comércio sem perder sua essência nordestina. Por fim, ainda adiante do intuito de demonstrar a presença feminina na vaquejada, apresentaremos um estudo de cartazes de eventos do tipo, que hoje se engaja apenas com bolões de vaquejada.

1.1. Da Apartação à Modernidade - Origem e as Ressignificações da Vaquejada

A nossa vaquejada hoje, ainda preserva elementos e valores da colonização do interior nordestino e, ao mesmo tempo, possuímos uma nova lógica que se baseia em grande parte no conjunto de valores culturais os quais formam se moldando a uma nova configuração. Como uma dicotomia, não podemos qualificá-la como uma sobrevivência do passado, nem algo exclusivo da atualidade, até porque a “derrubada do boi” dependendo das demandas

específicas de cada cultura e época, certas práticas culturais podem buscar no passado a legitimidade necessária para redefinir importantes práticas no presente.

Na época dos coronéis, a vaquejada é a festa mais tradicional do ciclo do gado nordestino³, onde o gado era criado solto na caatinga, pois as fazendas não tinham cercas, praticando pecuária extensiva. Os rebanhos vagavam em busca de alimentação, afastando-se da sede da fazenda e encontrando-se com gado de outros proprietários. Em junho, com o inverno seguro, os fazendeiros convocavam seus vaqueiros e os das fazendas vizinhas para as pegadas de gado. Uma fazenda era previamente selecionada para reunir todos no dia definido, iniciando a divisão dos animais, ou seja, a apartação do gado, que antecede a vaquejada (Cascudo, 1969).

Alguns desses animais soltos na mata eram considerados brutos e valentes, enquanto outros se reproduziam no mato, com os filhotes se tornavam selvagens por nunca terem tido contato com humanos, tornando-os difíceis de capturar. Mesmo assim, os vaqueiros os perseguiram, laçavam e traziam os barbatões⁴ aos pés do coronel. Nessa luta, alguns homens se destacavam por sua habilidade, originando a ideia de realizar disputas. (Barbosa, 2006)

O historiador e folclorista Câmara Cascudo afirma que por volta de 1810 a vaquejada ainda não existia, mas já se conhecia uma atividade similar.⁵ De forma oficial, o primeiro registro sobre vaquejada data de 1874, no poema popular “O Nosso Cancioneiro” de José de Alencar que escreveu sobre “puxada do boi no mato” no Ceará, porém reconhecia que não era algo novo e essa prática já ocorria anteriormente. Posteriormente temos como segundo registro oficial, no livro de Euclides da Cunha “Os Sertões” onde a vaquejada é descrita como parte integrante da vida do sertanejo, ainda como uma prática de trabalho e desafio, no ato de resgatar, apartar e marcar o gado.

Após concluírem o trabalho de apartação do gado, os vaqueiros se reuniam para demonstrar suas técnicas de manejo do gado e dos cavalos, prática que passou a ser conhecida

³ O ciclo do gado por onde o boi passa deixa riquezas - As trilhas de gado se tornaram pequenos povoados e depois vilas e cidades nordestinas de hoje, como Juazeiro, Feira de Santana, Caruaru, Sertânia, Arcoverde, Campina Grande, Crato, Icó, Caicó, Campo Maior, Parnaíba, Currais Novos, Pastos Bons e Apartação, cujos nomes vinculam-se à atividade criatória. (Cascudo 1985, P 13).

⁴ Barbatões ou bois marrueiros eram qualificativos de bois bravos que se atiravam na caatinga adentro desafiando os melhores vaqueiros da região. (Barbosa, 2006, P 25).

⁵ O historiador Câmara Cascudo dizia que por volta de 1810 ainda não existia a vaquejada, mas já se tinha conhecimento de uma atividade parecida. Era a derrubada de vara de ferrão, praticada em Portugal e na Espanha, onde o peão utilizava uma vara para pegar o boi. Mas derrubar o boi pelo rabo, a vaquejada tradicional, é puramente nordestina. Na região Seridó do Rio Grande do Norte, mais precisamente no município de Currais Novos onde tudo começou, era impossível o uso da vara, pois o campo era muito acidentado e a mata muito fechada, e por essa razão tudo indica que foi o vaqueiro seridoense o primeiro a derrubar boi pelo rabo. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/institucional#:~:text=Hist%C3%B3ria%20da%20Vaquejada,no%20Rio%20Grande%20do%20Norte>. Acesso em: 13/01/2024.

como festas de apartação depois vaquejada. Nesse contexto, os fazendeiros começaram a organizar disputas de vaquejada, onde os competidores eram seus próprios vaqueiros. Os coronéis faziam apostas entre si, mas os vaqueiros campeões recebiam apenas uma gratificação, sem premiações formais. Essas competições ocorriam nas fazendas e eram fechadas ao público, com poucas pessoas tendo a oportunidade de assistir às disputas. Como a maioria dos vaqueiros vivia e sustentava suas famílias nas grandes fazendas de gado, o público geralmente era composto por seus familiares. (Cascudo, 1969).

Em muito se falou no vaqueiro, vaquejada e apartação. Onde estavam as mulheres neste contexto da divisão do gado que posteriormente vieram as disputas da “derrubada do boi”? Onde elas se faziam presente, além do ambiente privado dos afazeres da casa e as criações de animais para consumo? Para melhor entender um pouco desse espaço feminino na nossa literatura temos o romance escrito na segunda metade do século XIX, intitulado “Dona Guidinha do Poço”⁶ de Oliveira Paiva, onde descreve “os principais personagens presentes no momento da apartação: os vaqueiros, as mulheres, os donos de fazendas e suas esposas, os comerciantes de gado, de garapa e de cachaça e a figura do poeta de desafio...” / “e as mulheres, estavam ali, de frente, esperando os homens que vinham da caatinga com os bois para depois separar” (Paiva, 1977, p. 117-130).

Diante desse contexto, a história da vaquejada está sim, também, vinculada às mulheres, e desejamos aqui ressaltar que a figura feminina sempre esteve presente e conectada ao universo da vaquejada desde sua gênese, associada à pecuária no sertão nordestino. Elas não estavam apenas “nos fundos ficava o curral das ovelhas, cabras, porcos e galinhas, entregues ao cuidado das mulheres da casa” (Barbosa, 2006, p. 18). A atuação feminina, por vezes, neste momento, extrapolava os limites do espaço privado, ao participarem das festas de apartação, seja esperando alguém ou apenas observando o evento mais estavam ali marcando presença construindo sua própria manutenção da tradição e cultura da vaquejada feminina.

“Não há apartação sem vaquejada, porém são atos diversos” (Cascudo, 1985, p. 35). Vaquejada e apartação estavam ligadas ao modelo de pecuária extensiva que não se tinha o conhecimento sobre cruzamento para melhoramento do rebanho, a qualidade da alimentação e medidas preventivas contra doenças, cuidados que o gado criado de forma intensiva requer. No momento que se estabelece as “cercas” nas fazendas “todo sertão está cercado e a pecuária

⁶ Paiva, Manuel Oliveira. O livro *Dona Guidinha do Poço*, romance realista, baseado em fatos, foi escrito no final do século XIX, só teve sua publicação completa apenas em 1952, após a morte do escritor. A narrativa é rica ao descrever as paisagens e costumes da região do semiárido cearense.

possui métodos modernos ... (Cascudo, 1969, p. 10-15)". A "derrubada do boi" se separa da apartação e legitimou-se além dos serviços pastoris e consolidou-se como um esporte equestre a partir da década de 1960, atingindo o auge de sua difusão e popularidade nos anos 1990. A figura do poeta de desafio⁷ tão esperado para ser ouvido nas festas de apartação foi substituída pelo forró nordestino. (Barbosa, 2006)

Podemos enxergar, aqui, uma ressignificação da vaquejada, sua desvinculação da apartação, a presença das cercas e de outros elementos. E mais: há um reforço quando o forró passar ser o animador dos eventos, deixando obsoleto o poeta de desafio. Diante disso, surgiram os primeiros eventos realizados em fazendas, fechados ao público, onde apenas poucas pessoas assistiam ao espetáculo, algo que gradativamente foi aumentando de proporção. No entanto, para afirmarmos sobre essas transformações nos pautamos, também, no cenário brasileiro marcado pela industrialização, urbanização com seus símbolos de modernidade, ou seja, mudanças sociais, políticas e econômicas fizeram parte desta inovação, como por exemplo o fenômeno da urbanização⁸

Com as mudanças decorrentes da industrialização e vida urbana, as tradições evoluem e se transformam para se adaptar às necessidades de cada sociedade. À medida que a nossa sociedade se modernizou, a tradição sustenta a mudança social por meio da readaptação e modificação de detalhes, ou seja, nossa vaquejada apenas passou por uma ressignificação já que não se transformou radicalmente: apenas se amoldou socialmente. A tradição nordestina expressa nas vaquejadas é preservada pela nossa cultura, que, apesar da inserção de novos elementos e formas da adaptação, permanece viva. Compreendemos por tradição tal como Hobsbawn e Ranger (2008) tradição é o conjunto de práticas, ritos e símbolos construídos no passado e que continuam a ser aceitos e atuantes no presente, "muitas vezes, 'tradições' que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas".

O termo tradição inventado faz referência tanto "as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez". (Hobsbawn; Ranger, 2008). A "tradição inventada" da vaquejada veio através da exploração comercial que popularizou a prática pelas

⁷ Cascudo, Câmara, poeta que contava histórias e o assunto mais sugestivo depois do "desafio" entre os cantadores era a história dos animais que povoavam a vida do sertão, bois, cabras, veados, éguas, bodes etc. (1969, p. 84)

⁸ De 1960 aos anos 80: Começam a ser disputadas as primeiras vaquejadas na faixa dos seis metros. Ainda eram eventos de pequeno porte, em sua maioria festinhas de amigos, com participação mínima de vaqueiros. O Brasil vivia a época da ditadura. O forró de Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Marinês e outros animavam as festas. ABVAQ – Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/institucional>. Acesso em: 17/01/2024.

mídias sociais da época, fator presente atualmente, na própria redefinição do vaqueiro e vaqueira como também pode ser expressa na aceitação e incorporação das senhas vendidas como ingresso para participa do esporte, as regras que regulam hoje os eventos, as delimitações da pista, a faixa de 10m, o cavalo de raça, o forró e a própria estrutura dos parque de vaquejada.

Contribuindo para este debate sobre mudanças, Joan Scott (1989) nos revela que o movimento feminista foi caracterizado por ondas, nas quais as ideias feministas gradualmente ganharam maior visibilidade e influência, ampliando a presença e o reconhecimento das mulheres na sociedade. A primeira onda aconteceu, no final do século XIX, um grupo de mulheres manifestarem-se em Londres por direitos civis, políticos e educativos, conquistando o direito ao voto. A segunda onda, de 1960 ao fim da década de 1980, especialmente nos Estados Unidos e na França, buscou igualdade e valorização das experiências femininas, numa tentativa de destacando-se num contexto onde os papéis das mulheres eram restritos à reprodução e aos cuidados domésticos. Na década de 1980, influenciadas pelo pós-estruturalismo, as feministas francesas iniciaram a terceira onda do feminismo, abordando lacunas deixadas pela onda anterior. Nesse período, as categorias fixas e estáveis foram questionadas, e o gênero passou a ser entendido como uma categoria relacional, deslocando o foco dos estudos de sexo e mulheres para as relações de gênero.

A partir da década de 1990, o movimento feminista vivenciou a chamada terceira onda do movimento feminista que é marcada pelo reconhecimento da pluralidade feminina, o que contribuiu para o desenvolvimento de vertentes que representam e consideram as particularidades das mulheres, como classe, raça e localidade, período este que a denominação “mulher” passa a ser pensada no contexto das discussões de gênero. Onde estavam as vaqueiras? “[...] na década de 90 já havia a inserção de mulheres no contexto da vaquejada. Mesmo em menor representatividade, conseguem se inserir em um espaço criado e mantido sob o domínio masculino” (Santos, 2017, pág. 45)

Os estudos de gênero têm contribuído para a desconstrução do uso de características biológicas como justificativa para o acesso e permanência em diversos espaços da sociedade. A luta feminina pelos seus direitos possibilitou a inserção das mulheres em práticas anteriormente exclusivas aos homens, incluindo algumas atividades esportivas. (Scott, 1989). Nos anos 90, a resignificação das vaquejadas trouxe consigo a inserção feminina como competidoras no esporte, marcando uma ruptura significativa com os padrões hegemônicos tradicionais. A presença das mulheres como participantes na “derrubada do boi” ambiente anteriormente dominado por homens desafiou as normas estabelecidas e promoveu uma maior

equidade de gênero. Essa mudança não apenas ampliou o espaço para as mulheres no esporte, mas também simbolizou uma transformação das lutas feministas brasileiras e a crescente aceitação da diversidade de gênero em várias esferas da sociedade.

Scott (1989) destaca que seguir apenas o caminho aberto pela "história das mulheres" não é suficiente. É necessário aprofundar as discussões e analisar de forma mais rigorosa como e por que a invisibilidade das mulheres continua na produção do conhecimento histórico. Dessa necessidade, surge o conceito de "gênero como categoria útil de análise". Isso significa reconhecer que a lacuna ainda está aberta e necessita de mais investigações sobre a temática, inclusive no caso da nossa temática na qual a mulher, hoje, está conquistando seu espaço na vaquejada mostrando ser uma transformação da diversidade de gênero. Entretanto, a conquista desses espaços pelas mulheres ainda enfrenta muitos desafios, o preconceito e a resistência por parte de alguns setores mais conservadores continuam presentes, dificultando a aceitação das mulheres vaqueiras. Além disso, a infraestrutura das vaquejadas e o próprio ambiente das competições muitas vezes não são adaptados para atender às necessidades das mulheres, o que evidencia, ainda, a persistência de uma desigualdade estrutural.

A visibilidade e a participação feminina, embora seja crescente, ainda precisam de suporte e reconhecimento para que as mulheres possam competir em pé de igualdade e desfrutar das mesmas oportunidades que os homens. Apesar dos avanços, muito ainda precisa ser feito para conquistar espaços femininos de maneira plena na vaquejada para mulheres. A criação de políticas de incentivo e suporte às vaqueiras, a promoção de campanhas de conscientização sobre a importância da igualdade de gênero no esporte e a valorização das histórias e das conquistas das mulheres na vaquejada são passos fundamentais, a serem escritos ou reescritos. A luta pela equidade de gênero no esporte é contínua, e a presença das vaqueiras na “derrubada do boi” é uma prova de que, com perseverança e apoio, é possível superar barreiras e transformar tradições culturais.

A renovação da vaquejada atrelado aos novos hábitos trouxe consigo alguns diferenciais: uma nova raça de gado que foi introduzido no Brasil, o boi zebu, provindo da Índia, adotou-se a forma de confinamento “pois até o momento as cercas ou não existiam ou eram feitas de pedras e paus” (Barbosa, 2006). Não foi apenas o regulamento que mudou, as inovações nas raças de cavalos usados nas vaquejadas também se destacam. Os cavalos nativos do Nordeste, conhecidos como “pé duro,” foram substituídos pelos “cavalos de raça” quarto de milha⁹; o reconhecimento como esporte nordestino e com variadas mudanças na lida

⁹ A raça Quarto de Milha chegou ao Brasil em 1955 trazida pela Swift-King Ranch, com objetivo de melhorar a qualidade dos animais das fazendas que pertenciam a empresa, localizadas em São Paulo. A partir daí,

e do trato com os animais¹⁰; a animação das festas com forró eletrônico, festas e espetáculos lucrativos. Assim a vaquejada sai do confinamento das fazendas, espaço privado e vai para o espaço público para os grandes parques e agora com a inserção feminina. (Aires, 2008). A inserção das mulheres nas pistas de vaquejada como competidoras marca, aqui, uma transformação significativa no esporte, sua consolidação representa quebra de estereótipos e redefinição de papéis na competição e na cultura brasileira. Vejamos sobre a renovação das vaquejadas:

Na década de 90, a vaquejada se popularizou, ao mesmo tempo que se tornaram populares os parques de vaquejada e as bandas de forró eletrônicas. Nesse contexto, grandes investimentos financeiros passaram a ser feitos nos cavalos de raça pura e nos vaqueiros. Atualmente as vaquejadas são espetáculos lucrativos que acontecem em eventos que duram geralmente três dias [...] consolidação da participação feminina (Aires, 2008, p. 81 e 82)

A oficialização da vaquejada como esporte profissionalizou ainda mais o evento, resultando em alterações nas regras da competição. Essas mudanças são evidentes nos locais das disputas que anteriormente eram realizadas nos pátios das fazendas, agora ocorrem em grandes parques. Com isso, as relações de trabalho entre os vaqueiros e seus empregadores também evoluíram, o vínculo tradicional entre vaqueiro e fazendeiro deu lugar à relação entre vaqueiro e grandes empresários. Além disso, a forma de remuneração mudou, enquanto antes os vaqueiros recebiam "um quarto da produção a cada cinco anos"¹¹, atualmente os prêmios das vaquejadas são divididos entre o vaqueiro e seu empregador e somam boas quantias financeiras. (Barbosa, 2006).

As vaquejadas, que antes ocorriam geralmente no mês de junho, agora possuem um calendário abrangente de eventos ao longo do ano. Esse calendário é dividido em circuitos, compostos por um conjunto de cinco a seis vaquejadas realizadas em parques de localizações

observando o desempenho dos animais, os pecuaristas e criadores de cavalo da região começaram a se interessar por esses animais e assim a raça logo se difundiu por todo o país. Com o crescimento do efetivo de animais e número de criadores, viu-se a necessidade de criar uma associação e, em 15 de agosto de 1969, foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha - ABQM –

Disponível em: <https://busca.abqm.com.br/?term=historia%20do%20cavalo%20quarta%20de%20milha>
Acesso em: 22/01/2024.

¹⁰ De 1980 até os anos de 1990, mudam-se as regras da vaquejada. Incorpora-se a faixa de dez metros no lugar da de seis, deixando de exigir força do vaqueiro e sim uma técnica mais apurada para derrubar o boi na faixa. Começa aí a ter prêmios para quem participava das competições. ABVAQ – Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/institucional>. Acesso em: 21/01/2024.

¹¹ Cascudo (1985) O sistema de pagamento por "quarteação" - Depois de quatro ou cinco anos de serviço começava o vaqueiro a ser pago. Sua remuneração correspondia a um quarto (quarteação) da produção da fazenda, pois em cada quatro bezerros nascidos durante o ano de atividade, um lhe pertencia e os outros três eram do proprietário.

próximas, frequentemente com duas em uma mesma cidade e as restantes nas cidades vizinhas. (Barbosa, 2006). Com a urbanização da vaquejada vieram vultuosos investimentos na construção dos grandes parques de vaquejada, que são construídos e pensados para esta finalidade, com uma padronização oficial para a pista de corrida. Esta área, agora, vista também como um empreendimento com espaços apropriados à comercialização. Os organizadores cobram ingressos para o público assistir as disputas e o vaqueiro é reconhecido como um atleta da pista. Junto com essa modalidade esportiva, surgem outros ramos econômicos atrelados à vaquejada, como é o caso das bandas musicais, os acessórios, medicamentos, as rações utilizadas pelos animais, mídia, entre outras atividades que dependem deste esporte.

A cada ano a vaquejada se expande no Nordeste, como também em outras regiões do país. Com um avanço nas regras houve a modernização e a adoção de técnicas que visam amenizar o sofrimento dos animais, através de equipamento de proteção com uso obrigatório, assim como o acompanhamento de especialistas. Regulamentos foram criados para padronizar a vaquejada, os instrumentos e os procedimentos a serem utilizados em todos os eventos oficiais, há fiscalização para garantir o cumprimento das regras estabelecidas, aplicando sanções em caso de infrações.

Desse modo não implica dizer nossa vaquejada - pôs fim à tradição nordestina, já que ressignificou com característica dos processos históricos e culturais ao longo do tempo. O popular da vaquejada reside na cultura vaqueirama, assim como na engenhosidade de sua transformação e atualização, incorporando e preservando os elementos do passado assim como agregou novos componentes exigidos pelas demandas sociais atuais. Notamos que ela deixou de ser apenas um trabalho rural para agregar e atrair uma grande quantidade de pessoas nos centros urbanos, tornando-se uma festa tradicional mais abrangente e diversificada em relação ao seu público e sua finalidade. Notadamente, todas essas alterações impactam e são impactadas pela presença das vaqueiras.

1.2. E como é o vaqueiro de hoje? É uma vaqueira de vaquejada

A festa de apartação, tradicionalmente, era um evento em que o vaqueiro da fazenda demonstrava suas habilidades ao separar o gado. Este vaqueiro, muitas vezes um trabalhador que vivia com sua família na propriedade rural, era essencial para o manejo do rebanho e recebia reconhecimento através de prêmios como carneiros e bezerras, mas não via grandes recompensas financeiras. No entanto, no decorrer do tempo, a vaquejada moderna

transformou-se em um negócio lucrativo, onde o vaqueiro desportista, agora uma figura pública, compete por prêmios em dinheiro e patrocínios. Essa transição reflete uma ressignificação da prática, que deixou de ser apenas uma atividade de manejo rural para se tornar um evento esportivo de grande visibilidade e retorno financeiro.

Na historiografia brasileira, a vaquejada e a figura do vaqueiro de fazenda foram amplamente retratadas na literatura de cordel, na discografia, na poesia, nos romances de autores nacionais e nos escritos dos folcloristas. Essas representações situam-se historicamente no “ciclo econômico do gado no Brasil”, que teve início deste o século XVIII, o período das apartações de gado. Nesse contexto, o vaqueiro de fazenda emergia como o “Herói do Sertão”, um ícone de valentia, coragem, destemor e força física, ou seja, “cabra - macho”. Sua imagem era enaltecida não apenas como um trabalhador rural, mas como uma figura que possuía todas as qualidades essenciais para enfrentar as adversidades do sertão brasileiro, consolidando-se assim no imaginário cultural do país. (Barbosa, 2006).

O vaqueiro desportista surgiu no cenário brasileiro nas primeiras décadas do século XX, concomitantemente à transição da pecuária extensiva para a intensiva. Esse período marcou o início de mais uma ressignificação na prática da vaquejada com a construção de grandes parques de vaquejada pelo país, proporcionando uma infraestrutura adequada para a realização de eventos em larga escala e consequentemente a sua popularidade nos anos 1990. Paralelamente, a animação das festas fica por conta das bandas de “forró eletrônico” que contribuiu para a difusão cultural e a popularização do esporte, atraindo um público diversificado e ampliando o alcance da vaquejada.

Desejamos aqui demonstrar que a ressignificação da vaquejada é sempre positiva e assimilada, assim como há uma distinção entre o “vaqueiro de fazenda” e o “vaqueiro desportista”, existe também uma diferenciação entre o “cavalo de fazenda” e o “cavalo de vaquejada”. O cavalo de vaquejada se distingue por ser de raça, tanto o cavalo de vaquejada quanto o vaqueiro desportista são considerados atletas. Em virtude disso, são cuidadosamente tratados por uma equipe composta por diversos especialistas. A figura do “poeta de desafio” cede lugar às “bandas de forró”, enquanto a vaquejada se transforma em um negócio estruturado, com regras e senhas. Os parques de vaquejada substituem as antigas “pistas de corrida nas fazendas” por pistas profissionais, conferindo ao evento um caráter mais formal e competitivo.

O “campeão das pistas”, o vaqueiro desportista, começou a ganhar visibilidade na mídia e entre seus pares, marcando um destacando sua transformação de um trabalhador rural para um atleta admirado, com habilidade e destreza nas competições que refletem tanto

tradição quanto modernidade da vaquejada. Essa metamorfose do vaqueiro simboliza uma fusão entre o passado e o presente, na qual a vaquejada continua a ser uma expressão cultural. A mídia desempenhou um papel fundamental sua difusão e popularização da vaquejada a cobertura midiática começou a ganhar força, com jornais, revistas, rádios, emissoras de televisão hoje com a ampliação destas, toma conta das redes sociais através do Instagram, lives destacando a cultura e as tradições associadas a esse esporte. Essa visibilidade ampliada pela mídia, além de trazer a vaquejada para o centro das atenções, carrega consigo novos públicos despertando o interesse de patrocinadores e investidores dando ao esporte um caráter de negócio, comercialização, ou seja, não só registrou a transformação das vaquejadas, mas também facilitou a disseminação de novos elementos e práticas, contribuindo para a modernização e atualização desse esporte tradicional.

É preciso ressaltar que a mídia não inventou a vaquejada, mas foi crucial para sua ressignificação, impulsionando sua comercialização e produto turístico criado pelo marketing, conforme o conceito de “tradição inventada” (Hobsbawm e Ranger, 2008). Esse processo permitiu que a vaquejada se repetisse e se reconstruísse, criando valores e símbolos que configuram uma identidade coletiva e fornecem uma base sólida para os interesses econômicos da indústria cultural. Em outras palavras, a mídia popularizou a vaquejada por meio de seus diversos canais e também pela própria redefinição do ser nordestino, que se apropria de um acervo de imagens e significados fornecidos pela cultura da vaquejada.

Segundo Halbwachs (1990, p. 71), a história vivida não se confunde com história escrita, pois a primeira se apoia na memória; o passado vivido “tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que o pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado”. A história vivida e a história escrita são duas formas distintas de compreender o passado, cada uma com suas particularidades e importâncias. A história vivida é sustentada pela memória, carregando consigo a subjetividade das experiências pessoais e coletivas. A memória é moldada por novas experiências e perspectivas, já a história escrita busca objetividade, utilizando documentos, registros e fontes verificáveis para construir uma narrativa mais linear e analítica do passado. A coexistência dessas duas formas de história é essencial, já que cada uma contribui de maneira única para a preservação e compreensão da herança cultural da vaquejada.

Outro fenômeno impulsionando pela mídia diante da cultura da vaquejada foi a “vaqueirização”, termo usado por Eriosvaldo Barbosa (2006) com o qual mostra que foi moldado o “sentimento de nordestinidade”. Se antes da popularização da vaquejada a figura do era nordestino era, estigmatizada e estereotipada, hoje é mostrada como uma representação

que se transformou em uma marca positiva “ser vaqueira”. Queremos aqui, apenas, evidenciar que essa positividade é produzida não apenas pela mídia, mas também, e de forma consciente, pelos próprios indivíduos inseridos nesse universo. A vaquejada cria redes de sociabilidade que conectam os indivíduos e permitem a elaboração de códigos que vão além dos objetivos imediatos, previstos ou não pela mídia. Esses códigos abordam, por exemplo, a definição da identidade de gênero.

Atualmente, os vaqueiros incluem professores, médicos, universitários, advogados, empresários e diversas outras profissões. Entre as figuras do vaqueiro de fazenda e do vaqueiro desportista, a maior ressignificação da vaquejada, desde a década de 1990 até os dias atuais, é a inclusão da vaqueira – a mulher desportista da vaquejada, somos médica, empresária, professora, mãe, bancária, entre outras. Ser vaqueiro, hoje, é também ser mulher, refletindo as "construções sociais", quebrando “relações de poder” mencionadas por (Scott, 1989, p. 7).

Joan Scott (1989), ao mencionar a terminologia da palavra "gênero" e seu significado, reflete sobre as interpretações dos historiadores acerca das relações sociais entre os sexos. Para a autora, a palavra "gênero" exclui o contexto biológico e passa a ser "uma maneira de indicar as construções sociais". Ou seja: “a totalidade das ideias socialmente criadas sobre os papéis dos homens e das mulheres” (Scott, 1989, p. 3). O gênero serve como um instrumento de análise e luta para romper com a visão que naturaliza as relações entre os sexos baseadas em explicações biológicas, essas explicações são usadas para justificar atitudes desiguais e opressoras entre mulheres e homens. O gênero diz respeito à organização social das relações entre os sexos, rejeitando o determinismo biológico sobre os papéis sociais de homens e mulheres. O gênero é um elemento essencial das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e é uma forma primária de dar significado às relações de poder. “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1989, p.86)

No campo da cultura e da produção simbólica, as desigualdades de gênero se manifestam de forma evidente, com os homens ocupando, historicamente, os espaços de prestígio, visibilidade e reconhecimento como a política, a ciência, as artes e, no nosso caso, a vaquejada. Mesmo quando as mulheres conseguem acessar esses espaços, muitas vezes precisam seguir regras e padrões masculinos, sendo tratadas como exceções e não como figuras legítimas. Essa exclusão acontece tanto de forma prática quanto simbólica, dificultando o reconhecimento das mulheres como protagonistas e produtoras de cultura,

saber e identidade. Por isso, é essencial trazer uma perspectiva crítica feminista para esse debate, a fim de expor e transformar as estruturas que mantêm as mulheres em posições de menor valor. Ao fazer isso, abrimos caminho para uma história mais justa e inclusiva, onde o feminino é respeitado, valorizado e visto como parte fundamental da tradição, como na vaquejada, espaço onde elas também constroem sentido, pertencimento e resistência.

Considerando que os papéis atribuídos a cada um dos sexos são construídos socialmente, e não biologicamente, a participação das mulheres na vaquejada quebra padrões hegemônicos, rompe relações de poder enrijecidas pela sociedade, especialmente aqueles que restringem e definem a feminilidade como delicada e passiva. Esta mudança não só amplia o espaço para a presença feminina na vaquejada, mas também contribui para a redefinição das normas de gênero na sociedade, promovendo inclusiva e igualitária, onde os atributos e capacidades não são limitados por estereótipos de gênero.

1.2.1. É o boi, o cavalo, é o vaqueiro. É o vaqueiro, o cavalo, é o boi. E o povo gritando derruba. E não pode deixar para depois¹²- as personagens da vaquejada

A vaquejada é uma atividade cultural e competitiva com características esportivas, realizada em uma pista de areia com no mínimo 40cm de espessura, onde dois vaqueiros, montados a cavalo, devem alcançar e emparelhar um boi, conduzindo-o até um local específico onde ele deve ser deitado. O vaqueiro-puxador é responsável por entrelaçar o protetor de caudas do boi e deitá-lo na faixa demarcada, enquanto o vaqueiro-esteireiro direciona o boi e o emparelha com o puxador, entregando-lhe o protetor de caudas.¹³

Observamos pela música e pelo significado apresentado que as figuras principais para conceituar o termo vaquejada são: vaqueiro, cavalo e o boi. Contudo o vaqueiro, com a ajuda de seu cavalo, sempre vence a competição, pois o evento é organizado para favorecer os vaqueiros. Na corrida, são quatro contra um: dois cavalos, dois vaqueiros e um boi, que é pressionado entre eles. Assim, a competição destaca os vaqueiros como campeões e o boi como o derrotado, apesar das vantagens, os vaqueiros precisam demonstrar habilidade no domínio do boi e do cavalo durante a puxada, o que os qualifica como "verdadeiros vaqueiros". A obtenção de uma performance positiva dos vaqueiros e patrões nas vaquejadas não se limita às influências dos cavalos, bois e tratadores de cavalos, mas também envolve a

¹² Nome da Música: “É o boi, o cavalo, é o vaqueiro” - Composição e Interpretação - Cláudio Rios - 2004

¹³ Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ - Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/institucional>. Acesso: 03/02/2024.

ação de outros personagens na competição, como o juiz de pista, calzeiros, fiscais de pista, cancelheiros, curraleiros, juiz do bem-estar animal e locutores.¹⁴ Cada um desses atores sociais desempenha um papel crucial que permite que a apresentação do vaqueiro ocorra em um ambiente competitivo, equilibrado e dinâmico.

No entanto, vale mencionar especialmente o treinador e o tratador, devido às suas funções, por possuírem ligação direta com os cavalos e são os acompanhamentos constantes das vaqueiras nos eventos. O tratador, o treinador e o vaqueiro são os únicos autorizados a montar os cavalos. Os dois primeiros trabalham em silêncio, sem aplausos, enquanto apenas o vaqueiro é visto e, por isso, recebe a fama e os elogios, é ele quem chama a atenção, sobretudo quando está na pista para derrubar o boi.

Nesse contexto, percebe-se que as vaqueiras, também não desenvolvem suas práticas isoladamente, pois contam com o apoio de diversos atores sociais. Uma outra personagem que desempenha um papel importante, o treinador de cavalos, responsável por domar e treinar os cavalos. Embora seja a vaqueira competidora quem, antes de entrar em cena, ajuste o animal, este, tem o seu valor financeiro de acordo com seu desempenho na pista. Um cavalo que conquista prêmios é valorizado financeiramente, aumentando sua cotação para compradores ou para quem deseja adquirir sua prole. Além disso, sua representação é enaltecida pelas conquistas, atribuindo ao cavalo e ao vaqueiro uma imagem positiva de vitoriosos e gozam de prestígio. Outro profissional também auxilia as vaqueiras e as acompanham nos eventos é o tratador, sendo ele responsável por dar banho, alimentar, pentear, embelezar, passear com o animal pelo parque, acompanhando os animais no corredor da pista de competição.

Adicionalmente, vale ressaltar a figura do patrão, tradicionalmente associado ao vaqueiro, ao cavalo e ao boi. No passado, os fazendeiros assistiam às vaquejadas e, ao final das corridas, ofereciam recompensas aos vaqueiros que se destacavam, geralmente na forma de criações, como carneiros e bezerros. Naquela época, os "vaqueiros de fazenda" eram homens que residiam na fazenda com suas famílias e cuidavam das atividades rurais. Com a ressignificação da vaquejada, a figura do vaqueiro desportista, traz consigo a oportunidade de lucro na festa de maneira profissional e comercial, gerando verdadeiras fortunas aos

¹⁴ Portal Vaquejada - equipes de fiscalização e de condução da vaquejada: juiz de pista - o responsável pelos julgamentos das "puxadas dos bois," dos vaqueiros nas competições; calzeiros - são aqueles que fazem a marcação constante da pista de competição com cal; fiscais de pista - são responsáveis pela retirada dos bois puxados nas competições; cancelheiros - são aqueles que cuidam da entrada e da saída dos vaqueiros na pista de competição; curraleiros - são os que cuidam da entrada e da saída dos bois nas pistas de competição; juiz do bem-estar animal - são os responsáveis por fiscalizar a saúde física dos animais; locutores - aqueles que narra a competição da vaquejada e divulga os eventos que ocorreram nas outras vaquejadas. Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br/>. Acesso: 04/03/2024.

vencedores. Essa tradição não desapareceu, apenas se adaptou aos novos tempos e públicos, permanecendo viva e relevante.

Os patrões ou patroas, além de competirem nas vaquejadas, realizam investimentos financeiros consideráveis, custeando a inscrição dos vaqueiros, adquirindo caminhões e cavalos, e providenciando a alimentação dos diversos participantes das competições, especialmente dos vaqueiros e seus auxiliares. Atuando como provedores das competições, os "homens fortes" das vaquejadas espetaculares podem gastar entre oito a dez mil reais por dupla de vaqueiro e sua equipe para cada evento. Aliás, o sucesso de um competidor na vaquejada depende muito do investimento realizado, primeiramente com os treinos, as inscrições, deslocamento para os eventos, do cavalo de corrida, da sua equipe, com toda essa esfera moderna que envolve a competição. Por toda essa forma de promoção, confere a figura do patrão ou patroa fama, status social, respeito.

A integração da Associação das Vaqueiras da Paraíba (ASSOVPB) é um marco relevante na história da vaquejada feminina da Paraíba, especialmente no que tange à inclusão feminina no esporte. Formada inicialmente por um grupo de aproximadamente seis mulheres, em 1997, a associação surgiu como um espaço de união e apoio mútuo, permitindo que essas pioneiras pudessem participar de bolões de vaquejada. Sem lideranças formais, as vaqueiras se organizavam de maneira coletiva, muitas vezes compartilhando o mesmo cavalo e competindo entre si, evidenciando uma força de vontade e resistência. Nos primeiros anos da década de 2000, a associação alcançou seu auge, reunindo cerca de 36 mulheres. Durante esse período, a associação desempenhou um papel crucial no incentivo à categoria feminina, facilitando a compra de senhas, cavalos para competição, deslocamentos e pressionando os donos de parques a incluírem provas femininas em suas competições. Embora a associação não fosse regulada por leis formais, ela mantinha uma organização interna que permitia o apoio e o treinamento das participantes, fortalecendo a presença feminina nas vaquejadas e desafiando as barreiras de gênero estabelecidas. (ASSOVPB, 2024) ¹⁵

Com o passar dos anos, no entanto, a relevância da ASSOVPB diminuiu, principalmente em comparação com o crescimento e a profissionalização da vaquejada e a inclusão da categoria feminina. Hoje, embora a associação ainda exista e continue incentivando a categoria feminina, ela está mais restrita aos bolões de vaquejada e conta com um número menor de participantes. Apesar dessa redução, a associação ainda desempenha um

¹⁵ Disponível em: <https://www.assovpb.com.br/> Acesso: 11/03/2024.

papel importante na preservação e no incentivo à participação feminina na vaquejada, mantendo viva a tradição e a luta por igualdade de gênero dentro do esporte.

1.3. A Festa e memória

A festa está presente durante todo o ano na vida das pessoas que excedem a simples comemoração e se torna um marco significativo no cotidiano. Independentemente do evento, ela representa uma ruptura com a rotina diária “a festa mais tradicional no ciclo do gado nordestino é a Vaquejada” (Casudo, 1969, p. 29). A festa de vaquejada, inicialmente enraizada nas práticas cotidianas das fazendas, era um evento que celebrava a apartação do gado “reunindo a gadaria esparsa pelas várzeas” (Casudo, 1969 p. 5). “Mesmo desaparecida a “apartação”, pela presença dos campos cercados, a vaquejada continua por todo o Nordeste como festa de destreza, presença tradicional de fidelidade ao passado” (Casudo, 1969, p. 30). Atualmente, a vaquejada é um evento profissionalizado e comercial, atraindo grandes públicos, além de preservar suas raízes culturais, “a derrubada do boi” contemporâneas incluem elementos de entretenimento como shows musicais, feiras e exposições, consolidando-se como uma importante atração turística e econômica nas regiões onde ocorrem.

Dessa forma, as festas são espaços de associação e sociabilidade, onde indivíduos se reúnem em torno de interesses comuns, no nosso caso a vaquejada. As experiências proporcionadas por esses eventos valorizam a interação entre os participantes pelo simples ato de estarem juntos e interagindo. No entanto, essa interação não está isenta de conflitos e tensões, pois a festa também pode ser um espaço de disputas por legitimação de ideias, sentidos e memórias, status e papéis sociais. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) define as festas como campos de lutas simbólicas, onde a disputa entre distintos agentes determina os códigos que as regerão e as fronteiras entre o permitido e o excluído, além de serem momentos de inversão da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes. Concordamos com o autor quanto à ideia de que a festa é um momento de inversão da vida social e da ordem social, baseada na memória coletiva da comunidade, especialmente, aqui, no contexto nordestino.

Notadamente, as festas de vaquejada desempenham um papel crucial na construção e manutenção das memórias coletivas e individuais, sendo mais do que simples eventos de entretenimento, são espaços onde tradições são revividas, permitindo que os participantes se conectem com suas raízes culturais nordestina. As festas são momentos em que memórias são

criadas, compartilhadas e transmitidas entre gerações. A interação entre os participantes durante as festas de vaquejada não só celebra o presente, mas também o passado, reforçando a continuidade da tradição e a coesão social. Assim, as memórias e as festas de vaquejada estão entrelaçadas, como um ciclo de continuidade da festa da “derrubada do boi”

Menciona Michael Pollak que a memória não é apenas pessoal, mas também uma construção coletiva, organizada a partir do presente e parcialmente herdada, ou seja, as experiências englobam tanto as vivenciadas pessoalmente quanto aquelas que foram vividas pelo grupo ao qual se pertence. Ela está intimamente ligada ao sentimento de identidade, que é a imagem que as pessoas constroem de si mesmas e apresentam aos outros. A memória contribui para a continuidade e coerência da memória individual e coletiva. Sendo um fenômeno construído tanto individual quanto socialmente, é natural que haja conflitos entre memórias pessoais e coletivas. Portanto, a memória e a identidade são frequentemente disputadas em conflitos sociais. (Pollak, 1992, p. 200; 212).

O coletivo envolve o que se lembra e o que se quer que seja lembrado, sendo socialmente compartilhado e incorporado. É um processo de apropriação que oscila entre imposição e adoção memórias. Pollak (1992) não deixa de problematizar o conceito de memória coletiva ao fazer uma crítica a Maurice Halbwachs, destacando a tensão entre memórias coletivas e individuais, em que as primeiras são compartilhadas socialmente, mas precisam fazer sentido para os sujeitos envolvidos. Contudo, a memória coletiva não é apenas imposta, mas também adaptada e reinterpretada pelos indivíduos, refletindo tanto a influência social quanto a experiência pessoal, individual. Isso revela a complexidade das interações entre memórias coletivas e a identidade individual, mostrando que o coletivo é tanto um produto social quanto uma construção pessoal.

Na obra "Em Qualquer Festa é Festa (?)", de Jaime de Almeida e Ana Guiomar Rego Souza (2008) a festa é tratada como um objeto de pesquisa, caracterizando-a como um fenômeno social. Eles argumentam que, apesar das várias interpretações sobre as festas, estas manifestações festivas são parte essencial da cultura e fundamentais para a estruturação da vida social entre os indivíduos. Os autores acreditam que, se as festas não fossem uma expressão do sentir coletivo e uma forma de acreditar na vida, não teriam permanecido aquelas determinadas comunidades. A festa não deve ser vista de forma unilateral, seja como um meio de legitimação ou de desagregação, mas como representações da experiência coletiva, gerada no cotidiano. Em nosso trabalho, observamos as festas de vaquejada como um evento que proporciona a interação de um espaço de "criação, recriação e apropriações." (Almeida; Souza; 2008)

Dessa maneira, a festa de vaquejada pode ser entendida pela ótica de Émile Durkheim e Marcel Mauss, como objeto de pesquisa, “é fenômeno multifacetado, ambivalente, polissêmico, partilhado pelos mais diversos campos de saber” (Almeida; Souza, 2008). Elas combinam elementos de competição esportiva, celebração cultural, refletindo tanto a tradição quanto a modernidade do Nordeste brasileiro. Ao mesmo tempo, essas festas são espaços de sociabilidade, onde ocorrem interações intensas e, por vezes, conflitos, tanto entre os participantes quanto em relação aos debates sobre ética e bem-estar animal. Assim, as festas de vaquejada são um campo fértil para analisar questões de gênero, poder, economia e dinâmica social.

A combinação entre o tradicional e o novo se unem na festa da “derrubada do boi” que envolve os sujeitos, objetos, estruturas e relações do cotidiano, apropriando-se da rotina sem necessariamente rompê-la, mas excedendo sua lógica temporariamente e invertendo o que é socialmente esperado. Durante os dias do evento festivo de vaquejada, as normas e convenções do dia a dia são suspensas, permitindo uma liberdade maior de expressão e comportamento. A festa, assim, torna-se um momento de exceção dentro da continuidade da vida cotidiana, proporcionando uma pausa na rigidez das normas sociais e permitindo uma maior espontaneidade e criatividade.

O autor Da Matta (1990) menciona que a festa se constitui em uma metamorfose transitória de papéis sociais consignando uma ruptura do cotidiano funcional. Onde a festa cria situações que suspendem a rotina dos “dias normais”, os comportamentos e atitudes das pessoas são normalmente vigiados e controlados. Fora da rotina, os indivíduos se sentem autorizados a explorar e incorporar comportamentos e motivações proibidos nos “dias normais”. A rotina mantém a ordem das relações sociais, onde as pessoas agem de acordo com os padrões reconhecidos como normais no cotidiano, assim, a ideia de festa está ligada a uma “visão anticotidiana da vida”, buscando romper com a continuidade da vida diária.

Dessa maneira, a resignificação das festas populares pode ocorrer quando fenômenos como a modernização, o sistema capitalista e suas atividades comerciais, assim como a formação de redes de interação e comunicação, toma espaço e alteram seus significados. A influência da modernização nesse processo é evidente durante os preparativos das festas, onde quando equipamentos e métodos de produção rudimentares são substituídos por alternativas mais modernas, facilitando a organização e a realização desses eventos. Nas festas de vaquejada contemporâneas, por exemplo, observa-se a inserção de músicas sertanejas, a forma de anunciar os eventos com carros de som, mídias digitais, entre outros meios.

1.3.1. Tem festa de vaquejada. Para o povão se animar. Reúna os vaqueiros. E vamos farrear. E vamos negociar¹⁶ - O Negócio das Festas de Vaquejada

As festas de vaquejada são “popularíssima(s) no sertão e reúne(m) um grande número de curiosos. Algumas atraem vaqueiros famosos que vêm de longe” (Cascudo, 1969, p. 719). O conceito de nosso folclorista, embora não ultrapassado ao discorrer sobre a significância da participação pública, permanece relevante ao observar que, até os dias atuais, muitas pessoas se deslocam de outros estados para prestigiar a vaquejada. No entanto, ele se mostra desatualizado ao restringir a vaquejada ao Sertão nordestino, uma vez que atualmente, a vaquejada alcançou uma abrangência nacional, ainda que sua presença seja mais significativa no Nordeste. A festa do gado são verdadeiros pontos de encontro e celebração, que expõem a cultura vaqueira como momentos de contínua manutenção de suas raízes históricas, reafirmadas a cada evento, marcadas pelas ressignificações dos eventos pelo fenômeno da comercialização. A vaquejada que era voltada para celebração e diversão, apenas, atualmente como lazer e negócio para ganhar dinheiro, possibilidades de gerar lucros.

Os parques desempenham um papel fundamental na compreensão da vaquejada atualmente como um “negócio define o fenômeno vaquejada”¹⁷, marcado por constante negociações. É neste ambiente que se evidencia a influência da mídia na transformação da vaquejada em um produto, impulsionando sua comercialização. A movimentação comercial começa antes mesmo da realização dos eventos, com a transformação dos parques em verdadeiras “cidades” temporárias. A agitação midiática é forte, promovendo o espaço e atraindo investidores através de cartazes, panfletos e outdoors, além da divulgação nas redes

¹⁶ Nome da Música: “Reúna os Vaqueiros” – Composição: Vavá Machado e Marcolino, 1976; Interpretação: Rita de Cássia quem ao cantar acrescentava “E vamos negociar.”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HUKu64GxP5o>, Acesso: 15/02/2024.

¹⁷ Barbosa, 2006. Define o termo “negócio” para as vaquejadas contemporâneas - A configuração atual da vaquejada é moldada por diversos elementos cruciais que contribuíram para sua transformação e popularização. O cavalo de raça, particularmente o Quarto de Milha, substituiu os cavalos nativos, proporcionando melhor desempenho nas competições. A introdução da senha e da pista profissional padronizou e elevou o nível técnico das disputas. As regras da vaquejada foram formalizadas, garantindo mais organização e segurança, enquanto as comissões de organização asseguram o cumprimento dessas normas. A boiada selecionada especificamente para a competição e o forró, que anima as festas, são essenciais para a atmosfera festiva e cultural do evento. A lógica de negócio da vaquejada é impulsionada pela comercialização dos espaços do parque, onde se realizam as competições. Esse aspecto é fundamental para entender a vaquejada contemporânea, pois revela a sua natureza comercial, com parques dedicados ao evento, gerando receita e sustentabilidade econômica para a atividade. (p. 50-68). Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=HPdJEAAAQBAJ&pg=GBS.PT71>. Acesso: 19/04/2024.

sociais, que detalha os eventos de vaquejada realizados ao longo do mês, fornecendo informações sobre o local, os prêmios e os valores das inscrições.

Segundo Thompson (2002, p. 25) “toda forma de comunicação pressupõe um conteúdo simbólico”. A comunicação envolve a transmissão de informações, ideias, sentimentos ou valores de um emissor para um receptor através de símbolos, que não têm significado próprio, adquirem sentido dentro de um contexto cultural compartilhado, ou seja, o fenômeno da vaqueirização midiática com a exploração mercadológica. Esse processo se dá pela absolvição da cultura vaqueirama, através de palavras que remetem a ruralismo, a própria figura do boi e cavalos, os rapazes se vestem no estilo dos vaqueiros, com cinto de fivela grande, botas, chapéu, calça jeans e as mulheres são revestidas da campeãs da “derrubada do boi” empoderadas.

Os parques de vaquejada, de hoje, pensados e idealizados para este fim podem se localizar na zona urbana como o Parque Arena Jampa em João Pessoa- PB ou na zona rural como o caso do Vila Cowtry em Sumé-PB. Vemos como um espaço que tem como ponto principal a pista da derrubada do boi e uma arquitetura voltada para o comércio usando slogans de marcas famosas e locais, com espaço de divulgação de stands. No intervalo das competições, a exibição nos painéis comerciais incentivam a compra de diversas mercadorias, como produtos equinos. Dessa forma, os proprietários dos parques asseguram seus lucros por meio das inscrições dos vaqueiros nas competições, dos patrocínios, dos comerciantes informais que montam barracas de comida e bebida tanto dentro quanto fora dos parques, do consumo dos frequentadores durante as festas e da venda de ingressos para os shows que ocorrem à noite.

Figura 1 - Entrada do Parque da Vaquejada



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 16/11/2023

Figura 2 - Área de sociabilidade



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 19/11/2023

Figura 3 - Pista de vaquejada



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 19/11/2023

Tomamos como referência o Parque de Vaquejada Maria da Luz em Campina Grande –PB, para entendermos essa atmosfera comercial em dias de evento. Logo na entrada do Parque de Vaquejada somos imediatamente impactados pela presença dos patrocinadores, com logotipos estrategicamente posicionados para obter a atenção do público: são grandes balões publicitários que flutuam sobre a entrada, destacando as marcas que apoiam o evento e criando uma atmosfera comercial. Ao adentrar o espaço interno do parque, é impossível ignorar a quantidade de barracas que compõem a praça de alimentação, além de outras com produtos voltados para o estilo “vaquejada de ser”. Alguns são stands de vendas de raça animal, acessórios, entre outros. No entanto, cada um contribuindo para o dinamismo fenomênico atrelado a atmosfera festiva do evento.

A própria pista do Parque de Vaquejada torna-se uma vitrine, flanqueada por banners e cartazes dos patrocinadores, enfatizando ainda mais o caráter comercial da vaquejada. A presença contínua de propaganda ao longo das laterais da pista reforça a importância dos patrocinadores na viabilização do evento e demonstra como a vaquejada se transformou em um grande negócio. Toda essa estrutura comercial integrada ao evento mostra a ressignificação da vaquejada moderna, que, sem perder suas raízes tradicionais, se adaptou às exigências e oportunidades do mercado contemporâneo, mostrando-se não apenas como uma celebração cultural, mas também como um empreendimento econômico.

Conforme já mencionado, com a ressignificação da vaquejada, vieram significativas transformações, o "vaqueiro de fazenda" que outrora recebia criações como recompensa, deu lugar à "vaqueira desportista" que, atualmente, pode receber de um a três salários-mínimos mensais, dependendo do patrão, para se dedicar integralmente à profissão. Ademais, metade

das premiações obtidas nas competições é dividida entre a vaqueira e o patrão. O "cavalo pé duro" foi substituído pelo "cavalo de raça", de linhagem pura, considerados a "alma do negócio", com valores que começam a partir de R\$ 80.000,00. De acordo com a ABVAQ, são cerca de 800 eventos por ano, um negócio milionário, que entre premiações, shows e publicidade, estima-se que as festas rendem em torno de R\$ 150 milhões. (ABVAQ, 2023). Saindo dos “terreiros das fazendas” e indo para as “pistas profissionais”, tomamos por exemplo o Parque de Vaquejada Maria da Luz, em Campina Grande-PB, que foi eleito o terceiro melhor parque de vaquejada do Brasil em 2023 e está avaliado em aproximadamente 14 milhões de reais. Essas mudanças evidenciam a transformação da vaquejada de uma prática tradicional para um empreendimento comercial e lucrativo, sem desconsiderar a cultura nordestina e o significado da “derrubada do boi”. (ABVAQ, 2024)

A comercialização no referido parque durante o evento é um processo sofisticado e tecnológico, refletido que as senhas para “correr o boi na pista” são vendidas, apenas, de forma on-line, que no ano de 2023 variaram de R\$500,00 a R\$1.000,00. Este valor é apenas um aspecto do complexo aparato que envolve a vaquejada. O sistema de sonorização de última geração, as câmeras de tira-teima meticulosamente posicionadas, os fotógrafos profissionais e a comissão de pista, que se posiciona na lateral oposta à comissão de locução, todos desempenham papéis cruciais para garantir a precisão e a excelência do evento. Além disso, não se pode esquecer das premiações oferecidas para ambas as categorias, masculino ou feminino, que em um único evento podem chegar a até R\$450.000,00. Esses elementos não apenas refletem a ressignificação da vaquejada como um empreendimento comercial e lucrativo, mas também preservam e valorizam a rica cultura e o significado histórico desse tradicional esporte nordestino. (ABVAQ, 2024)

Os parques de vaquejada se transformam em espaços sofisticados, refletindo a ressignificação e para “a festa mais antigas e popular praticada no Sertão nordestino” (Barbosa, 2006), a figura tradicional do cantador de viola torna-se obsoleta, dando lugar ao forró, seja no estilo pé-de-serra ou eletrônico, que agora acompanha a vaquejada e reforça a identificação com as “raízes nordestinas”. Essa transformação não apenas moderniza os eventos, mas também se amplia atraindo mais público de diferentes idades contribuindo para a preservação e valorização da cultura nordestina musical, que dialoga com as novas gerações e com as demandas contemporâneas de entretenimento.

A história pública pode envolver o público e aprender com ele, explorando movimentos, imaginações, memórias e conhecimentos compartilhados. Isso envolve o diálogo com diversos espaços de interação e participação, incluindo profissionais que refletem sobre

como o passado é usado tanto dentro quanto fora da universidade. Para Santhiago (2018) ao utilizar a história oral como ferramenta de pesquisa, é possível promover um caráter colaborativo na historiografia, facilitando a coleta e preservação de narrativas do passado:

Se a história oral impactou a história pública aguçando o caráter colaborativo e comunicativo dos processos de elaboração de interpretações sobre o passado, a recente expansão e fortificação da segunda têm acentuado o pendor público da primeira, reposicionando a história oral – frente às evidências de mercantilização da memória – como uma prática de resistência orientada por seu compromisso social (Santhiago, 2018 p.149-150)

Para esta pesquisa, a história oral tem desempenhado um papel crucial na ressignificação da vaquejada sob a ótica das vaqueiras, tornando-se uma ferramenta para a História Pública ao amplificar vozes antes silenciadas. O impacto da história oral, ao estimular processos colaborativos e comunicativos na interpretação do passado, fica evidente para nós na maneira como as narrativas e vivências das vaqueiras têm sido incorporadas para melhor entendimento histórico desse esporte. Diante da mercantilização da memória, a história oral desempenha como uma prática de resistência, comprometida com a preservação e valorização das experiências das vaqueiras, isso reposiciona a história oral não apenas como um método de pesquisa, mas como uma forma de engajamento social, que busca desafiar e reescrever as narrativas dominantes, trazendo à tona as contribuições e desafios enfrentados pelas mulheres no esporte da “derrubada do boi”

Diante desse contexto de ressignificação da vaquejada e consequentemente de como ela atinge públicos, devido sua popularização, concordamos com o fato de: “história pública não é um conjunto de técnicas a serem apreendidas e emuladas, mas um processo contínuo de aprendizado”. A história pública não se define essencialmente pela transmissão de um conjunto de habilidades e técnicas para a criação de bens culturais, mas sim pela sua capacidade de transformar a relação das pessoas com o passado. (Santhiago, 2018, p. 286). Essas relações se dão de maneiras diversas. É o caso da atenção ao fato de como o forró está presente em diversos setores do parque de vaquejada, durante as corridas quando os locutores frequentemente narram ao ritmo da música, enaltecendo a vaqueira e intensificando a emoção do momento; nos intervalos, o forró continua a embalar o ambiente; animando as festas "particulares nos caminhões"; nos bares e tendas de venda de alimentos e acessórios para os vaqueiros. A música está em todo o parque, acompanhando as danças e celebrações garantindo o espírito festivo e a identidade cultural nordestina promovendo a interação social entre os participantes.

Nos parques de vaquejada, os shows musicais são um dos pontos altos de lucratividade e atração para o público. Durante os três dias do evento, diferentes bandas se revezam, começando as apresentações por volta das 22h e continuando até o amanhecer. Os valores dos ingressos variam conforme a área frequentada, oferecendo diferentes níveis de experiência ao público. No Parque de Vaquejada Maria da Luz, em Campina Grande-PB, no ano de 2023, por exemplo, a entrada para os shows na pista custa R\$70,00 pista, enquanto o acesso ao camarote open bar chega a R\$650,00. Esses eventos musicais não apenas ampliam a diversão, mas também aumentam significativamente os lucros da vaquejada, consolidando-a como uma festividade cultural e também econômica em virtude da lógica de negócio.

No entanto, queremos aqui mencionar que, nas vaquejadas realizadas no espaço interno dos parques, ouvimos predominantemente o estilo forró, mas também escutamos pagode e muito sertanejo. Como se pode observar, a vaquejada torna-se cada vez mais eclética, à medida que o forró deixa de ser o único elemento a simbolizar o evento. Na contemporaneidade, a vaqueira é uma figura urbana e desportista, com hábitos que não se restringem apenas ao Sertão, ela também representa o estilo de vida urbano, interligada às redes sociais, exibindo uma preferência musical diversificada, que inclui forró, pop rock, sertanejo, pagode, entre outros gêneros.

As músicas tocadas nas vaquejadas vão além do entretenimento é um meio de identificação para as vaqueiras que refletem o seu eu, se sentem representadas pela aquela determinada melodia conectadas com suas raízes, encontrando na música uma expressão de sua própria identidade e das experiências vividas nas competições, como também, em seu cotidiano reforçando o sentido de comunidade e pertencimento dentro e fora das arenas de vaquejada.

Ao considerar o público como fonte de pesquisa, não apenas como receptor passivo, mas como um colaborador ativo na construção da história, a História Pública, está valorizando narrativas, memórias e experiências de pessoas comuns, destacando relatos de indivíduos e comunidades, muitas vezes negligenciadas pela historiografia tradicional, agora, ganham espaço e importância. “Talvez a principal diferença entre o que história pública propõe e o que a academia produza seja a ampliação do espaço e do seu público, e os fins dados aos usos do conhecimento.” (Almeida; Rovai, 2013, p.3).

A História Pública, ao focar no público como fonte de pesquisa, permite que as narrativas de vida das mulheres envolvidas na vaquejada sejam valorizadas e registradas, destacando suas experiências e desafios em um espaço historicamente masculino. Ao documentar e dar visibilidade a essas histórias, a História Pública amplia a compreensão do

esporte, mostrando como as mulheres estão redefinindo os papéis tradicionais e contribuindo para uma nova configuração social dentro desse cenário cultural.

Um dos pontos cruciais da resignificação das vaquejadas foi a mudança estrutural dos próprios parques, local onde acontecem os eventos, que deixou as pequenas pistas para se concentrar em fazendas adaptadas para grandes públicos ou em espaços que já foram pensando para esse propósito desde os anos 90¹⁸, onde o “vaqueiro de fazenda” passa ser “vaqueiro de vaquejada”; o “cavalo de fazenda” cede lugar para “cavalo de vaquejada”. Durante os dias da nossa pesquisa de campo, as vaquejadas que frequentamos notamos que a área do parque vai além se uma estrutura geográfica, o espaço aqui é o “lugar praticado” (Certeau, 1996, p. 202). Aqui, neste, vemos que é um espaço público, onde o parque é adaptável em relação as suas características e os interesses sociais dos envolvidos na vaquejada.

Em geral, os parques de vaquejada seguem uma estrutura similar, apresentando espaços principais que atendem tanto às necessidades dos competidores quanto do público, a pista de corrida é a parte central do parque, onde ocorrem as competições, cercada por arquibancadas que acomodam os espectadores, garantindo uma visão privilegiada das corridas. Os camarotes, destinados a um público que busca mais conforto e exclusividade, se destacam ao lado das arquibancadas. O restaurante e o bar que oferecem opções de alimentação e bebida, enquanto a casa de show ou o ambiente aberto para festas garantem a continuidade das festas após as corridas. As baias e os currais são essenciais para abrigar os animais, e as barracas de serviços e comércio fornecem produtos e serviços variados, atendendo desde os competidores até os visitantes.

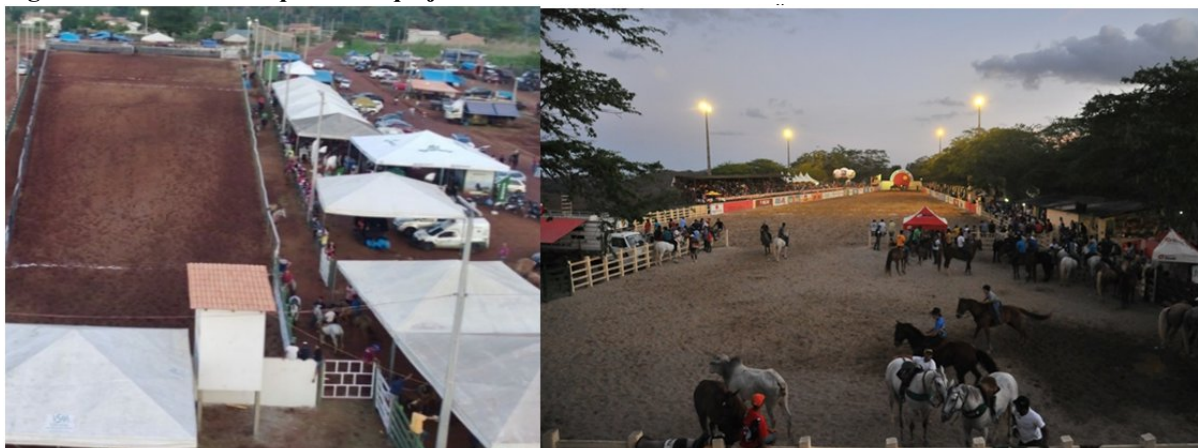
O estacionamento, geralmente próximo ao banhador de cavalos, acomoda os veículos dos participantes, incluindo os caminhões que transportam os cavalos. Banheiros são distribuídos estrategicamente pelo parque para atender ao grande fluxo de pessoas são vários. Por fim, a área de exposição de prêmios, onde são mostrados os troféus e outros itens em jogo, reforça o clima de competição. Todo o parque é dividido em áreas sociais distintas, cada uma com seu propósito específico, criando um ambiente que atende a diferentes públicos e objetivos dentro do universo da vaquejada.

Nos dias do evento o parque torna-se como se fosse uma “cidade”, mais especificamente, devido ao tamanho, podemos classificar com uma “minicidade” que se ergue

¹⁸A partir de 1990, pela sua popularização maciça, desenvolvida pela mídia escrita, falada e televisiva, junto com o surgimento dos parques de vaquejada e das bandas de forró eletrônicas, e pelos volumosos investimentos financeiros nas vaquejadas em cavalos, caminhões e vaqueiros (Barbosa, 2006). Disponível em: <https://google.com/books/reader?id=HPdJEAAQBAJ&pg=GBS.PT143&q=ambiente>. Acesso em: 18/05/2024.

pelos dias que acontece a vaquejadas. Os veículos e barraqueiros vão chegando e se organizando de uma forma que, sobre sua uma visão aérea tem-se a percepção de uma rua onde os caminhões são as casas, o espaço privado, e as demais dependências do parque é o espaço público. (Barbosa, 2006). Já no caso dos parques mais modernos, como o do já citado Parque Maria da Luz, Campina Grande-PB, nos traz zonas planejadas, além das ruas, que nos faz concluir que seriam verdadeiros bairros, transparecendo a organização de uma urbe instalada por alguns dias.

Figura 4 - Áreas do Parque de Vaqueja Maria da Luz em 1994



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 12/12/2023

Ambas fotografias mostram da pista de vaquejada do Parque Maria da Luz em Campina Grande, Paraíba, na década de 90. Nelas podemos perceber uma configuração bem diferente do que é comum hoje em dia: os caminhões de transporte dos vaqueiros e dos animais eram dispostos de forma alinhada, criando uma espécie de rua lateral ao longo da pista. Esse arranjo permitia que a rua formada entre os veículos servisse como um espaço de trânsito e convivência, no qual as pessoas podiam circular livremente, observando os eventos e socializando. A pista de vaquejada, em si, parecia estar aberta, proporcionando uma visão ampla não apenas para os competidores, mas também para os observadores que se posicionavam em diversos pontos ao redor, incluindo as arquibancadas. Esse formato aberto, sem barreiras significativas, favorecia um ambiente mais acessível e democrático, que nos leva a entender, que ainda não era uma pista de vaquejada profissional das vaquejadas atuais. Na pista de vaquejada vemos também que o comércio local se adaptava a essa configuração, com barracas e vendedores espalhados ao longo dessa rua improvisada entre os caminhões e carros de passeio, que também se posicionavam ao lado da pista. Isso supostamente criava uma atmosfera animada, onde o público circulava entre as barracas, explorando os produtos à venda, enquanto acompanhava a movimentação dos vaqueiros e seus animais.

Figura 5 - Áreas do Parque de Vaqueja Maria da Luz em 2023



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 12/12/2023

Ao observar uma fotografia aérea da pista de vaquejada profissional do Parque Maria da Luz, em Campina Grande-PB, ele nos revela uma infraestrutura que vai muito além de uma simples pista de competição: vemos uma verdadeira cidade temporária erguida ao redor do evento, com zonas planejadas que formam ruas e com espaço que pela visão aérea se assemelha a bairros, onde os caminhões, barracas, e demais estruturas estão dispostas, criam uma rede que, por alguns dias, transforma o parque em uma espécie de urbe. Essas "ruas" temporárias não só facilitam o trânsito e a circulação das pessoas e veículos, mas também destacam o nível de organização necessário para acomodar uma grande quantidade de participantes e espectadores. Podemos observar espaços reservados para os caminhões de transporte dos animais, áreas designadas para o comércio, alimentação e lazer. Essa distribuição lembra os bairros de uma cidade, em que cada setor possui uma função específica, criando uma dinâmica de interação e convivência que sustenta a vida desse "bairro" temporário.

Nessa “minicidade” erguida para o evento das vaquejadas tem uma peculiar estrutura física e social: na rua é fácil de se ouvir as expressões “ramo na lá na festa”, “ramo para casa”, “ramo para os bois”. As áreas públicas são tidas como lugares de lazer onde as pessoas buscam por excitação como uma maneira de escapar da pressão social e encontrar alívio. (Durkheim, 1989). A vaquejada oferece momentos de adrenalina e excitação únicos, proporcionando prazer para os participantes.

Notadamente, a vaquejada, além de ser uma competição, é um espaço privilegiado de lazer onde as vaqueiras encontram uma oportunidade de socializar e desfrutar de momentos de diversão. Esse ambiente de lazer proporciona uma sensação de liberdade que contrasta com as obrigações do cotidiano, como o trabalho, a escola e as responsabilidades familiares, nos quais as normas sociais mais rígidas costumam predominar. Durante os dias do evento, as interações entre as participantes e os espectadores acontecem de maneira mais espontânea e menos estruturada do que no ambiente de trabalho, permitindo a expressão de comportamentos e emoções que, muitas vezes, são reprimidos pela moral social dominante. Esse espaço de lazer, portanto, torna-se um refúgio onde a vaqueira pode vivenciar sensações diferentes, experimentar uma liberdade que no dia a dia é limitada, fortalecendo as conexões com outras pessoas que compartilham da mesmo afeto pela vaquejada.

Quanto à organização dos espaços durante os dias do evento, os caminhões utilizados pelas vaqueiras deixam de ser apenas meios de transporte entre as cidades onde acontecem as vaquejadas e passam a funcionar como verdadeiras “casas” móveis. Esses espaços se tornam refúgios privados, onde as vaqueiras podem descansar após as competições e se preparar para as próximas corridas. Além disso, os caminhões desempenham um papel importante como pontos de encontro social, no qual as vaqueiras se reúnem com amigos, outras competidoras e patrocinadores. Nessas interações, surgem oportunidades para negociações sobre questões relacionadas à vaquejada, como trocas de experiências, conversas sobre cavalos, estratégias de competição, e até mesmo fechamento de parcerias e patrocínios. Assim, os caminhões se transformam em centros de convivência e negociação, ampliando seu papel além da mobilidade, para um espaço fundamental na construção e manutenção das relações sociais e profissionais no universo da vaquejada. Como menciona DaMatta (1990, p. 18), a casa é “espaço da afetividade, da segurança, do íntimo e do privado”.

Figura 6 - Caminhões usados nas vaquejadas



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 12/12/2023

Na foto, vemos caminhões de vaquejada que servem para o transporte dos cavalos de uma cidade para outra, de uma vaquejada para outra. Ao lado dos caminhões, lonas são estendidas para criar sombra, proporcionando um ambiente mais confortável tanto para as vaqueiras quanto para os animais, onde os cavalos podem ser acomodados sob essa sombra. Esse meio de locomoção se tornam o refúgio privado das competidoras e suas equipes, um espaço improvisado é onde as vaqueiras descansam, convivem e se preparam para as competições, simbolizando um lar temporário dentro do cenário da vaquejada.

No espaço público da vaquejada, notamos ser um lugar onde as vaqueiras estão sempre interagindo e construindo laços sociais, observamos, também, que são constantes suas tentativas de ampliar e manter seus círculos de amizade. As conexões se estendem a várias figuras do ambiente, como organizadores, donos de parques, patrões de outras competidoras, blogueiras e até pessoas simples, como a moça da lanchonete ou o rapaz que vende amendoim. Para elas, cada passeio pelo parque se torna uma oportunidade para brincadeiras, tirar fotos, receber convites para beber ou participar de festas. As conversas variam desde relacionamentos, como namoradas e namorados, até discussões mais técnicas sobre cavalos, premiações e os preparativos para futuras competições. Essa constante socialização reflete a importância das interações pessoais e do espírito de comunidade que permeia o universo das vaquejadas. Sobre os espaços de socialidade do parque de vaquejada queremos destacar o bar.

Figura 7 - Bares do Parque de Vaquejada Maria da Luz, 2024



Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso em: 14/12/2023

Na fotografia, vemos o bar central do Parque de Vaquejada Maria da Luz, Campina Grande, PB, situado estrategicamente na praça de alimentação, que é um ponto alto de comércio e sociabilidade durante os eventos de vaquejada, podemos entendê-lo como o local mais movimentado, evidenciando sua importância para a dinâmica social do evento. Observa-se um grande fluxo de pessoas ao redor, engajadas em diversas atividades: algumas estão se alimentando, outras interagindo e observando a vaquejada. O ambiente ao redor do bar revela um espaço no qual a sociabilidade e a presença do comércio formam um cenário que serve também como experiências coletivas onde vemos famílias desfrutando das tradições nordestinas.

Independentemente da natureza do evento, a festa ocorre ao longo de todo o ano na rotina das pessoas. Conforme discutimos no capítulo anterior, o termo "festa" é utilizado tanto para descrever a competição de vaquejada (a festa da “derrubada do boi”) como quanto para se referir ao momento de dança e diversão com forró. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias, assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital etc. (Durkheim, 1989, p. 456).

A vaquejada desperta na população um sentido de identificação, pertencimento com o ambiente festivo vaqueirama, algo que em muito nos chamou atenção que não diverge em

nenhum evento vaqueirama frequentado é como o público, além dos atores da vaquejada, aderem a magia contagiante do evento no modo que se trajam para irem acompanhar o espetáculo da “derrubada do boi” que em nada tem a ver com o “gibão de couro” do vaqueiro rústico do período das festa de apartação, hoje, se vestem ao padrão da moda country difundido pelas redes sociais: botas, basicamente calça jeans, blusa e bota, até as crianças são vestidas a rigor.

No espaço da festa de vaquejada todos aderem ao forró como uma verdadeira fusão de pessoas de diferentes idades, gêneros e posições sociais, em um ambiente que se concentra uma grande variedade de atividades, desde dançar e beber até socializar e namorar. Notamos que apesar todas as diferenças individuais e hierarquias sociais que podem existir na competição da vaquejada, aqui na festa, essas barreiras parecem se dissipar temporariamente. É um momento em que as pessoas se unem, sem distinções ou se tornam mais interativas. Quanto aos problemas com gênero, que podem surgir, como assédio ou comportamentos inadequados diante da presença feminina, na festa da vaquejada podem ser vistos como um espaço de diálogo e entendimento, em que as diferenças de gênero são reconhecidas, porém, respeitadas e onde se promove uma cultura de inclusão e aceitação.

Nessa perspectiva, os espaços da vaquejada, recorremos novamente a autora Joan Scott quando ela faz uma crítica à teoria de Gilligan que tente a generalizar as categorias e relações entre masculino e feminino na construção de um sujeito, onde o primeiro problema seria “um deslizamento” afirmando que “a experiência das mulheres leva-as a fazer escolhas morais que dependem de contextos e de relações” para se transformar em “as mulheres pensam e escolhem este caminho porque elas são mulheres” (Scott, 1989, p. 84). A feminista Scott argumenta que devemos rejeitar a ideia de uma oposição binária fixa e permanente entre os sexos, propondo que historizemos e desconstruamos o conceito de diferença sexual. Ao sugerir que homens e mulheres, vaqueiras e vaqueiros têm diferenças naturais que afetam sua moralidade, esta ideia está reforçando estereótipos e ignorando a diversidade de experiências individuais e contextuais. Portanto, para uma melhor compreensão sobre a moralidade, foi de fundamental importância considerar as influências sociais, culturais e as diferenças individuais que ultrapassam as categorias de gênero.

A festa na vaquejada não é promovida apenas na área do show com a presença de grandes bandas de forró ou sertanejo, mas também, no ambiente privado, nos caminhões das vaqueiras, alguns encaram seus caminhões como um espaço para reunir amigos e socializar. Nesse sentido, as vaqueiras se reúnem para “bater papo”, se divertir e até mesmo consumir bebidas alcoólicas, geralmente após as competições, depois de terem terminado. Por outro

lado, há quem considere o caminhão como um espaço sagrado, uma extensão de seu lar, para essas pessoas, a festa não deve acontecer em seu próprio caminhão, mas são receptivos a celebrar nos caminhões das amigas.

Há uma diversidade de abordagens em relação às festas de forró durante as vaquejadas. Enquanto alguns optam por participar da festa, outros preferem não o fazer, dedicando-se à competição, prefere descansar para se prepararem adequadamente essa distinção indica que existe uma divisão entre os momentos de sociabilidade e os de competição. Para as vaqueiras que já participaram da “derrubada do boi” e avançaram para a próxima fase, o tempo livre permite que desfrutem da sociabilidade que o ambiente oferece, seja com as colegas vaqueiras, sua equipe ou com o público em geral, incluindo a participação nas festas. Por outro lado, aquelas que ainda não alcançaram essa etapa podem reservar um tempo específico para participar das festividades, sempre mantendo o equilíbrio para não comprometer seu desempenho na competição.

Concluimos que os parques de vaquejada são ambientes de socialização entre os atores da vaqueirama entre si e com seu público em geral, mas também pode ser palco de desafios relacionados ao gênero. Por outro lado, é um espaço de competições que são marcados pela concentração e dedicação das vaqueiras, que buscam alcançar o sucesso nas corridas. Cada espaço no parque desempenha um papel único e complementar, contribuindo para a riqueza e diversidade cultural do evento é a combinação desses elementos no ambiente: festa, gênero, socialização e competições que monta toda uma magia nordestina exposta pela “derrubada do boi na pista”.

A transformação da tradição na vaquejada tem um significado especial para as mulheres, tanto para aquelas que competem no esporte quanto para as que sempre marcaram presença como público. Historicamente, as mulheres estiveram presentes nas festas de apartação, restritas a papéis de observadoras ou em funções sociais limitadas, sempre aos olhos vigiados dos homens, com o passar dos anos, no entanto, elas começaram a se destacar como competidoras, quebrando barreiras de gênero e conquistando espaço em um ambiente predominantemente masculino, conseqüentemente ampliaram sua presença em todos os aspectos da vaquejada moderna.

Hoje, as mulheres frequentam todos os ambientes dos parques de vaquejada, desde as áreas de competição até as áreas sociais e de negócios, participando tanto como atletas quanto como integrantes da comunidade vaqueirama. Essa presença feminina crescente e diversificada reflete uma ressignificação da vaquejada, onde a tradição se adapta para incluir e valorizar as contribuições das mulheres. Esta transformação não apenas enriquece o esporte,

mas também reflete uma mudança social, na qual as mulheres exigem e obtêm o reconhecimento e a igualdade que historicamente lhes foram negados. A transformação da vaquejada, portanto, não é apenas uma adaptação às exigências contemporâneas, mas também uma celebração da inclusão e da diversidade, na qual as mulheres desempenham um papel de sucesso, tanto na arena, quanto fora dela.

1.3.2. “E vem descendo na pista de vaquejada. Minhas vaqueiras que ilumina. Chama na bota” – “Covardia sua pedir pra te esquecer. Te largar da minha vida sabendo que não dá”¹⁹ – Os Cartazes da “Festa do Gado”

Segundo o Portal Vaquejada²⁰ a Paraíba concentra três das maiores vaquejadas do nosso país, uma delas ocorre no Parque de Vaquejada Maria da Luz em Campina Grande-PB. Este local, anteriormente uma fazenda, foi adaptado para se tornar um espaço adequado às necessidades das vaquejadas modernas, sem perder suas raízes tradicionais embora não tenha sido concebido inicialmente como um parque, ele agora possui todas as instalações essenciais para sediar competições contemporâneas, como pista profissional, baias equipadas, áreas comuns aos vaqueiramos e áreas para o público. A modernização inclui o uso de tecnologia para garantir a segurança e o conforto dos participantes e do público presente, enquanto preserva a tradição nordestina, daí os cartazes publicitário apresenta-se então com uma fonte significativa para o estudo desse fenômeno.

Os cartazes objetivam a comunicação pública, para amplas e diversificadas audiências, utilizando elementos visuais e textuais que devem capturar a atenção e transmitir a mensagem desejada em pouco tempo, ou seja, um rápido olhar dizer informações claras e precisas para qual é seu objetivo. Seu design deve ser atrativo com informações concisas, buscando persuadir e motivar o público a consumir aquele determinado o produto ou serviço anunciado, sendo essencial para a estratégia de marketing de qualquer evento ou empresa. Ao longo dos anos, os cartazes que anunciavam as atrações e convidavam as pessoas a comprarem ingressos para eventos, como as vaquejadas, passaram por transformações significativas.

Tomando como exemplo os cartazes do Parque de Vaquejada Maria da Luz, em Campina Grande-PB, o novo design refletia as tendências estéticas e as mudanças sociais da

¹⁹ Nome da Música: “Vaqueira” – Composição: Eric Land, 2022; Interpretação: Iguinho e Lulinha.

²⁰ O Portal Vaquejada é o site oficial dedicado à vaquejada no Brasil, atuando como um catálogo abrangente dos eventos profissionais de vaquejada em todo o país. Além de divulgar resultados, o portal também oferece estatísticas detalhadas, servindo como uma referência central para aficionados e participantes do esporte. Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br/vaquejadas>. Acesso: 02/04/2024.

época, além de incorporar novos elementos gráficos e tecnológicos para se manter relevante e eficaz. A transformação dos cartazes publicitários não só acompanhou as mudanças na sociedade e do mercado, mas também desempenhou um papel importante na construção da identidade visual dos eventos, tornando-se uma parte integral da cultura popular e da memória coletiva associada a essa celebração. Na sequência analisaremos exclusivamente a participação das mulheres em tais anúncios de evento de vaquejada.

Figura 8 - Cartaz da vaquejada de outubro de 1978

I GRANDE VAQUEJADA

PARQUE MARIA DA LUZ

14 E 15/OUT/78



FAZENDA MARIA DA LUZ

BR 230 CAMPINA - JOÃO PESSOA A 8 Km DO CENTRO CAMPINA GRANDE — PB

PRÊMIOS	
1º. — 50.000,00	1 PAR DE TROFEU
2º. — 30.000,00	II
3º. — 20.000,00	II
4º. — 15.000,00	II
5º. — 10.000,00	II
6º. — 5.000,00	1 PAR DE TROFEU
7º. — 5.000,00	II
8º. — 5.000,00	II
9º. — 5.000,00	II
10º. — 5.000,00	II

INSCRIÇÃO: RUA PADRE IBIAPINA 64 FONE 3213837 3214010 CAMPINA GRANDE — PB

Patrocinio

ENTRANQUEADO



SÃO BRAZ

Figura 9 - Cartaz Vaquejada Parque Maria da Luz em 1981



9,10 E 11/OUT/81

**V GRANDE VAQUEJADA
PARQUE MARIA DA LUZ**

1º LUGAR	—	UM CHEVETTE 0 K	1 PAR DE TROFÉUS
2º LUGAR	—	UM POLTRO QUARTO DE MILHA	“ “ “
3º LUGAR	—	TV COLORIDA	“ “ “
4º LUGAR	—	TV PRETO E BRANCO	“ “ “
5º LUGAR	—	TV PRETO E BRANCO	“ “ “
6º ao 10º LUGAR	—		“ “ “

LOCUÇÃO: PETRÔCIO

INSCRIÇÕES: PADRE IBIAPINA, 64 — FONE: 321.0155 — C. GRANDE — PB

FAZENDA MARIA DA LUZ

BR 230 - CAMPINA GRANDE/JOÃO PESSOA — A 8 KM. DO CENTRO

SÃO BRAZ 

HÁ 50 ANOS UM SHOW DE CAFÉ

Primeiramente queremos destacar o próprio nome do parque “Maria da Luz” que já evidencia um significativo avanço em termos de reconhecimento feminino, pois é nomeado em homenagem a uma mulher da referida família. Essa decisão simboliza a valorização e a visibilidade das mulheres em uma sociedade historicamente patriarcalista, provando a presença feminina na história, nomear uma fazenda e posteriormente o parque com o nome de uma mulher não apenas honra a tradição familiar ou respeito, mas também representa um passo importante na luta pela igualdade de gênero, mostrando que as mulheres sempre tiveram um papel fundamental na sociedade. Sua primeira vaquejada ocorreu em 1978 e a quinta em 1981 que apesar de mostrar que não havia mulheres, ainda, na festa da “derrubada do boi”, estávamos ali representadas pelo nome, somos todas Marias.

Figura 10 - Cartaz com premiações de 1987

11ª
VAQUEJADA
PARQUE MARIA DA LUZ

16.17.18 - OUT - 87

Cz\$ 1.200.000,00 em prêmios

1º lugar:	Cz\$ 250.000,00
2º lugar:	Cz\$ 150.000,00
3º lugar:	Cz\$ 100.000,00
4º lugar:	Cz\$ 68.000,00
5º lugar:	Cz\$ 50.000,00
6º ao 10º lugar:	Cz\$ 30.000,00
11º ao 15º lugar:	Cz\$ 25.000,00
16º ao 20º lugar:	Cz\$ 12.000,00

CAMPEÃO DOS CAMPEÕES
Cz\$ 250.000,00

FAZENDA MARIA DA LUZ
BR-230 - Campina Grande-João Pessoa
a 5 km do centro.

INSCRIÇÕES: Cz\$ 12.000,00
Pa. Tibapiá, 64 - Fone: 522-0155
Campina Grande-PB.

AGUARDENTE DE CANA
CARANGUEJO
O APERTIVO NACIONAL

Disponível em: <https://www.facebook.com/parquemariadaluz/photos> Acesso em: 09/01/2024

Figura 11 - Cartaz da 12ª vaquejada do Parque Maria da Luz de 1988

14.15.16 OUT-88

I CAMPEONATO NACIONAL DE VAQUEJADAS-8ª ETAPA.

FAZENDA MARIA DA LUZ
BR-230-Campina Grande-João Pessoa a 8 km do centro.

12ª VAQUEJADA
PARQUE MARIA DA LUZ

LEILÃO DE BOVINOS E EQUINOS: 14.OUT.88.

1º lugar:	Cz\$ 150.000,00
2º lugar:	Cz\$ 135.000,00
3º lugar:	Cz\$ 120.000,00
4º lugar:	Cz\$ 105.000,00
5º lugar:	Cz\$ 90.000,00
6º ao 10º lugar:	Cz\$ 75.000,00
11º ao 15º lugar:	Cz\$ 45.000,00
16º ao 20º lugar:	Cz\$ 30.000,00

CAMPEÃO DOS CAMPEÕES
Cz\$150.000,00

E MAIS O PRÊMIO ESPECIAL ABQM:
300 OTNs (Outubro/88).

INSCRIÇÕES: Cz\$ 20.000,00
Ps. Itapirina, 64 - Fone: (083) 321.0155 - Campina Grande - PB.

AGUARDENTE DE CANA
CARANQUEJO
O APERITIVO NACIONAL

Vitamilho

Disponível em: <https://www.facebook.com/parquemariadaluz/photos> Acesso em: 09/01/2024

A resignificação da vaquejada quanto a inserção feminina e sua visibilidade foi um processo que veio ganhando força ao longo dos anos, culminando em um dos momentos marcantes como a presença de uma primeira mulher no cartaz de apresentação da festa do parque no ano de 1987 e seguiu 1988. Essa representação simbólica e significativa não apenas desafiou as normas tradicionais de gênero, mas também pela forma como ela é apresentada. Trajada como uma vaqueira que passa a ideia de modernidade, não é um gibão²¹, mas usa

²¹ “Indumentária que se transformou no símbolo do vaqueiro. Este tipo de vestimenta de couro é utilizada para proteção. Incorporou-se de tal forma à vida nas caatingas que virou a veste principal e denotativa da criatividade e situação de cada um. Passaram a utilizá-la como roupa comum e até casavam-se e compareciam aos raros eventos sociais com ela.” (Gonçalves, 1997, p. 26).

botas, chapéu para se proteger do sol e calça jeans que cobre todo o corpo. Ela se apropria dos elementos tradicionais do vestuário dos vaqueiros, assim, as mulheres reivindicam seu espaço na vaquejada, demonstrando que são igualmente capazes e merecedoras de respeito. Além disso, a presença dessa figura feminina no cartaz sinaliza que a sociedade estava em mudança nas percepções e aceitação da participação das mulheres em áreas antes exclusivas dos homens, foi como se socialmente estivessem nos preparando para receber a mulher vaqueira da década de 90.

Figura 12 - Cartaz da XXV da Vaquejada do Parque Maria da Luz



Disponível em: <https://www.facebook.com/parquemariadaluz/photos> Acesso em: 30/01/2024

Todavia, ao longo dos anos, os cartazes da vaquejada não expuseram a figura feminina, destacando apenas o slogan, dá até então Fazenda Maria da Luz, enfatizando a tradição e a força da vaquejada. No entanto, essa tendência mudou mais uma vez, no ano de 2001, quando as mulheres aparecem no cartaz entregando prêmios, com uma função que simboliza a importância e o reconhecimento dentro da competição, ~~e que~~ sugere uma crescente visibilidade e valorização da presença feminina no evento de vaquejada. A última figura desse cartaz específico mostra claramente mulheres nas arquibancadas, integrando o público de forma visível e ativa, o que marca uma ruptura com as representações anteriores, até porque elas não mostravam público algum. É possível inferir que esta mudança nos

cartazes reflete um processo de inclusão, as mulheres começam a ser vistas não apenas como espectadoras passivas, mas como participantes essenciais e ativas no universo da vaquejada, contribuindo para a ressignificação desse espaço cultural tradicional.

Figura 13- Cartaz da XXXVI da Vaquejada do Parque Maria da Luz

36ª VAQUEJADA

PARQUE MARIA DA LUZ

PREMIAÇÃO TOTAL 55 MIL REAIS

SHOWS COM AS MELHORES BANDAS DE FORRÓ

De 30 de agosto a 01 de setembro.

CATEGORIAS:
 ASPIRANTE (PERFIL AVACG): R\$ 15.000,00 • AMADOR: R\$ 20.000,00
 PROFISSIONAL: R\$ 15.000,00 • TROPA ELITE AVACG: R\$ 3.000,00
 PREMIAÇÃO EXTRA: R\$ 2.000,00

SENHAS: ASPIRANTE: R\$ 400,00 (BONIFICADA) • AMADOR: R\$ 500,00 (CASADINHA)
 PROFISSIONAL: R\$ 500,00 (CASADINHA)

REALIZAÇÃO:

APOIO:

Disponível em: <https://www.facebook.com/parquemariadaluz/photos> Acesso em: 05/02/2024

Figura 14 - Categorização Feminina

Categoria Amador					∨
Categoria Profissional					∨
Categoria Aspirante					∨
Categoria Feminina					∧
Premiação da Categoria					
Ordem	Posição	Puxador	Esteira	Representação	
1º	1º Lugar	Gaby Pachu	Fabricao Duarte	Parque Erivelton Guimarães Boqueirão-PB	

Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br/> Acesso em: 19/02/2024

Em 2013, apesar de a figura feminina não estar presente nos cartazes de apresentação da festa, nem mesmo a categoria feminina ser destacada como participante ativa das vaquejadas, houve uma significativa participação das mulheres no evento. Embora os cartazes não mencionassem explicitamente a venda de senhas para a categoria feminina, as mulheres não apenas participaram, mas também competiram e houve vencedora. Essa vitória feminina foi registrada no site Portal da Vaquejada, onde o nome da vencedora foi exibido, marcando sua presença e relevância na competição. É importante notar que essa evidência da participação feminina permaneceu visível no site até 2018, mesmo que os cartazes promocionais não refletissem essa realidade. A ausência de menção às senhas para a categoria feminina nos cartazes ressalta uma divergência entre a participação efetiva das mulheres no esporte e a representação visual e publicitária do evento.

Figura 15 - Cartazes da XLI da Vaquejada do Parque Maria da Luz de 2018

18 A 21
OUT/2018

41ª VAQUEJADA
PARQUE MARIA DA LUZ
CAMPINA GRANDE - PB

CAT. FEMININA
PREMIAÇÃO 50% DO APURADO
SENHA: R\$ 200,00

PONTUADA PELO
CAMPEONATO
PORTAL VAQUEJADA
CONSELHO NACIONAL DE VAQUEJADORES

125 MIL
EM PRÊMIOS

Contato: **83 98802.0736 (BOLA SETE)** www.senhanantecipada.com.br

Apoio: Parceiros:

T.GISE **Vitamihol** **LUX** **MC MACHUCA** **SÃO BRAZ** **IDEAL** **CAPEMISA** **GOMES** **NISSAN**

Disponível em: <https://www.facebook.com/parquemariadaluz/photos> Acesso em: 26/02/2024

Figura 16 - Numero de participações



Disponível em: <https://www.facebook.com/parquemariadaluz/photos> Acesso em: 26/02/2024

A partir de 2018, observa-se uma significativa mudança na forma como a categoria feminina é representada nas vaquejadas, nos cartazes do Parque Maria da Luz, com o lançamento de um panfleto que não apenas destaca a participação das mulheres, mas também exibe o resultado final e o número de vencedoras. Este marco sinaliza uma importante transformação na luta feminina por reconhecimento e igualdade dentro deste esporte tradicionalmente dominado por homens. Essa mudança na representação não se restringe apenas ao panfleto de 2018, mas continua a ser uma prática consolidada nas demais vaquejadas, incluindo a de 2024, onde são sempre informados o valor das premiações e os resultados da categoria feminina.

As mulheres vaqueiras, outrora invisíveis ou sub-representadas, agora aparecem como figuras empoderadas, resistentes e vencedoras, simbolizando não apenas a conquista de

espaço, mas também a afirmação de suas habilidades e a importância de sua presença no cenário das vaquejadas. Esse reconhecimento contínuo nas vaquejadas recentes reflete o progresso da luta feminina por espaço e respeito dentro do esporte, consolidando a vaqueira como uma participante ativa e essencial na cultura da vaquejada, e destacando a resiliência e a força de muitas mulheres que, ano após ano, vêm conquistando seu lugar merecido e lutando por mais igualdade e visibilidade.

CAPÍTULO II - FALAS, VIVÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES FEMININA NO ESPAÇO DAS VAQUEJADAS PARAIBANA

Eu vou pegar na cauda e puxar minha bate esteira, no meio da faixa vou botar o boi no chão, vou ouvir o juiz gritando valeu boi e o povo confirmando que eu sou campeã, melhor que muito homem (Vou pra vaquejada – Interpretada por Rita de Cássia).

Diante da diversidade das narrativas de vida no contexto das vaquejadas, neste capítulo pretendemos dar destaque às falas femininas das mulheres paraibanas, a partir da oralidade e pesquisa-ação, evidenciando suas experiências individuais e coletivas. Inicialmente iremos mencionar sobre a oralidade, pesquisa ação na vaquejada depois vamos apresentar nossas colaboradoras²² em seus diferentes contextos, traçando o perfil das entrevistadas e organizando-as a partir da análise de conteúdo. Abordaremos a jornada das mulheres nesse ambiente, destacando a luta da saída do espaço privado para o público e competitividade inerentes ao esporte. Discutiremos como se deu sua inserção nas vaquejadas, processos de aprendizagem, relação com os bovinos e equinos assim como os maus tratos a estes, como também, os aspectos relacionados às inscrições, pista, premiações, pontuação e uso dos equipamentos obrigatórios. Além disso, examinaremos o papel da mídia na divulgação das vaquejadas e vaqueiras, os desafios de enfrentamento ao preconceito feminino. Por fim, como forma de divulgar a pesquisa, elaboramos um flyer, produzido de maneira colaborativa, como resultado de nosso trabalho.

2.1. História Oral como fonte de pesquisa na Vaquejada

A História Pública conecta-se à História Oral no trabalho de revisar e reescrever processos vividos pelos sujeitos e esse trabalho necessita atentar a conceitos históricos muitas vezes desconhecidos dos entrevistados ou mesmo silenciados nas narrativas as quais estão envolvidos. Estas, são narrativas de memória, muitas vezes não registradas pela história oficial que encontram na oralidade um espaço para serem contadas, exercitando para isso um método necessário para entender tanto o tempo do acontecimento, passado, quanto o momento presente em que os depoimentos são produzidos. A História Oral vai além da aparência, pois “não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do

²² A ideia de colaborador surge do princípio de envolvimento ativo dos entrevistados na pesquisa, superando a objetificação dessas pessoas. Eles assumem o papel de sujeitos de sua própria história, em vez de serem meramente tratados como objetos de estudo. (Meihy, Holanda 2011, p. 124)

evento dentro da vida dos narradores” (Portelli, 2016, p. 12). Nesse sentido, para explorar o universo das vaquejadas pela visão da participação das mulheres através da história oral, é preciso refletir a perspectiva única de cada fala de nossas colaboradoras, porque é nesse momento que elas revelam suas experiências pessoais e seus respectivos contextos, mostrando como suas identidades influenciam suas narrativas. Essa abordagem não só documenta eventos, mas também oferece uma compreensão das lutas e conquistas das vaqueiras, contribuindo para uma memória coletiva que desafia a história oficial hegemônica masculina da vaquejada.

Cabe complementar: “História Oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais” (Alberti, 2013, p. 14). Conforme a autora, as fontes orais são confiáveis e aceitas, essa teoria se reafirma, por exemplo, pelo fato de uma carta escrita não ser menos propensa a erros que uma conversa, pois a principal diferença entre os ambas é que, na carta, a ideologia está fixa em um momento do passado, enquanto na entrevista, a ideologia pode se modificar, permitindo a reinterpretação ou reconstrução dos fatos e acontecimentos. Deve o pesquisador compreender que não encontrará verdades absolutas, mas sim as percepções dos participantes sobre os eventos narrados. A História Oral, portanto, se configura como um meio para descobrir, explorar e avaliar como as pessoas entendem seu passado, vinculam suas experiências individuais com o contexto social e lhes atribuem significado a partir do presente.

Sobre o diálogo com as vaqueiras e seu meio, aceitamos que “pontos em comum fazem com que a comunicação seja possível, mas é a diferença que a torna significativa” (Portelli, 2016, p. 14). Compreendemos que ter algo em comum possibilita o diálogo, e que a confiança necessária para sustentá-lo não se baseia apenas nas semelhanças, mas também nas diferenças, que podem tornar a conversa ainda mais significativa. Ao convivermos com as vaqueiras no ambiente das vaquejadas, percebemos que o compartilhamento das experiências nos facilitou o diálogo. A confiança que se desenvolve nesse contexto não surgiu apenas das semelhanças, como o amor pelo esporte ou a cultura regional, mas também das diferenças entre elas, nas trajetórias pessoais ou nos papéis desempenhados dentro do universo da vaquejada, que enriqueceram nossas interações.

Vale ressaltar que toda fonte histórica derivada da percepção humana, afinal:

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho

quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (Portelli, 2016, p.2).

Na análise da vaquejada, especialmente no contexto das vaqueiras, a subjetividade funciona como um elemento da compreensão das experiências individuais e da construção de uma identidade coletiva. Ignorar ou minimizar esta, tratando-a como uma interferência na objetividade dos relatos e uma distorção dos fatos narrados significaria admitir uma perda no entendimento que compõem essas narrativas. No diálogo com as mulheres vaqueiras levamos em consideração suas subjetividades presentes e a identidade que se forma em referência à coletividade e as sensibilidades que se manifestam até mesmo nos gestos. Esse processo de relembrar suas experiências, um ato de memória que muitas vezes é afetado pelo esquecimento, pode ser recuperado por rastros do passado que sobrevivem e se tornam presentificações, ou seja, lembranças que ganham vida e relevância no presente que enriquece a compreensão dos fatos históricos e revelando as identidades e experiências das vaqueiras, que muitas vezes foram marginalizadas ou silenciadas nas narrativas tradicionais.

Assim, as colaboradoras escolhidas para nossa pesquisa são mulheres vaqueiras, indivíduos cujas histórias nunca foram narradas, ouvidas, transcritas ou registradas. Suas vivências e práticas são compartilhadas por meio de suas memórias, e, como nos ensina Alessandro Portelli, a relação entre história e memória ganha forma através da narração oral.

A narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador. Este assume um papel diferente daquele que em geral é atribuído a quem realiza pesquisas de campo: mais do que “recolher” memórias e performances verbais, deve-se provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação: por meio de sua presença, das suas perguntas, das suas reações (Portelli, 2016, p 19-20).

O autor ao mencionar a relação entre memória e história, destaca a importância do encontro pessoal entre o historiador e seu colaborador. Vale ressaltar que esse encontro não é apenas um ato de coleta de dados, mas uma troca íntima e dinâmica, onde o depoente compartilha fragmentos de sua vida, reinterpretados através da memória. Portelli argumenta que esse processo é fundamental para a construção da história, pois permite que o historiador acesse os fatos, as emoções, as interpretações e significados atribuídos pelo indivíduo às suas próprias experiências. Assim, a história oral se torna um campo fértil onde o passado é revivido e recriado a partir das perspectivas dos narradores, reforçando a ideia de que a história é tanto uma ciência quanto uma arte de interpretação e empatia. Desse modo, nossas depoentes vão se imbricando nas vivências que pretendemos contar sobre a vaquejada pela ótica feminina na Paraíba.

No entanto, é necessário analisar as fontes orais, não apenas acumular narrativas e expondo-as sem investigar, até porque “[...] o trabalho do historiador oral inclui uma checagem dos fatos que seja tão cuidadosa quanto possível, a fim que possamos distinguir entre narrativas factualmente confiáveis, que são a maioria, e os casos significativos de mito e erro criativo” (Portelli, 2016, p. 19). Dessa forma, entendemos que existe uma relação entre documentos escritos e história oral, o primeiro nos fornecem uma base dos fatos, datas e contextos que ao investigá-los, nós, pesquisadores, adquirimos subsídios para formular perguntas relevantes, e estabelecer um contexto que facilita a interpretação das narrativas orais. Essa comparação entre fontes escritas e orais é essencial para a distinção entre memórias confiáveis e possíveis distorções ou mitificações que possam surgir durante uma conversa. Assim, a pesquisa documental complementa a história oral, legitimando e enriquece a reconstrução dos eventos, reescrevendo uma determinada história.

Quanto a nós, ao nos debruçarmos sobre as fontes escritas, percebemos um silenciamento em relação à participação das mulheres nas vaquejadas, o que reforça a visão predominante de um universo exclusivamente masculino. No entanto, a realidade contradiz essa narrativa, revelando a presença das mulheres em todos os contextos da vaquejada. Diante dessa disparidade entre o registro oficial e a experiência vivida, optamos por recorrer à história oral como ferramenta para reescrever a história da vaquejada. Através de conversas com vaqueiras em seus contextos e temas específicos, buscamos capturar suas experiências e memórias, atentando às narrativas que foram omitidas ou marginalizadas nas fontes tradicionais. Isso não só enriquece a compreensão do papel das mulheres na vaquejada, mas também desafia as narrativas históricas estabelecidas, promovendo uma reinterpretação da cultura nordestina vaqueirama.

Outro elemento importante sobre as narrativas das práticas em história oral é a confiabilidade do que é narrado. “Os narradores assumem uma responsabilidade cada vez que relatam sua história. Devemos sempre nos lembrar disso: assim como o narrador tem a responsabilidade de contar, o historiador tem a responsabilidade de abrir um espaço narrativo, escutando ativamente o que o narrador tem a dizer” (Portelli, 2016, p. 20). O narrador é responsável tanto pelas palavras que escolhe quanto pela memória que transmite. Esse processo de narrar traz consigo uma responsabilidade, consciente ou não, para com sua família, comunidade e as pessoas ao seu redor, isso significa que o narrador não só deve ser fiel ao contar sua própria história, mas também deve cuidar ao perpetuar tradições, ritos e preservar a imagem de outros sujeitos mencionados.

Ao relatar suas histórias, as vaqueiras assumem uma responsabilidade de transmitir suas experiências de vida, preservar tradições e amplificar sua voz diante de uma situação muitas vezes marginalizada. Nesse processo, o historiador tem o papel de criar um espaço acolhedor e respeitoso para essas vozes, escutando ativamente e valorizando o que a ser dito. Assim, a relação entre narrador e historiador se torna uma colaboração, “história colaborativa feita com o público” (Santhiago, 2016, p.29), onde ambos são responsáveis por dar forma a uma história que seja autêntica e inclusiva, um diálogo contínuo e significativo entre os historiadores e com o público.

A partir destas reflexões sobre a história oral, compreendemos que não seria suficiente apenas refletir sobre elas; seria necessário escrevê-las, analisá-las e transformá-las em um elemento crucial da investigação. Afinal, como destaca Portelli (2016) “A história Oral lida com histórias, e as histórias não podem ser reduzidas a um único significado” (Portelli, 2016, p.43). As mulheres vaqueiras ao contarem suas histórias não podem ser reduzidas a um único significado, a História Oral, ao lidar com essas narrativas de vida, reconhece que cada história carrega consigo múltiplos significados, refletindo a diversidade de perspectivas, contextos e vivências. Elas conduzem o tom desta narrativa, pois são suas histórias e memórias que exploramos aqui, não se tratando apenas de dados para pesquisa, mas de indivíduos com toda complexidade que envolve ser alguém.

2.1.1. Pesquisa – Ação e Oralidade na Vaquejada

Diante do cenário dinâmico das vaquejadas femininas, vivenciado cotidianamente nos diversos parques de vaquejada frequentados, a busca por conhecimento que vá além da oralidade se fez necessária, nesse sentido, a pesquisa-ação, conforme Tripp (2005, p. 448), é caracterizada por ser uma “pesquisa-ação participativa”. Ela desempenha um papel fundamental no aprendizado e na transformação dos pesquisadores com os demais participantes imersos nas situações investigadas. Diferentemente da pesquisa científica tradicional, que visa a produção de conhecimento de forma mais distante e objetiva, a pesquisa-ação envolve os próprios participantes como sujeitos ativos do processo, conduzindo a pesquisa com o propósito de melhorar suas práticas e a relação com o ambiente em que estão inseridos. No contexto das vaqueiras paraibanas, essa abordagem tem o potencial de promover possíveis mudanças na compreensão sobre suas vivências e desafios, mas também ao possibilitar transformações no ambiente em que essas mulheres atuam, contribuindo para o

desenvolvimento de um espaço mais inclusivo e consciente da importância da participação feminina nesse universo cultural e esportivo.

Nesse sentido, “a pesquisa-ação caracteriza-se por um processo dialógico, em que há a interação direta entre os envolvidos” (2005, p. 447). “Uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática” (Tripp, 2005, p. 447). Aqui nesta, a interação direta entre os envolvidos é fundamental para a construção coletiva de conhecimento, considerando a diversificação e ampliação do papel das mulheres nas vaquejadas, propomos a criação de um flyer que será compartilhado em redes sociais.

Nosso objetivo com essa ação é combater preconceitos e mostrar que o espaço das vaquejadas não é exclusivamente masculino, mas sim um local de respeito e valorização da presença feminina. Através dessa iniciativa, pretendemos incentivar a vaquejada feminina, ressaltando que as mulheres podem e devem ocupar um lugar central nesse esporte, uma transformação. Esse processo integrará oralidade e vivência direta, permitindo que os sujeitos envolvidos no evento e os pesquisadores colaborem para a produção de um conhecimento que inspire mudanças positivas e concretas. Assim, o flyer - material de divulgação da pesquisa apresentado - será construído de maneira dialógica, ou seja, junto com mulheres que vivem a vaquejada, servirá como um instrumento de conscientização e valorização, trazendo uma nova perspectiva sobre o papel da mulher nesse universo tradicionalmente dominado por homens.

Segundo Tripp (2005, p. 454), existem quatro formas pelas quais as pessoas podem participar de um projeto de pesquisa-ação: “obrigação, cooptação, cooperação e colaboração.” Nesta pesquisa, os participantes estão inseridos no modelo de cooperação, onde o pesquisador obtém a participação voluntária das pessoas. Nesse formato, a cooperação ocorre em torno de um projeto que pertence ao pesquisador, mas que envolve os participantes de forma ativa, pesquisa-ação, assim, assume uma característica de investigação social com base empírica, concebida e conduzida em estreita associação entre os pesquisadores e os participantes, que são representativos da situação ou problema a ser estudado. No caso desta pesquisa específica, as vaqueiras cooperam com o pesquisador, contribuindo com suas experiências, perspectivas e vivências, através da oralidade, que é essencial para que se desenvolvam soluções que sejam aplicáveis e sustentáveis para as realidades vividas pelas participantes, sempre em um contexto de respeito mútuo e troca contínua.

Ainda no processo de “pesquisa-ação vincula-se não apenas os objetivos de ação, mas também objetivos de conhecimento”. (Thiollent, 2011, p. 8). Para o autor, a metodologia é dinâmica: “Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios com a pesquisa-

ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade de fatos observados” (Thiollent, 2011, p. 9). No contexto da vaquejada feminina, por exemplo, a pesquisa-ação se torna um instrumento valioso para investigar e transformar o espaço das mulheres vaqueiras dentro desse cenário. Através da elaboração de um flyer, que será exposto nas redes sociais, poderemos atuar diretamente sobre essa realidade, destacando que a vaquejada não é um ambiente exclusivamente masculino ou marcado por preconceitos de gênero. Pelo contrário, a ação visa promover o respeito e a valorização da participação feminina nesse esporte, assim, o flyer torna-se um meio concreto de ação dentro da pesquisa, ajudando a construir uma narrativa mais inclusiva e ampliando o reconhecimento da mulher como figura central nas vaquejadas. Ao mesmo tempo, essa intervenção prática fornece subsídios para uma análise crítica e reflexiva sobre as mudanças em curso, fortalecendo o elo entre ação e conhecimento que caracteriza a metodologia da pesquisa-ação.

Especificamente, buscamos demonstrar as possibilidades de trabalho com um gênero oral, a partir da pesquisa-ação. Para tanto, entendendo que o processo da pesquisa-ação, por sua vez, envolve os pesquisadores e os participantes, promovendo um diálogo contínuo, seguindo um ciclo em que a prática e a participação se alternam, permitindo que ambos contribuam e aprendam ao longo do processo. Conforme o autor, (Tripp, 2005, pag. 443) é necessário seguir um “ciclo de planejar, agir e por fim refletir”, para efetivar a pesquisa ação.

Quanto a nós, ao pesquisar a ressignificação da vaquejada, participar dos eventos e acompanhando as vaqueiras para entender o universo feminino dentro desse esporte, agimos conforme a seguinte orientação: “emprega-se como principais técnicas as entrevistas nos locais de moradia ou de trabalho” (Thiollent, 2011, p. 8). No nosso caso, coletamos dados e interagimos diretamente com o ambiente delas, os parques de vaquejada, conversamos com as competidoras e registramos suas experiências, desde as entrevistas formais até vídeos das conversas informais e suas performances na derrubada do boi. Assim, na fase final, “essa última fase compreende a divulgação externa” (Thiollent, 2011, p. 9) compartilhamos os resultados com os participantes e setores interessados, criando um flyer com base nas narrativas e vivências dessas mulheres, que iremos avaliar e divulgar nas redes sociais, gerando um retorno reflexivo sobre a pesquisa.

Unindo a oralidade e a metodologia da pesquisa-ação no contexto da vaquejada, nosso objetivo é dar visibilidade à participação feminina nesse esporte, destacando o papel das vaqueiras paraibanas. Para isso, apresentaremos nossas colaboradoras, que são mulheres de diferentes idades e histórias de vida, todas unidas pelo esporte vaquejada. Nosso campo de pesquisa incluiu os parques de vaquejada mais frequentados na Paraíba, onde acompanhamos

essas competidoras em sua rotina, realizamos entrevistas formais e informais, além de registrar conversas espontâneas que ocorreram nos bastidores, antes e durante e até mesmo após as competições. Adiantamos, o ambiente de vaquejada, marcado por uma tradição cultural forte e muitas vezes dominada por homens, revelou-se um espaço de resistência e empoderamento para essas mulheres. Nossas observações, compostas de anotações e de gravações capturam não só as palavras, mas também algumas das emoções, dos desafios e das conquistas dessas vaqueiras, que têm rompido barreiras e ressignificado seu lugar nesse esporte. Afinal, quem são essas mulheres vaqueiras?

2.2. “Preciso dizer que preciso. Sentir verdade no que você diz e faz.” pelo que bate o coração de uma vaqueira?²³

Durante o primeiro semestre de 2024, convivemos com três jovens vaqueiras que estão no auge de suas carreiras, acompanhando-as de perto nas competições. Como já mencionamos, a influência midiática sobre a vaquejada e a exposição das premiações têm desempenhado o objetivo na construção de suas imagens públicas, refletindo um universo vaqueiro que se ressignificou para uma mais forma lucrativa e midiática. Essas três vaqueiras, hoje consideradas verdadeiras celebridades em seu meio, têm suas trajetórias divulgadas pelas suas páginas do Instagram e também com reportagens em sites de visibilidade ligados a premiações de vaquejada, o que lhes acrescentam mais prestígio no esporte. Nessa convivência, enquanto pesquisadores, nos foi uma experiência singular, proporcionando-nos uma visão detalhada da vaquejada contemporânea e das estratégias de exposição midiática que envolvem essas atletas. Além disso, tivemos a oportunidade de interagir com uma vaqueira veterana, que competiu na década de 1990 e que compartilhou conosco valiosas reflexões sobre os contrastes entre as vaquejadas daquela época e as de hoje, revelando as algumas transformações que o esporte sofreu ao longo dos anos.

As três mulheres vaqueiras que convivi nos eventos das vaquejadas frequentadas podemos qualificá-las como subcelebridade, no meio das redes equiparado a microinfluencer de acordo com o número de seguidores, entre 10 mil e 100 mil, mesmo que apenas uma delas se ver como influencer digital. A temática de subcelebridades está ligada ao termo "bolha", que se refere ao grupo social ao qual a subcelebridade pertence. O que hoje chamamos de bolha social foi vivenciada nas comunidades virtuais, construídas com base em afinidades de

²³ Nome da Música: “Quando você some” – Composição: Victor Chaves - Interpretação – Vitor e Leo - 2012.

interesses e conhecimentos, por meio da troca e/ou cooperação, independentemente da proximidade geográfica. (Conde, 2019).

Durante nossa pesquisa de campo, foi possível observarmos que as vaqueiras, enquanto sujeitos centrais da investigação, são amplamente reconhecidas e respeitadas por outras vaqueiras de diferentes estados do Brasil. Esse reconhecimento nos ficou evidente nas rodas de conversas, onde suas trajetórias e conquistas eram mencionadas e admiradas, no entanto, percebemos que, para aqueles que não estão imersos no universo da vaquejada, essas subcelebridades permanecem quase desconhecidas. Esse contraste é ainda mais acentuado quando consideramos que, nas redes sociais, elas possuem um público específico que as acompanha de perto. Esse grupo específico de seguidores muitas vezes se identifica com aspectos particulares da vida e das características das mulheres vaqueiras, o que reforça a cultura vaqueira, mesmo que essa fama não ultrapasse os limites desse nicho.

A vaquejada (re)descobre o nordestino e o posiciona no campo de disputa ideológica e cultural, ao surgir novas formas de pensar e agir no meio da “derrubada do boi”, onde ele passa a ser legitimamente (re)conhecido como um agente apto a participar do intenso embate cultural, vaquejada ressignificações. A mídia desempenha um papel crucial nesse contexto, popularizando a vaquejada por meio da figura da mulher vaqueira desportista, que se transforma em uma “vitrine itinerante” da “cultura vaqueirama” e de suas narrativas de identidade regional, como também iremos apresentar as quatro colaboradoras para que foram responsáveis pela nossa pesquisa.

“Uma boa vaqueira de verdade é aquela que o povo conhece até só pela foto na net, já chama atenção” (N.S) ter prestígio nesse meio, hoje, ~~ne~~ é necessário ser reconhecida por sua habilidade na pista, mas também por sua presença marcante, tanto pessoalmente quanto online. A fama de uma vaqueira se estende além das competições, quando sua imagem é instantaneamente reconhecida nas redes sociais: esta visibilidade chama a atenção do público, refletindo sua boa reputação. Além disso, uma vaqueira que sabe se destacar nas redes sociais, promove a cultura da vaquejada e inspira outras com sua dedicação, ganha o respeito e a admiração do público. Essa combinação de habilidade, presença on-line e reconhecimento popular define uma vaqueira de verdade. Para tanto, iremos apresentar nossas entrevistadas, mulheres vaqueiras paraibanas.

2.2.1. V. V. – *Experiência, vivência e resistência*

Meus irmãos, meu pai, não gostavam muito da ideia, mas deixavam. Meu marido também não, dizia que era uma besteira. Só já separada que consegui ser vaqueira, como eu queria (...). (V. V.)

Diferentemente das colaboradoras anteriores, essa nossa colaboradora, hoje com 61 anos de idade, residindo em Campina Grande-PB, opta por manter sua trajetória discreta, sem mencionar os títulos que conquistou ao longo de sua vida em bolões de vaquejada, uma vez que nunca competiu em vaquejadas profissionais. Apesar de ter deixado de participar dessas competições, sua contribuição foi fundamental para entendermos melhor a história da vaquejada sob a ótica feminina. Embora prefira manter sua identidade resguardada, seus relatos foram preciosos ao oferecerem uma visão sobre o passado e a transformação dessa prática cultural, nos trouxe à tona memórias e nuances dos bolões de vaquejada, quando os eventos de ainda seguiam um formato mais simples e regional, com um contexto em que as mulheres estavam muito mais à margem das competições.

Ao longo dos anos, ela acompanhou a transformação desse esporte, destacando como a vaquejada passou a incorporar novas regras, influência da mídia, maior profissionalismo e a inclusão de espaços específicos para a participação feminina, embora, na sua percepção, certos traços tradicionais e barreiras ainda permaneçam. A partir de sua experiência, conseguimos enxergar não só a força das mulheres nesse meio, mas também os desafios que elas enfrentaram e as mudanças que, embora graduais, abriram portas para a igualdade e reconhecimento feminino na vaquejada.

Com V.V., ao contrário das demais colaboradoras, realizamos apenas uma entrevista, que resultou em uma gravação um pouco mais longa (23 minutos). Creio por já termos uma amizade anterior à pesquisa, V.V. se sentiu mais à vontade para se estender nos comentários, oferecendo detalhes e reflexões mais profundas sobre suas experiências, esse vínculo, que ela prefere manter em sigilo, trouxe uma abertura e confiança especiais ao diálogo. Como pesquisadora, respeitamos essa escolha, valorizando o equilíbrio entre a ética da amizade e a objetividade acadêmica.

Nossa entrevista foi planejada com o objetivo de proporcionar um ambiente acolhedor e confortável para ambas as partes, resultando na escolha de sua própria casa como local de encontro. A colaboradora sugeriu o dia e o horário que lhe eram mais convenientes, garantindo que estaria sozinha em casa para que pudessemos conversar sem interrupções o que, segundo sua própria avaliação, criaria um espaço mais propício para a conversa. O

momento foi marcado por descontração, permitindo uma conversa fluida com naturalidade, em que os detalhes da sua experiência e visão puderam ser explorados. Essa atmosfera tranquila contribuiu significativamente para a qualidade da entrevista, tornando-a um ponto alto do nosso trabalho de campo.

Nossa colaboradora nasceu e foi criada em uma fazenda, imersa desde a infância no cotidiano rural e nas atividades típicas da vida no campo. Desde cedo acompanhava a família em eventos de bolões de vaquejada, mas sempre sob regras rigorosas, já que seus pais e irmãos, com forte apego às normas tradicionais machistas, não aprovavam a ideia de uma mulher participando ativamente em um ambiente masculino. As vaquejadas eram vistas como um espaço predominantemente masculino e, por isso, ela enfrentava grande resistência quando manifestava interesse em competir. Durante a adolescência, conseguiu que seu pai a autorizasse de participar apenas dos bolões de vaquejada que aconteciam nos sítios vizinhos a sua moradia, uma forma de competição mais informal, mas ainda assim sob supervisão constante dos irmãos. Além disso, a escolha do cavalo era controlada pela família, e ela só podia montar em animais dóceis, destacamos de sua fala “o cavalo tinha que ser mansinho”, para evitar qualquer tipo de risco. Apesar dessas limitações, esta experiência foi o início de seu envolvimento com o esporte.

Ao se casar, ela viu seu sonho de competir ser interrompido, pois seu marido a proibiu de correr boi, permitindo apenas que o acompanhasse em alguns eventos como espectadora. Mesmo com essa limitação, sempre ansiava pelo momento em que poderia, enfim, competir livremente. Esse desejo reprimido persistiu por anos, até que, em 1995, após se tornar mãe e passar por uma separação conjugal, ela finalmente pôde assumir ser uma mulher vaqueira. Esse foi um marco transformador em sua vida, uma verdadeira virada, onde conquistou a liberdade de correr boi e enfrentar desafios de igual para igual com vaqueiros, superando as restrições que havia a impedido antes. Suas experiências simbolizam a luta e a perseverança de muitas mulheres que enfrentam obstáculos em busca de seus sonhos, especialmente em ambientes tradicionalmente masculinos, tornando-se um exemplo de resiliência e determinação, quebrando barreiras e inspirando outras mulheres a fazer o mesmo e redefinindo seu lugar na vaquejada.

Ela nos conta que, no começo, competia exclusivamente contra homens, enfrentando desafios devido às diferenças fisiológicas entre os gêneros, o que frequentemente reduzia suas chances de vitória na categoria masculina. Ainda assim, com muito empenho e resiliência, conseguiu conquistar alguns títulos, provando sua competência e dedicação. Como uma mulher vaqueira na década de 1990, as barreiras eram numerosas: sentia-se limitada pela

escassez de oportunidades para treinar e se aperfeiçoar. Além de não contar com o reconhecimento esperado, seja no âmbito pessoal, social ou familiar, um campo marcado por muito preconceito. No entanto, ela perseverou, tornando-se um exemplo de força e comprometimento, abrindo espaço e desbravando um território onde, naquela época, poucas mulheres ousavam pisar. Essa luta não apenas trouxe conquistas pessoais, mas também contribuiu para a transformação e aceitação da vaqueira como parte fundamental do cenário esportivo.

Durante a entrevista evidenciou que os desafios eram dos mais variados, como a inexistência de banheiros femininos, a dificuldade de conseguir um cavalo emprestado para competir, que frequentemente vinha acompanhada de piadas depreciativas, tais como: “estás naqueles dias, meu cavalo não gosta, perde as forças”; “lá vem ela impaiá a vaquejada”, como também piadas das mulheres dos outros vaqueiros “quer se amostrar”; “está atrás de macho”; “Vai ver a puta correr?”; “Bora ver a puta correr!”; “quero ver as quedas”; “Diacho de besteira é essa vaquejada?”. Com emoção, V.V. nos relata que sempre manteve sua postura firme, nunca respondendo aos comentários que ouvia durante as competições, pois, para ela, o silêncio era uma forma de preservar sua dignidade e mostrar que sua presença ali era pelo amor ao esporte, e não para responder a quem questionasse seu lugar nas arenas. Essa atitude, conta ela, foi o que a fortaleceu ao longo dos anos, fazendo com que ganhasse um pouco de respeito e reconhecimento no meio da vaquejada.

Essa colaboradora nos trouxe um relato diferenciado, especialmente por ter vivenciado os bolões de vaquejada femininos de outrora, destacando aspectos essenciais sobre a Associação das Vaqueiras da Paraíba (ASSOVPB) quando fazia parte das 36 mulheres que se associaram nos primeiros anos da década de 2000. Ela acompanhou de perto o impacto da associação no fortalecimento da categoria feminina dentro das vaquejadas paraibana, durante esse período, a ASSOVPB, desempenhou um papel fundamental na luta pela inclusão das mulheres nas competições, ampliando sua visibilidade, organizando espaços onde vaqueiras amadoras pudessem competir, facilitando assim a compra de senhas, organizando cavalos para competições, deslocamentos e pressionando os donos de parques para que elas pudessem competir. Desse modo, a associação contribuiu para consolidar a identidade feminina dentro do cenário da vaquejada paraibana, criando uma rede de apoio e resistência. Seu relato reforça a importância dessas iniciativas para a construção de um espaço mais igualitário, onde as mulheres se consolidaram como competidoras legítimas e qualificadas, desafiando estereótipos e conquistando espaços dentro do esporte.

A vivência da vaqueira na década de 90 enfrentou uma série de dificuldades significativas que refletiam a desigualdade de gênero enraizada na sociedade. A falta de infraestrutura básica nos locais de competição, evidenciava a ausência de reconhecimento e respeito pela presença feminina na vaquejada, associada à resistência familiar e social, que desencorajava a participação feminina em um ambiente predominantemente masculino, tornava ainda mais difícil para as mulheres seguirem suas paixões e se afirmarem como competidoras. Dessa maneira, ela rompeu padrões, desestruturou preconceitos e desmistificou mitos que se impunham a mulher, ao mesmo tempo, descaracterizou a imagem da mulher ser apenas frágil, dócil e passível, de unicamente ter a função de reprodução.

Após a apresentação de nossas fontes de pesquisa, iremos mostrar a vaquejada feminina a partir das vozes das próprias vaqueiras e das experiências que acumulamos ao vivenciarmos essas festas. São narrativas de vida carregadas de autenticidade que nos oferecem a compreensão dos desafios, das conquistas e da força que move essas mulheres no ambiente tradicionalmente masculino da vaquejada. As falas das vaqueiras revelam não apenas suas técnicas e habilidades, mas também suas percepções, sentimentos e a forma como lidam com o olhar externo que, muitas vezes, questiona sua presença na “derrubada do boi”. Ao longo de algumas vaquejadas testemunhamos a determinação e a paixão dessas mulheres, que não apenas competem, mas se destacam, quebrando barreiras e conquistando seu espaço. Isso mais além nos permitiu enxergá-las além das pistas: as histórias de vida, os sacrifícios, os momentos de superação, e a conexão com seus cavalos. A partir dessas vivências compartilhadas, podemos entender como as mulheres estão ressignificando a vaquejada, transformando-a em um espaço de afirmação feminina.

2.2.2. Lara Ferreira – (L.F.) – Nossa habilidosa Influencer Digital

“Eu estudo, me informo não falo qualquer coisa e tento mostrar sempre o meu melhor tanto nas pistas como no meio digital, as redes sociais ...” (L.F.)

Com 18 anos, mora em João Pessoa-PB, estudante de Medicina Veterinária na UFPB, criada em meio ao ambiente das vaquejadas devido ao pai ser vaqueiro, sua inserção neste meio foi natural como se tivesse nascido vaqueira. Tem uma frequência semanal de participação nas vaquejadas, corre na posição de “puxadora” profissionalmente a dois anos, pela Botinas Vaqueirama - Conde-PB, com uma titulação de: Campeã PE-PB 2021/2022. Apesar de sua pouca idade exibe um olhar firme e seguro, sem qualquer vestígio de

hesitação, uma jovem mulher que mostrar-se forte, orgulhosa do que é como alguém que tem domínio sobre os ambientes que vive.

Lara é uma influenciadora digital e eu já era sua seguidora nas redes sociais desde 2023. Sabia que ela tinha uma forte ligação com o meio rural, pois seu pai é um vaqueiro profissional e ela havia nascido e sido criada nesse ambiente. Desde o início, eu tinha o desejo de incluí-la em minha pesquisa, por ser uma referência importante no mundo da vaquejada. O primeiro contato que tentei estabelecer com ela foi pelo chat do Instagram, mas não tive sucesso. Acredito que, devido ao grande número de seguidores que ela possui, ela não costuma ver esse tipo de mensagem. Como eu já acompanhava seu perfil há algum tempo, observei que ela fazia propaganda de botas da marca Vaqrama -um produto voltado para o público da vaquejada - isso me deu uma nova estratégia para entrar em contato, pois notei que o perfil comercial contava com um número menor de seguidores, então resolvi tentar por lá. Entrei em contato com eles, explicando meu objeto de estudo e mencionando que precisava de um contato direto com a vaqueira Lara para minha pesquisa.

Surpreendentemente, no dia seguinte, recebi uma resposta da equipe da Vaqrama, que gentilmente me forneceu o número do WhatsApp de Lara, no entanto, o contato com ela foi mais demorado do que eu esperava. Embora eu já tivesse o número e lhe enviar mensagens diretamente não foi suficiente para garantir uma resposta imediata, talvez pela quantidade de mensagens que ela deva receber, considerando que é uma subcelebridade com incentivos comerciais, mesmo assim, continuei persistente, acreditando que essa conexão seria crucial para o sucesso da pesquisa, pois Lara não apenas representa a vaquejada contemporânea como também tem um papel ativo na difusão dessa cultura digital através de suas redes sociais.

Depois de algumas tentativas de nos encontrarmos pessoalmente, finalmente conseguimos marcar um encontro no Parque de Vaquejada Arena Jampa em João Pessoa-PB - 06 a 10 de março de 2024. Era um momento esperado, e quando Lara chegou, estava acompanhada por parte de sua equipe, além de sua mãe. Iniciamos uma entrevista que durou 17 minutos. Durante a entrevista, fiz as mesmas perguntas-chave que havia feito para a nossa primeira colaboradora, com o objetivo de estabelecer um clima de confiança e facilitar o entrosamento, pois sabia que o tempo com Lara seria mais curto. Nesta ocasião foi a primeira vaquejada que tive a oportunidade de presenciar ao lado dela, o que trouxe uma dinâmica diferente a nossa conversa. Nossa colaboradora estava muito à vontade, talvez pela presença familiar, mas também pelo ambiente que ela conhece tão bem e onde se sente em casa. Embora o tempo fosse reduzido, consegui captar bastante das suas impressões sobre o mundo da vaquejada, seu papel como influenciadora digital e competidora, e como ela equilibra essas

duas facetas de sua vida. Ela falou abertamente sobre suas estratégias para lidar com o público online e a pressão de estar sempre em evidência, mas também compartilhou sua paixão genuína pelos cavalos e pelas competições, algo que, segundo ela, contribui para mantê-la focada e conectada com suas raízes, mesmo em meio à visibilidade nas redes sociais.

Nossa vaqueira e futura médica veterinária possui uma aparência delicada, magra e com uma postura elegante, que transmite uma imagem de fragilidade à primeira vista, com um jeito cativante e uma fala fluida, ela conversa com a facilidade de uma jornalista, ficando completamente à vontade diante das câmeras, especialmente nas filmagens das competições e entrevistas. Quem a visse em um ambiente diferente, sem conhecer seu histórico nas redes sociais, poderia se surpreender ao saber que ela é uma vaqueira de vaquejada profissional. Sua aparência jovem e bela, muitas vezes associada a outros contextos, esconde a força e determinação que ela demonstra nas pistas, onde assume o controle com garra e coragem, características típicas de uma vaqueira já experiente. Esse contraste entre a suavidade externa e a força interna faz dela um exemplo de como as vaqueiras modernas rompem com estereótipos, conciliando a atuação nas vaquejadas com seus estudos em medicina veterinária, e mostrando que é possível unir delicadeza e resistência em um só perfil.

Ao acompanhá-la nos espaços do parque de Vaquejada, fica evidente que ela está sempre produzindo conteúdo para suas redes sociais, registrando cada momento. Diferentemente de algumas de nossas outras colaboradoras, ela não apenas compartilha as emoções da competição, mas também transmite conhecimento sobre a tradição da vaquejada. O que mais me chamou a atenção foi sua habilidade em conectar o passado com o presente, em alguns momentos, fazendo comparações entre as vaquejadas antigas e as mais modernas, ressaltando como a prática evoluiu ao longo do tempo. Temos um vídeo de quase 7 minutos em que ela nos guia pelos espaços internos dos parques de vaquejada, fazendo uma comparação interessante entre as estruturas antigas e as atuais, algo que apenas esta colaboradora mencionou. Durante a explicação, ela destaca que antigamente os parques não ofereciam áreas específicas para mulheres, sendo todos os espaços majoritariamente ocupados por homens, tanto nas competições quanto nas áreas de convivência. Hoje, no entanto, isso mudou significativamente. Ela nos mostra que agora existem espaços exclusivos para mulheres, como áreas de descanso e preparação, proporcionando mais conforto e inclusão para as vaqueiras. Essa transformação reflete a crescente presença feminina no esporte, assim como o reconhecimento das necessidades e direitos das competidoras nos eventos de vaquejada.

No entanto, mesmo com sua aparência jovem que poderia facilmente ser associada a outros contextos midiáticos, ela demonstra uma firmeza e autoridade que não deixam dúvidas sobre sua competência como vaqueira. Apesar de sua capacidade inquestionável, fica claro que ela enfrentou, e talvez ainda enfrente, o preconceito de gênero. Destacamos desse vídeo: “já fui alvo de preconceito, como se não colocassem credibilidade no que falo por ser jovem ou mulher”. Porém, a maneira como ela lida com isso sempre mantém uma postura profissional e conhecimento sobre a vaquejada, características tais que a ajudam a quebrar essas barreiras, mostrando que, mesmo em um ambiente tradicionalmente dominado por homens, ela se destaca e impõe respeito, tanto pela sua performance nas competições quanto pela forma com que preserva e promove a tradição da vaquejada em suas produções digitais.

Em um terceiro vídeo, gravado no decorrer na vaquejada, com duração de quase 4 minutos, ela aparece competindo em uma das disputas da vaquejada em que obteve sucesso, mas o que chama a atenção é o fato de que, durante a competição, ela continua gravando conteúdos para suas redes sociais, demonstrando seu comprometimento em compartilhar cada detalhe de sua jornada no esporte. Além de seu foco nas manobras da disputa, ela se preocupa em passar mensagens positivas, sempre com palavras de incentivo para outras mulheres que têm interesse em ingressar no mundo da vaquejada ou que a seguem e a admiram nas redes sociais. Ao longo do vídeo, ela reforça que tudo é um processo de aprendizado, destacando que os desafios enfrentados no esporte servem como oportunidades para crescimento, tanto pessoal quanto profissional. Seu papel como influenciadora digital vai além de apenas mostrar a competição. Ela procura motivar e inspirar outras mulheres a acreditarem no seu potencial, incentivando a participação feminina neste espaço.

Nosso segundo momento de pesquisa de campo ocorreu na 1ª Vaquejada do Parque Antônio Ursulino, em João Pessoa-PB, realizada de 19 a 21 de abril de 2024, onde nossa colaboradora Lara conquistou o primeiro lugar. A emoção de vencer ficou evidente, e ela aproveitou para produzir conteúdo para suas redes sociais. Houve uma grande comemoração por parte de sua equipe, e seus pais também estavam visivelmente felizes com o prêmio conquistado. Nesse segundo encontro, percebi que Lara estava mais descontraída e à vontade, o que nos rendeu uma gravação de 8 minutos, onde ela compartilhou que, para ela, a vaquejada é algo de família, quase como se estivesse no “DNA da família”. Durante a conversa informal, Lara também abordou a importância do uso de equipamentos de segurança, como capacete e esparadrapo nas mãos, afirmando que, mesmo durante o período de aprendizado da vaquejada, ela sempre priorizou o uso desses protetores. Em outro vídeo de 9 minutos, continuamos nossa conversa informal, desta vez focando em sua relação com a

mídia, queremos destacar de sua fala “existe muito preconceito comigo por ser mulher e também por ser jovem”. No entanto, mesmo ao falar desse preconceito, ela não se mostrava triste ou abalada, mas sim bastante pensativa e reflexiva, sugerindo que tais desafios a tornaram mais forte e determinada em sua trajetória.

2.2.3. Niely Sousa – (N.S.) – *Nossa menina que vale ouro*

“Já corri em seis cavalos diferentes, na mesma vaquejada e ganhei, quatro anos sem cavalo, hoje, graças a Deus, tenho o meu ...(N.S.)”

Com 21 anos, mora em Sumé- PB, Parque Haras JBR - Sumé-PB, sempre morou em sítio, precisou muitas vezes pedir ajuda para se deslocar para vaquejadas mais distantes e já ganhou: Campeã do Circuito Raízes do Cariri 2018, Campeã do Circuito Vale do Pajeú de Vaquejada 2022, Campeã do X1 Aposta Ganha 2024. Ao longo da trajetória na vaquejada, teve a oportunidade de correr em seis cavalos diferentes na mesma competição e conseguiu vencer. Mesmo sem cavalos para treinar e ir às vaquejadas, nunca desistiu de seus sonhos. Depois de quatro anos comprou seu próprio cavalo. Isso nos mostra que cada situação é um aprendizado único que a manteve perseverante na sua jornada em que a paixão pelo esporte superou as adversidades.

Eu, já acompanhava a trajetória da nossa colaboradora desde 2022, sendo seguidora ativa de suas redes sociais. Nosso primeiro contato foi pelo chat do Instagram, e, ao contrário das outras duas colaboradoras, creio que por não ter um número tão alto de seguidores, ela me respondeu prontamente. Desde o primeiro momento, ela se mostrou disposta e muito empolgada em participar da nossa pesquisa, o que foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Já tinha conhecimento que até o final do ano passado, ela ainda não possuía patrocinadores e arcava sozinha com todos os custos de participar das diferentes vaquejadas. As despesas com transporte, alimentação e cuidados com os cavalos eram todas custeadas por ela, o que demonstrava seu grande esforço e dedicação. Também sabíamos que somente este ano que ela conseguiu comprar o seu próprio cavalo, um marco importante em sua carreira como vaqueira. Antes disso, corria nas pistas de vaquejada, montada em cavalos emprestados por outras vaqueiras ou conhecidos. Hoje é rotina compartilhar sua felicidade em suas redes sociais, agradecendo muito a Deus por ter seu próprio cavalo e também por finalmente ter conseguido patrocínio, o que aliviou bastante as despesas com viagens e transporte do animal.

Nosso primeiro encontro pessoalmente aconteceu na cidade Sumé-PB, durante a 12ª Vaquejada do Parque Haras Vila Cowtry, Sumé –PB, durante nos dias de 24 a 27 de março de 2024, ocasião que a acompanhamos, sendo que este foi um dos momentos mais marcantes de nossa pesquisa de campo. Inicialmente fizemos uma entrevista de 13 minutos na sexta-feira, no primeiro dia do evento, com o intuito de criar um melhor entrosamento para os dias seguintes. Niely Sousa, que hoje já conta com sua própria equipe de apoio, estava acompanhada de seu pai, o que reforçava a importância familiar em sua trajetória na vaquejada. Para mim, como pesquisadora, foi um privilégio estar naquele momento, presenciando algo que ela sonhava desde criança, em suas palavras, destacou: "Meu maior título, eu tinha um sonho desde pequena, aqui nesse parque, nessa cidade ...". Ali, ela não apenas participou da vaquejada, mas conquistou o título de melhor da categoria feminina, uma vitória que teve um peso enorme para sua carreira. Esse triunfo pessoal não só simbolizou a realização de um desejo antigo, mas também mostrou a determinação e o esforço contínuo que ela coloca em seu trabalho como vaqueira.

Ao final da corrida, Niely estava visivelmente emocionada e ao ser entrevistada para as redes sociais do grupo "Aposta Ganha", quase não conseguia falar, tomada pela emoção de realizar um sonho de infância: ganhar aquele título, e ainda mais em Sumé, uma cidade que representava muito para ela, um momento de superação e conquista pessoal. Quanto a nós, pudemos acompanharmos a entrevista e ver seu objetivo alcançado.

Essa experiência em Sumé-PB foi, sem dúvida, um dos momentos mais gratificantes para nossa da pesquisa, não apenas pelo conteúdo, mas pela conexão emocional criada: sua melhor premiação. Além disso, esta viagem rendeu diversas gravações que capturaram a essência daquele dia, desde o som dos cascos dos cavalos, a adrenalina da corrida, até a emoção na voz da vaqueira vencedora. Como pesquisadora, testemunhar e registrar esse momento foi um presente raro, o qual enriqueceu o material da pesquisa e deu ainda mais sentido a nossa investigação. Logo após sua vitória, fizemos uma gravação de 16 minutos, durante a qual ela relembra com orgulho o tempo em que competia sem possuir um cavalo próprio. Menciona que, em uma única vaquejada, chegou a correr em seis cavalos diferentes, destacando a dificuldade de ter que se adaptar rapidamente a cada um deles e mesmo assim, conseguiu conquistar quatro títulos consecutivos, demonstrando sua dedicação e habilidade como vaqueira. Esse período de sua vida nos mostrou ser grande desafio, pois, por quatro anos, conseguia competir sem ter um cavalo próprio. Hoje, ao falar sobre isso, ela expressa com muito orgulho o fato de finalmente ter conseguido comprar seu próprio cavalo, uma realização que, para ela transpareceu simbolizar o ápice de sua carreira.

Nesse mesmo vídeo em questão, Niely reflete, também, sobre a dinâmica das competições e destaca que, na pista de vaquejada, cada pessoa desenvolve seu próprio estilo, explica que todos, tanto homens quanto mulheres, têm suas técnicas particulares de derrubar o boi, e que, ao contrário do que muitos pensam, não se trata de força, mas de técnica. A vaquejada, segundo nossa colaboradora, é um esporte de estratégia e precisão, no qual o conhecimento e o domínio da técnica são cruciais. Fala com evidência sua paixão e respeito pelo esporte, além de servir como uma inspiração para outras mulheres que enfrentam desafios semelhantes na busca pelo sucesso.

No nosso segundo momento de pesquisa, estivemos na 4ª Vaquejada do Parque e Haras Bezerra Marinho em Riachão de Bacamarte-PB, entre 04 e 08 de setembro, onde notamos que nossa colaboradora estava mais espontânea durante as gravações. Fizemos uma gravação de 8 minutos, na qual ela abordou temas polêmicos, por exemplo, destacando que apesar de as mulheres na vaquejada serem como uma grande família e se ajudarem mutuamente, existem determinadas rivalidades, principalmente entre as vaqueiras veteranas e as mais jovens. Ela exemplificou essa tensão ao mencionar que, às vezes, as veteranas desafiam as mais novas a montarem cavalos mais difíceis, quase como uma prova de força e resistência, usando a expressão: "dá um cavalo arriscado para ver o desmantelo". Além disso, tocou em um ponto sensível que é a desigualdade na premiação entre as categorias masculina e feminina, observando que essa diferença é uma forma de preconceito de gênero, pois as vaqueiras enfrentam os mesmos desafios que os vaqueiros – desde os custos com transporte, alimentação dos animais, até a preparação e esforço físico. Mesmo assim, no momento da premiação, a recompensa oferecida para as mulheres é significativamente inferior à dos homens, se mostrando uma situação, por ela vista, ainda, como uma barreira a mais para ser enfrentada por todas as mulheres vaqueiras, que continuam a lutar por reconhecimento e igualdade dentro do esporte.

2.2.4. Lucimara Sampaio - (L.S.) – A Gigante das Pistas, Vaqueira Raiz

“aí vem a vaqueira, ela trata, ela corre, ela mesmo cela, ela mesmo coloca no caminhão, viaja, ela dirige, ela é clínica geral essa é a vaqueira Lucimara” (narração – Parque de Vaquejada Arena Jampa)

Uma jovem de 21 anos que mora em Boqueirão-PB, corre na posição de “puxadora”, profissionalmente, pela Equipe Dr. Fernandinho Freitas - Pedra-PE, a cerca de três anos, mas já é Reservada Campeã do PE-PB 2023; Campeã das campeãs do Circuito Vaqueiro, em

Queimada-PB, no Parque dos Vaqueiros; Reservada Campeã do ABVAC; Campeã do X1 ao vivo BetVip; Campeã do Campeonato VAIDEBET – todos esses títulos conquistados no ano de 2023.

O diálogo com Lucimara Sampaio começou a se desenvolver apenas no início de 2024, embora eu já a seguisse no Instagram desde 2022. Inicialmente, entrei em contato enviando uma mensagem pela plataforma, mas demorou cerca de um mês para que ela visualizasse e me respondesse. Persisti no contato e, com a ajuda de Neguinho de Maria Rita, seu bate-esteira, consegui estabelecer uma primeira comunicação, já que ele me respondeu prontamente e intermediou o diálogo. Dois dias depois, Lucimara me respondeu, explicando que estava distante da Paraíba, viajando para vaquejadas, mas gentilmente me passou seu WhatsApp para facilitar nossa comunicação e encontrar uma data para nos encontrarmos pessoalmente. Quando chegou o período carnavalesco, ela retornou a sua cidade natal, Boqueirão-PB, onde estava acontecendo um bolão de vaquejada no Parque Erivelton Guimarães. Apesar de não estar competindo nessa ocasião, Lucimara marcou presença como espectadora e subcelebridade, aproveitando o momento para prestigiar o evento e, finalmente, permitir que nossa interação se concretizasse pessoalmente.

No nosso primeiro contato pessoalmente, eu estava bastante ansiosa, apresentei-me, falei sobre meu objetivo de pesquisa e da importância da participação dela como vaqueira para minha investigação, com o intuito de criar um ambiente de confiança e abertura para que pudéssemos nos conhecer melhor. Lucimara foi receptiva e compreensiva. Iniciamos com uma entrevista simples, seguindo um roteiro previamente elaborado (anexo à pesquisa), momento em que fiz perguntas básicas para entender seu envolvimento com as vaquejadas e sua trajetória no meio. A entrevista durou exatamente 15 minutos e durante esse tempo ela compartilhou suas primeiras impressões, histórias e experiências. Ao final da conversa, combinamos quais seriam os próximos passos do nosso processo de colaboração, como os dias que poderíamos nos encontrar novamente, além de como seria a troca de informações e relatos ao longo da pesquisa. Essa primeira interação foi fundamental para estabelecer uma base sólida de confiança para nossa relação de pesquisa, permitindo que as próximas entrevistas fluíssem de maneira mais natural e colaborativa.

Nossa colaboradora é uma mulher jovem de grande estatura, com mãos longas e firmes que revelam sua conexão com a lida no campo, seus cabelos bem cuidados, contrastam com o estilo simples e prático de quem vive no meio rural, mas não abre mão de se cuidar. O sorriso fácil é uma característica marcante, sempre presente, transmitindo uma simpatia natural. Seu jeito despojado e autêntico reflete o estilo de vida rural no qual nasceu e foi

criada, reforçando a ideia de que ela é uma verdadeira "vaqueira raiz". Durante nossos encontros, essa imagem ficou ainda mais evidente: a força e a leveza que carrega no jeito de falar e se portar demonstram a harmonia entre sua vida no campo e seu amor pelas vaquejadas. Tudo nela, desde as roupas simples, até a maneira direta e confiante de se expressar, reflete o espírito da mulher nordestina, que se orgulha de suas origens e suas tradições.

Nos parques de vaquejada que frequentei com Lucimara, desde o início, busquei estar ao seu lado em ambientes onde ela se sentisse mais à vontade, principalmente quando participava como competidora. A atmosfera do parque era uma mistura de energias: o som dos cavalos e das competições se misturava à batida de músicas eletrônicas que ecoavam pelos alto-falantes, enquanto risadas e conversas animadas das pessoas ao redor criavam um pano de fundo quase caótico, mas eletrizante. Esse ambiente, tão característico das vaquejadas, parecia natural para ela, e tão bem já estava adaptada, fazendo perguntas de maneira indireta durante nossas conversas. O som dos gritos dos vaqueiros, e a torcida, junto com o burburinho do público, criavam um belo cenário e o bate-papo casual se tornou uma abordagem mais interessante e fluida para manter o diálogo. Lucimara respondia com a mesma naturalidade com que montava no cavalo e encarava a arena, e a leveza das conversas revelava muito sobre seu mundo, seu jeito de competir e sua conexão com a cultura da vaquejada.

A primeira vaquejada que frequentada foi a 12ª Vaquejada do Parque BeMais, em São Miguel de Taipu-PB, que ocorreu de 14 a 19 de maio de 2024. Foi uma experiência marcante, tanto para ela quanto para mim. Lucimara competiu com garra e, ao final, conquistou o primeiro lugar em sua categoria, o que foi uma grande vitória para ela. A emoção que tomou conta dela foi contagiante, a felicidade de ter alcançado esse feito foi algo que também me tocou. Ela comemorava com uma energia que parecia familiar para mim, mas, ao mesmo tempo, havia um brilho especial naquele momento, como se sua conquista tivesse um significado ainda maior. O abraço apertado que ela deu nos amigos e na equipe, os gritos de alegria e o sorriso, mostravam o quanto aquela vitória representava não só para sua trajetória na vaquejada, mas para sua vida como um todo. Para mim, foi um privilégio estar ali, compartilhando essa alegria e entendendo ainda mais a essência da vaquejada e o que ela significa para pessoas como Lucimara, que vivem e respiram esse universo.

Esse momento especial nos rendeu alguns vídeos que capturam a essência da Lucimara. O primeiro com duração de 8 minutos, mostra uma conversa onde ela compartilha um pouco de sua infância e suas primeiras lembranças com o esporte. Lucimara, nos contou:

"Eu achava lindo as meninas correndo, ficava no pé da cerca chorando e pensava um dia eu entro nesse campeonato e graças a Deus, hoje, estou aí." Foi emocionante ouvir suas palavras e perceber o quanto esse sonho de infância se transformou em realidade. Já no segundo vídeo com duração de quatro minutos e nos falou sobre o que, em sua visão, significa ser uma boa vaqueira: a dedicação, o respeito aos animais e a paixão pelo que se faz são essenciais. Outro vídeo feito registrou a corrida em que ela derrubou o boi e conquistou a premiação.

Nosso segundo momento de observação e participação da pesquisa de campo foi na 2ª Vaquejada Parque Genésio Araújo - Sousa-PB -18 a 23 de julho de 2024, onde mais uma vez nossa colaboradora conquistou o 1º lugar, algo que particularmente, me chamou atenção no vídeo de quase 7 minutos, quando já tinha ganho o título com toda aquela emoção sendo filmada comentou "quem nunca ouviu um zero, na vaquejada" e baixou a cabeça como se lembrasse de algo não muito agradável, mas ao interrogá-la não quis falar sobre este assunto, acrescentando apenas "é, ali na pista, que damos nosso melhor onde fomos todas iguais, é ali". Por final temos um vídeo descontraído de quase 3 minutos quando fala sobre cavalos que fazem parte da família, equipamentos usados e parte econômica da vaquejada que para ela é economicamente e satisfatório pelo fato de não se ver fazendo outra coisa para poder se manter.

Nosso segundo momento de observação e participação na pesquisa de campo foi durante a 2ª Vaquejada do Parque Genésio Araújo, em Sousa-PB, de 18 a 23 de julho. Mais uma vez, nossa colaboradora Lucimara conquistou o 1º lugar, reafirmando sua habilidade e dedicação. O que me chamou atenção, além da própria performance dela na pista, foi um momento particular no vídeo de 06 minutos gravado logo após a vitória. Com toda a emoção de ter ganhado o título, Lucimara, enquanto era filmada, fez um comentário que ressoou profundamente: "Quem nunca ouviu um zero na vaquejada", disse, abaixando a cabeça, como se estivesse recordando algo doloroso. Mesmo tentando interroga-la sobre essa fala, ela evitou entrar em detalhes, deixando apenas uma reflexão no ar: "É ali na pista que damos nosso melhor, onde somos todas iguais, é ali." Esse trecho me pareceu um reflexo das pressões e frustrações que fazem parte da vida de uma competidora, revelando uma vulnerabilidade que, muitas vezes, é mascarada pela força que demonstram na arena.

Além disso, tivemos um vídeo descontraído de 2 minutos, no qual Lucimara conversava de forma leve sobre a relação que ela tem com seus cavalos, afirmando que eles fazem parte da família e necessita de cuidados. Esse comentário destacou como a vaquejada é mais do que uma competição para ela: é um estilo de vida e, acima de tudo, seu sustento. Essa segunda interação reforçou ainda mais a percepção de como a vaquejada molda a vida dessas

mulheres, tanto emocional quanto financeiramente e de como, para Lucimara, a pista é o lugar onde ela encontra igualdade, superação e, ao mesmo tempo, lembranças nem sempre fáceis.

2.3. Perfis das Colaboradoras: Análise de Conteúdo

Uma vez apresentada elementos da nossa pesquisa-ação, a partir dos quais tratamos dos diferentes perfis das nossas colaboradoras vaqueiras, fecharemos este tópico com uma tentativa de sistematização dos conteúdos das atividades de observação e gravação de entrevistas, tendo por base o próprio conteúdo das falas e o perfil das entrevistadas. Para conduzir essa análise, adotaremos a técnica descrita por Laurence Bardin (2011) que define a análise de conteúdo como um conjunto de métodos organizados e objetivos. Esses métodos permitem descrever e interpretar mensagens, gerando indicadores que auxiliam na compreensão das condições em que essas mensagens foram produzidas e recebidas, oferecendo, assim, uma visão mais aprofundada e estruturada das experiências e narrativas apresentadas pelas vaqueiras. Neste aspecto:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, quantitativos ou não que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2011, p.44)

A técnica de análise de conteúdo busca identificar e classificar as proposições presentes nos dados, permitindo compreender as relações entre elas e inferir as intenções, opiniões e perspectivas dos participantes envolvidos. No caso das entrevistas realizadas com as vaqueiras, utilizamos o método categorial, que organiza os dados em categorias temáticas para revelar padrões e significados. Esse método possibilitou inferências válidas a partir dos diálogos, respeitando as narrativas individuais que fazem parte de ideias coletivas. Desse modo, foi possível mapear as experiências das vaqueiras, explorar suas visões sobre a tradição da vaquejada e destacar os desafios e conquistas que moldam suas histórias no universo cultural e esportivo.

Segundo a autora, “este método é composto por três etapas fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados (Bardin, 2011, p.126). Na primeira fase, que corresponde à de organização da pesquisa, ~~aqui~~ optamos por meio da oralidade, entrevistas semiestruturadas e gravações com as vaqueiras, o que constituiriam o corpus de análise. Na etapa seguinte, os dados foram analisados e segmentados em unidades de registro

sintáticas e semânticas, codificados num contexto, sendo posteriormente organizados em categorias. (Anexo 4). Após um período de afastamento para reflexão, realizou-se uma reorganização das categorias, visando melhor integrar os dados coletados. Por último, procedeu-se à descrição de cada categoria.

Quadro 1 – Organização por Categorias

Categoria	Vaqueira Veterana	Vaqueira Novata	Vaqueira Profissional de Ponta	Vaqueira Digital Influencer
Sintática (palavras que se repetem e/ou que ganham maior ênfase e representam a realidade social da entrevistada)	- Uso de frases com termos específicos da época pré-midiatização. - Linguagem com termos de época; Frases curtas em forma de respostas; - Autoridade ao falar da vida no campo;	- Frases sobre desafios, planos de vida, linguagem contemporânea. - Frases provocativas e questionadoras; - Autoridade ao falar da vida no campo;	- Mistura de termos técnicos e frases com análises de circuitos; linguagem contemporânea; - Frases provocativas e questionadoras; - Autoridade ao falar do esporte vaquejada	- Linguagem informal e moderna, com gírias e termos das redes sociais. - Frases provocativas e questionadoras; - Autoridade ao divulgar a vida no campo;
Categorias Semânticas tradicionais (palavras que se repetem e que representam julgamentos e juízos sobre temas tradicionais para a historiografia que interessa à prática da vaquejada)	- Discussão sobre a transformação da vaquejada e desafios enfrentados antes da midiatização. - Posicionamento crítico ao Machismo	- Foco nos desafios atuais do circuito e experiências recentes. - Posicionamento crítico Machismo e Feminismo	- Ênfase em técnicas avançadas e competições de alto nível. - Posicionamento crítico Machismo e Feminismo	- Interseção entre vida rural e presença online; - Promoção da cultura vaqueira nas redes sociais. - Posicionamento crítico Machismo e Feminismo
Categorias Semânticas Emergentes (palavras que se repetem e/ou pronunciadas com maior ênfase e que representam julgamentos e juízos sobre temas não consagrados na historiografia)	- Temas sobre permanências culturais e sociais ao longo do tempo. - Desvalorização da cultura raiz da vaquejada; - Disputas entre masculino e	- Novos desafios e oportunidades no circuito atual. - Dificuldade da inserção no circuito profissional feminino - Disputa entre competidoras	- Inovações e avanços na prática da vaquejada. - Dificuldade do acompanhamento do circuito como um todo - Disputa entre competidoras	- Impacto da tecnologia e das redes sociais na prática da vaquejada e na vida rural; - Dificuldade do acompanhamento do circuito como um todo

que interessa à prática da vaquejada)	feminino;	mulheres;	mulheres;	- Disputa entre competidoras mulheres
--	-----------	-----------	-----------	---------------------------------------

Como foi mencionado, “a codificação da unidade de contexto” é a unidade de compreensão, cujo propósito é codificar a unidade de registro. Esta unidade corresponde ao segmento da mensagem que possibilita a atribuição precisa da unidade de registro (Bardin, 2011, p.133). Podemos identificar padrões nas falas de nossas colaboradoras, as vaqueiras, atribuindo-lhes significados e estabelecendo relações que nos permitiram uma melhor compreensão dos dados coletados. Esse processo foi essencial para garantir uma análise válida e confiável, respeitando tanto a singularidade quanto os pontos em comum entre os relatos, dessa forma, agrupamos os dados com base nas semelhanças identificadas, o que possibilitou a construção de categorias que sintetizam e organizam as informações, facilitando a interpretação e o diálogo com os objetivos da pesquisa.

Segundo Bardin (2011) As categorias representam classes que reúnem elementos com características comuns sob um título genérico, facilitando a organização e análise dos dados. Elas podem ser definidas de duas formas: a priori, quando são estabelecidas antes da análise dos dados, ou a posteriori, quando surgem a partir da análise do material coletado. No contexto de nossa pesquisa, as quatro categorias foram definidas a posteriori, emergindo diretamente das unidades de registro. Esse processo garantiu que as categorias refletissem com precisão os padrões e significados identificados nas falas das colaboradoras, enriquecendo a interpretação dos dados coletados.

Em nossa pesquisa, as quatro categorias foram definidas a partir do perfil de cada vaqueira, identificados após as conversas realizadas. A primeira categoria é a vaqueira veterana, que, embora não participe mais das competições, compartilha conosco sua visão sobre o universo da vaquejada, baseada em suas experiências e memórias. Já a segunda categoria, a vaqueira novata, representa aquelas que estão iniciando no mundo profissional da vaquejada, enfrentando grandes desafios relacionados ao melhor engajamento no esporte, à superação de preconceitos e à conquista neste espaço. A terceira categoria é a vaqueira profissional, que já possui uma posição consolidada no esporte, com experiência em competições e um olhar mais técnico e estratégico sobre a prática. Por fim, temos a vaqueira de influência digital, que alia suas habilidades na vaquejada à presença marcante nas mídias sociais. Embora também seja profissional, ela se destaca pela capacidade de dialogar com

públicos diversos. Dessa forma, cada uma dessas categorias reflete as múltiplas formas de ser mulher vaqueira no mundo das vaquejadas.

Por fim, a última etapa da análise de conteúdo consiste na interpretação, na busca dos sentidos daquilo que os dados tratados revelam, ou seja, é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (Bardin, 2011, p. 41). Nossa primeira categoria, vaqueira veterana, nos revela uma conexão com as tradições e a história da vaquejada, suas palavras e frases remetem a uma época pré-midiatização, mostrando uma linguagem específica do período e evidenciando uma autoridade ao narrar a vida no campo. Do ponto de vista semântico tradicional reflete uma transformação da vaquejada e os desafios históricos, incluindo críticas ao machismo. Já nas categorias emergentes, ela enfatiza a desvalorização da cultura raiz e os contrastes entre os papéis masculinos e femininos na prática esportiva.

Já a vaqueira novata nos traz uma linguagem contemporânea e provocativa, com foco nos desafios e nas aspirações para o futuro, com autoridade em destacar na forma como narram a vida no campo, muitas vezes questionando as estruturas tradicionais. No âmbito semântico tradicional, ela aborda temas como machismo e feminismo no circuito atual. De forma emergente, nos traz questões sobre a rivalidade feminina e as novas oportunidades que a modernidade oferece no universo da vaquejada, refletindo sua luta para conquistar esse espaço e reconhecimento.

Seguindo nossa interpretação, a terceira categoria- a vaqueira profissional- nos mostra um equilíbrio entre o domínio técnico e uma visão estratégica do esporte, misturando linguagem contemporânea com termos técnicos. Essa profissional se destaca seu conhecimento sobre circuitos e técnicas avançadas. As categorias semânticas tradicionais incluem posicionamentos críticos sobre machismo e feminismo, enquanto as emergentes apontam para inovações na prática da vaquejada e as dinâmicas competitivas entre mulheres. Como última categoria, a vaqueira digital influencer, faz uma combinação da vida no campo com a presença marcante nas redes sociais, usando uma linguagem informal, moderna e com algumas gírias, refletindo uma comunicação direta com o público jovem. Tradicionalmente, essa vaqueira utiliza as redes para promover a cultura vaqueira e discutir temas como ligados à vida vaqueirama, machismo e feminismo. Emergente, essa categoria aborda o impacto da tecnologia e da exposição digital na vaquejada, destacando disputas e a influência das plataformas on-line na construção da identidade feminina nesse espaço.

A análise das diferentes categorias de vaqueiras evidencia a diversidade de experiências que elas trazem com universo da vaquejada. A veterana representa a memória

viva de um tempo em que a prática era marcada por desafios maiores e de menor reconhecimento, preservando a tradição e enfrentando barreiras impostas por um ambiente predominantemente masculino. Por outro lado, as novatas e profissionais de ponta incorporam uma nova dinâmica ao esporte, trazendo inovações com um olhar crítico sobre questões como a igualdade de gênero e a profissionalização da vaquejada feminina, sem deixar de lado a valorização das raízes culturais. Além disso, a influenciadora digital amplia o alcance da vaquejada ao utilizarem a tecnologia e as redes sociais para divulgar essa prática cultural e esportiva, ela consegue conectar o público urbano ao mundo rural, promovendo uma nova visão da ressignificação da vaquejada que integra modernidade e tradição. Essas quatro categorias, juntas, refletem a transformação do papel das mulheres na vaquejada, desde a preservação de seus valores históricos até a adaptação às mudanças contemporâneas, reafirmando a força e a importância feminina nesse espaço.

CAPÍTULO III - ENTRE ATITUDES E VOZES FEMININAS NA VAQUEJADA

3.1. “E a vaqueira. Corre dentro da pista em seu cavalo alazão. Quando chega na faixa derruba o boi no chão. Assim é vaquejada, assim é meu sertão” ²⁴ - As Mulheres Ressignificando a Vaquejada

A mulher rompe as barreiras do ambiente privado e adentra o espaço público, especialmente ao se tornar uma vaqueira, ela não apenas desafia convenções sociais, mas também ressignifica seu papel dentro da sociedade. A inserção das mulheres na vaquejada é um ato de coragem e determinação, pois elas precisam enfrentar desafios como os preconceitos e estereótipos que ainda permeiam esse meio. A aprendizagem para se tornar uma vaqueira requer um domínio técnico, uma conexão e respeito pelos animais, sobretudo pelos cavalos, que são seus companheiros inseparáveis. Elas reconhecem a importância do uso adequado dos equipamentos de proteção, garantindo a segurança durante as provas e o bem-estar dos animais, o que reflete um compromisso ético com a prática esportiva. A mulher vaqueira representa um novo modelo de feminilidade, redefine os limites do que significa ser mulher em um universo tradicionalmente masculino, abrindo caminho para que outras possam seguir seus passos e, assim, contribuindo para uma sociedade mais igualitária.

No livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha o autor faz menção à figura do vaqueiro sertanejo como sendo um homem forte, viril, ágil e valente condicionado aos espaços públicos. Barbosa (2006) fala que a presença feminina na vaquejada não desafiava os costumes tradicionais associados à atividade, ou seja, a vaquejada seria um esporte tipicamente masculino e a mulher seria o “sexo frágil” simbolizando beleza, dependência e submissão.

O corpo feminino era educado para submissão com um reconhecimento de um eu inferior a figura masculina. Impondo, assim, uma disciplina constante, que define os modos pelos quais uma mulher considerada correta e de bons costumes devia posicionar seu corpo, escolher suas roupas, realizar seus gestos e direcionar seu olhar (Bourdieu, 2012).

Durante muito tempo, a ideia da submissão feminina ao homem fazia parte de nossa sociedade na qual as mulheres eram incapazes de realizar qualquer atividade sem a presença masculina, tornando-as dependente destes para realização de suas tarefas e limitando seu contato com outras pessoas. O casamento, nesse contexto, era visto como mais uma forma de

²⁴ Nome da Música: “Festa de Vaquejada” – Composição: João André, 2016; Interpretação: Mano Walter.

submissão da mulher perante o homem. Essas representações refletem a estrutura patriarcal que historicamente definiu o papel da mulher socialmente. Por décadas, as mulheres eram consideradas pertencentes exclusivamente à esfera privada, e assim estariam restritas à reprodução e aos afazeres domésticos (Josso, 2012). Assim, por um longo período, as vaquejadas eram espaços de domínio masculino, lugares onde o homem ocupava o papel central da esfera pública, enquanto as mulheres, no máximo, podiam assistir aos eventos para elas eram relegadas à esfera privada, aos afazeres domésticos e à função de ser “mãe e rainha do lar”. A ressignificação da vaquejada trouxe consigo a coragem e valentia de muitas mulheres que vão além de meras espectadoras e passam serem, também, peças centrais nas arenas da “derrubada do boi”, vaqueiras.

Desde a inserção na prática vaqueirama, ou seja, quando as mulheres saem da esfera privada e vão para o espaço público, já se percebe uma determinada resistência. Quando a jovem começa a frequentar as vaquejadas longe de seus lares e passa a frequentar os circuitos, iniciam-se as resistências em relação a sua inserção nesse universo. Contudo tais resistências enfrentadas não têm sido capazes de impedir a participação das mulheres nas vaquejadas.

Essas mudanças no espaço, resultantes da presença das mulheres como vaqueiras, são dinâmicas de construção de suas identidades que trazem à tona diversas histórias individuais e coletivas que concorrem em uma busca comum por reconhecimento, emancipação e igualdade. Sobre esse momento carregam memórias, individuais e coletivas, suas e das demais, como menciona Pollak (1992), a memória se torna um fenômeno construído e estabelece uma ligação fenomenológica com o sentimento de identidade, fundamental tanto para a continuidade quanto para a coerência do indivíduo ou do grupo. “... Via as vaqueiras mais antigas comentando, lá, que levavam nome de puta, de amostradas, que ia atrás dos homens, mas isso mudou ...” (N.S.). Hoje vemos que esse tipo de pensamento vem aos poucos sendo mudado, isso devido ao reconhecimento da luta feminina, que apesar de muitos insultos persiste na batalha por lugar nas vaquejadas. Dessa maneira, em nossa pesquisa de campo e na condição de mulher, notamos que embora haja opiniões a favor da importância da emancipação e independência feminina, ainda existem opiniões divergentes em relação a participação de mulheres em espaços públicos.

Na fala de uma de outra entrevistada: “Me queriam igual minha mãe casa, fazer comida ... essas coisas ... eu queria viver na bosta do boi, como dizia meu pai” ... (V.V.). A análise dessas oralidades necessita considerar ser a história oral: “um conjunto de procedimentos, sendo ela a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto” (Meyhi, Holanda, 2011, p.15). Vemos que o papel da mulher, neste caso da mãe

de nossa entrevistada revela memórias das responsabilidades sociais delegada à esposa, mãe e engloba as tarefas domésticas. Nessa lógica, ela, foi criada para prosseguir com essas representações que pode ser entendida como estrutura patriarcal.

Segundo Joan Scott (1989), há três definições para gênero: paradigmas do patriarcado; teorias advindas do marxismo; e as teorias psicanalíticas. Essa primeira designação é aquela que nos interessa explicar a partir da problematização da noção de “dependência” ou de submissão das mulheres aos homens. A dominação masculina surge do desejo dos homens de superar sua alienação da reprodução, colocando a paternidade em destaque através da continuidade geracional pelo patriarca, uma análise que mantém as diferenças biológicas físicas, homens e mulheres, e que ignora as construções culturais e sociais do indivíduo.

Enquanto algumas pessoas concordam que as mulheres devem ter liberdade para estar onde desejam, outros expressam insatisfação com essa ideia. Essa insatisfação muitas vezes, acreditamos, vem de pessoas cuja formação cultural foi marcada pela crença de que certos espaços, como as vaquejadas, deveriam ser exclusivamente ocupados pelos homens, ou seja, uma educação ligada ao patriarcalismo, em declínio, provado pela inserção de mulheres neste meio.

A presença crescente das mulheres nas vaquejadas mostra que está ressignificando as ideias de que esse esporte é só para homens. Durante nossa pesquisa de campo, questionamos as vaqueiras da Paraíba, nossas quatro colaboradoras, sobre suas primeiras experiências nesse ambiente e ouvimos suas histórias sobre como foi se inserir nesse mundo que, por tanto tempo, foi dominado pelos homens. Elas nos falaram das dificuldades, dos olhares, do preconceito, algumas nos contam que foi algo ligado à família, a qual, deu apoio, enquanto outras enfrentaram mais barreiras sociais. No entanto, todas aos poucos foram conquistando seu espaço, mostrando que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive no meio da poeira e do boi. Sobre suas inserções na vaquejada destacamos:

... para mim, hoje, viver, querer e está na vaquejada é coisa de família mesmo, está no sangue, amo ... (L. F.).²⁵
 ... eu ia muito com painha e depois com meu irmão para as vaquejadas ... muito, muito maravilhoso ... (L. S.).²⁶
 ... querer correr boi, mesmo, comecei vendo meu irmão, meu pai, e eu me vejo neles, hoje amo vaquejada ... (N. S.).²⁷

²⁵ Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 07/03/2024. Local: No Parque Arena Jampa em João Pessoa-PB.

²⁶ Gravação de Lucimara Sampaio concedida no dia 11/02/2024. Local: Em Boqueirão-PB.

²⁷ Gravação de Niely Sousa concedida no dia 25/03/2024. Local: No Parque de Vaquejada Vila Cowtry em Sumé-PB.

... meu pai era vaqueiro, meu irmão era vaqueiro e eu também era, e depois foi que eu vi a Socorro na televisão, pronto, tudo era possível para mim ... (V.V.).²⁸

Diante das afirmações de nossas entrevistadas sobre as vaquejadas da Paraíba, ficou claro que o seu amor pelo esporte é uma herança de família, pois todas as quatro entrevistadas, nasceram em pequenos sítios onde podiam ver e usufruir do espaço de pequenas pistas de bolão de vaquejada. Falaram com emoção sobre como a paixão pela vida vaqueirama que foi transmitida de geração em geração, desde a infância, onde cresciam vendo seus pais e irmãos competirem. Sendo uma vocação natural para ela e não apenas um hobby ou só uma profissão, mas algo que “está no sangue”, como elas mesmas mencionam. É como se a vaquejada fosse uma parte intrínseca de quem elas são, um legado que se entrelaça com suas memórias mais queridas e as impulsiona a seguir esse caminho. Os laços familiares, paternal, maternal, ou seja, fraternal, diante de suas falas, que serviram como um incentivo, tornando a prática da vaquejada uma extensão do que significa ser parte de suas famílias.

Entretanto, não podemos presumir que a formação dessas mulheres esteja diretamente ligada ao que lhes é natural, ou seja, apenas porque foi vivenciada desde sua infância até dias atuais, mas os conhecimentos são adquiridos ao longo da vida, através de experiências diversas provenientes do ambiente familiar, como também, das interações sociais na comunidade, das práticas religiosas e/ou do contexto institucional ao mundo rural. Como nos mostra Josso a formação de uma pessoa está ligada “... de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida – as pessoas significativas da família”. (Josso, 2012, Pág. 36),

Nossa entrevistada V.V. menciona sobre a reportagem de uma das pioneiras da vaquejada nordestina, a alagoana Socorro Miranda, exibida no Fantástico em de abril de 1995²⁹, na qual mostrava sua inserção e participação nas vaquejadas. Na década de 90, como já havíamos mencionado no capítulo I, a vaquejada passa por uma expressiva ressignificação, agora passa a ser encarada como um grande negócio³⁰. Aqui notamos a importância dos veículos de comunicação criando uma situação de concessão, produto e público, segundo Thompson (2002, p. 07): “criar um certo tipo de situação social através da qual os indivíduos

²⁸ Gravação de V. V. concedida no dia 25/04/2024. Local: Em Campina Grande-PB.

²⁹ Reportagem do Fantástico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fTCuFTXZ1VM>. Acesso em: 01/04/2024.

³⁰ Anos 90 até a atualidade: A vaquejada é encarada como um grande negócio. Os organizadores começam a cobrar ingressos e o público entende a proposta. O vaqueiro é reconhecido como um atleta da pista. Nasce um novo forró com o surgimento de bandas como "Mastruz com Leite". Resultado: parques lotados e, a cada ano, surgem mais pessoas interessadas pela atividade. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/institucional#:~:text=Hist%C3%B3ria%20da%20Vaquejada,no%20Rio%20Grande%20do%20Norte>. Acesso em: 27/04/2024.

são conectados por meio de um processo de comunicação”. Pioneira que foi, teve seu espaço de fama, oito minutos em um horário nobre no domingo, dia de lazer para maioria dos brasileiros, no meio de comunicação mais moderno da época, a televisão. Isso nos mostra que a modernidade possui diferentes formas de interação entre os indivíduos, de forma imediata havendo uma troca simbólica. Para nossa entrevistada se mostrou como um símbolo de reafirmação da posição da mulher vaqueira, isso feito nos anos 90, em bolões de vaquejada na Paraíba.

É possível destacar que a valorização da memória como elemento significativo para o estudo de grupos e nações iniciou-se no final dos anos 1970, enquanto formalização da memória social, dita oficial, foi interpretada como uma disputa cultural e social dando sentidos e significados ao passado, uma “batalha pela memória”, como menciona Michael Pollak (1992), ou de um “empate”, assim argumentamos, entre dominantes e dominados que se configura na esfera pública uns com mais visibilidades outros silenciados.

Durante a oralidade se faz necessário escolher o que vai ser esquecido ou lembrado, pois “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” como um constante trabalho “enquadramento da memória”. Ainda de acordo com Michael Pollak, agentes sociais usam de estratégias na construção da memória “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Nessa construção de lembranças temos: a continuidade dentro do tempo (no sentido moral e psicológico), a unidade física (concepção espacial, no nosso caso as festas de vaquejada) e o sentimento de coerência (os elementos que formam um indivíduo). (Pollak, 1992).

À medida que as vaqueiras começam sua participação na prática vaqueira, muitas vezes iniciada nas fazendas no ambiente privado que é associado ao lazer, é perceptível uma certa flexibilidade e entusiasmo por parte das famílias. No entanto, quando demonstram interesse em competir em eventos públicos, deixando esse espaço privado indo para o âmbito público, seus familiares tendem a mostrar maior resistência à sua participação. Isso reflete a estrutura social do Brasil, enraizada em um sistema patriarcal, onde as normas sociais desempenham um papel crucial na autorização ou restrição de determinadas práticas e ações, com base no que é socialmente aceito ou não. (Da Matta, 1990). Na mesma linha temos “Como era muito menina, ainda, já ia com meu irmão, ele me acompanha até hoje. Assim, na verdade gosto de tudo ligado ao no sítio, né, com cavalo, boi, vaca, né... é é... passeando, indo pras vaquejadas, sempre gostei” (L. S).

Seja através da influência paterna, de irmãos, de tios, primos e/ou avôs, são os homens que desempenham um papel significativo no envolvimento de algumas mulheres na

vaquejada, uma vez que há anos eles têm sido predominantes nessa prática cultural. Nesse caso, em particular, destacamos principalmente o papel do irmão, pois foi ele quem realmente se envolveu com a vaquejada ao lado de nossa colaboradora, uma relação de cumplicidade fraternal, como um meio a mais de ajuda para sair dos pequenos bolões de vaquejadas no espaço privado e ir ao público participar dos circuitos.

No entanto, com base em nossa experiência nas vaquejadas que frequentamos e em rodas de conversas com outras vaqueiras, que participavam dos mesmos eventos onde estávamos, notamos que sua inserção neste meio vaqueirama pode ocorrer de várias maneiras. Em alguns casos, essa participação diverge do padrão predominante, que é a familiaridade com os trabalhos rurais, a afinidade com o manejo da terra, dos bois e dos cavalos que possibilita uma ligação com a prática da vaquejada. Vejamos:

Conheço uma menina, que hoje é vaqueira, que a infância dela era essas moleca de apartamento e hoje é corre profissional ... Para você ter uma ideia nem na fase da argolinha e corrida de três tambores nunca passou, foi coisa dela mesmo, coisa que ela queria, foi direto para derrubar boi mesmo e derruba bem ... (L.F.)³¹

A referida vaqueira estava conosco em uma descontraída roda de conversa e mencionou que seus pais desempenhavam as profissões de professor e farmacêutica não tendo qualquer ligação com o campo, algo que prosseguiu em sua infância. Já na adolescência, conta, que tinha fascínio por gado e cavalo já sentia vontade de ir as vaquejadas, porém não tinha incentivo e nem apoio algum por parte da família e ao mencionar sua vontade, seu pai falava “... isso é coisa para homem, não dá certo para você ...”. Só na fase adulta conseguiu ser uma vaqueira profissional.

Observamos no fragmento uma determinada resistência advinda da figura masculina, do pai, transparecendo uma reafirmação de mundo do tipo machista. Considerando que a educação se desenvolve em vários contextos, é relevante destacar que a educação corporal também se dá dessa maneira, reforçando o ideal patriarcal tanto na teoria quanto na prática da vida humana. E, por outro lado, podemos mencionar, enquanto público e privado, quando as mulheres se tornam vaqueiras no mundo, até então masculinizado, é como se houvesse uma quebra no “tradicional” e como se causasse uma ruptura.

Diante do exposto, pela nossa entrevistada, podemos atribuir que as modalidades de argolinha e corrida de três tambores que também são atividades ligadas à equitação, contribuem para que as mulheres iniciem sua jornada nas vaquejadas. Podemos mencionar que as vaqueiras que não têm ligação com o meio rural e seguem por este caminho, elas “...

³¹ Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 20/04/2024. Local: No Antônio Ursulino em João Pessoa-PB.

que irrompem como novidade e criação” (Macedo, 2016, p. 30), algo que está condicionado a afinidade pessoal, mesmo sem possuir uma infância e adolescência ligado à vida vaqueirama, se inseriram neste meio.

Assim, a participação das mulheres nas vaquejadas tem sido um campo de tensões, uma vez que historicamente tem sido uma atividade exclusivamente masculina, desde sua origem. Se a entrada no universo vaqueirama pode ocorrer de várias formas, incluindo a tradição familiar, na qual pais e irmãos desempenham um papel fundamental na consolidação dessa inserção, assim como a influência de amigos e parentes e algumas mulheres também se inserem de forma independente, impulsionadas pela paixão da “derrubada do boi”, mesmo sem o apoio ou incentivo de seus pares.

Notadamente, em nossa vida, tudo exige um aprendizado, desde os desafios cotidianos até as maiores conquistas profissionais e esportivas. Esse princípio também se aplica às mulheres vaqueiras, que necessitam dominar técnicas específicas para poder se destacar em um ambiente das vaquejadas. Em nossa convivência, no campo de pesquisa pudemos notar e presenciar que o ato de derrubar o boi, por exemplo, não é apenas uma questão de força, mas de habilidade, técnica e, acima de tudo, de conhecimento. Cada movimento, cada decisão tomada para o êxito na hora da “derrubada do boi” é resultado de um processo contínuo, diário de aprendizado. As mulheres vaqueiras devem entender alguns dos comportamentos do animal, a dinâmica de seu cavalo e ter essa sincronia na hora de sua corrida, “à medida que as mulheres se inserem cada vez mais nesse universo, o aprendizado se torna mais necessário como uma ferramenta, um meio diferencial, para quebrar barreiras e reafirmar seu lugar na vaquejada, mostrando que, com dedicação e conhecimento, é possível alcançar qualquer objetivo. E como todos aprendizado se dá de maneira diferente, diante disso, gostaríamos de destacar como N.S. aprendeu.

[...] Na pista todo mundo tem seu jeito de começar, né? No início para eu aprender melhor, eu e meu colega ficava um do lado do outro, cada um no seu cavalo, tipo baianinha, que nem pode mais, hoje em dia é proibido, tem que ser um a cavalo na frente do outro, né? ... E ficava colada na parede do frete para pegar o boi já na carreira e não saísse feito um doido, eu já ficava ali, né ... já na manobra (N.S.)³²

De acordo com nossa entrevistada, durante o processo de treinamento e aprendizado, essa técnica, se mostra eficaz porque ajuda na familiarização com os movimentos e a própria

³² Gravação de Niely Sousa concedida no dia 27/03/2024. Local: No Parque de Vaquejada Vila Cowtry em Sumé-PB.

dinâmica da vaquejada. Ficando ambos (puxador e bate-esteira) para o lado preferencial, o aprendiz pode se concentrar em desenvolver suas habilidades de equitação e ir aprimorando sua técnica de “derrubada do boi” de maneira mais fácil, aumentando a confiança. No entanto, segundo o regulamento da ABVAQ, Art. 12, parágrafo primeiro³³, essa técnica de aprendizagem, que se mostra eficaz, para os iniciantes é, hoje, proibida nas vaquejadas.

Figura 17 - Posicionamento atual dos(as) vaqueiros (as) para a saída do boi da sangra



Disponível em: https://www.instagram.com/lucimara_sampaio27/ Acesso: 26/03/2024.

Após o anúncio da senha³⁴, o par de vaqueiros e cavalos deve se dirigir rapidamente à pista de corrida. Diante do juiz, cada competidor posiciona seu cavalo próximo ao muro do brete³⁵ e aguarda a abertura da cancela. Quando o boi sai completamente, os competidores iniciam a corrida, mas não podem cruzar à frente do animal ou obstruir seu caminho, pois qualquer deslize pode resultar em perda de pontos, zero. A velocidade e a técnica são importantes, mas o respeito às regras é o que realmente define o sucesso na prova. Essa dinâmica exige uma combinação de rapidez, estratégia e disciplina, em que cada detalhe pode fazer a diferença entre a vitória e a derrota.

³³ Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ - Art. 12 – Ao serem chamados, os competidores deverão posicionar seus cavalos paralelamente ao muro do brete, um de frente para o outro, devendo autorizar, ainda dentro do minuto previsto no Art. 10 (01 minuto), a abertura da cancela que possibilitará a saída do boi. Parágrafo Primeiro: É proibida a “Corrida Baiana”, ou seja, a dupla de vaqueiros largando do mesmo lado na saída do boi. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso em: 28/04/2024.

³⁴ Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ –Art. 7 - A inscrição (senha) dá direito ao participante de apresentar seu cavalo de acordo com o número de ordem, devendo, a dupla, apresentar-se com o cavalo de puxar e o de esteira em um rodízio com número de senhas previamente determinado pelo organizador do evento. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso em: 03/05/2024.

³⁵ Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ – Art. 3, Brete – Local de ordenamento e liberação dos bovinos para a pista de vaquejada. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso em: 03/05/2024.

No entanto, observamos que além da posição correta para “derrubada do boi”, para as competidoras se requer, também, dominar as habilidades básicas de montaria, o uso adequado de equipamentos de proteção para si e para o animal, também, precisam lidar, principalmente, com o inesperado durante as corridas como o comportamento imprevisível dos bois, as condições variáveis da pista, os movimentos repentinos dos cavalos e até mesmo as ações dos outros competidores que muitas vezes abala o emocional. Nossas colaboradoras, independentemente de suas diferenças de idade e momento corrido em vaquejada, comentam sobre o comportamento dos animais que são imprecisos:

(...) Nós nunca sabemos, na verdade, onde boi vai passar, né? ... (L. F.)³⁶

(...) Acontece com toda vaqueira o boi pode sair de onde ele quiser ... sai dali, daqui ... não é só comigo é com todo mundo. (L. S.)³⁷

(...) Cada corrida é um boi, cada carreira é um boi, você sabe é um ser vivo, vai por onde quer ... (N. S.)³⁸

(...) Na hora, lá na arena é tudo muito rápido precisa ter atitude quando o boi não sai certinho. (V.V.)³⁹

As vaqueiras precisam desenvolver uma habilidade/técnica própria, para antecipar e poder reagir a essas situações imprevistas de forma rápida para não perder o boi, as ações dos animais são inesperadas, porém o boi é de grande importância para atingir um bom resultado. Desde o início, na fase de conhecimento, ainda nos bolões de vaquejadas ou nas pistas privadas nos sítios e fazendas, as vaqueiras vão se aprimorando, aprendendo a lidar com as diferentes reações dos bois na arena. Essa preparação permite que os praticantes considerem diferentes cenários e desenvolvam estratégias para garantir o sucesso durante nas corridas. (Cavalcanti; Castro Júnior, 2019). Não se pode descartar a possibilidade de prever as reações dos animais durante a competição, pois com a experiência e a prática diária, é possível aprimorar essa habilidade, no entanto, alcançar essa sintonia continua sendo um desafio.

No meio da vaquejada a instrução pode vir de um determinado “guia” que já sabe do ofício que pode oferecer algumas imprecisões dos animais, mais, também, pode acontecer de forma autônoma, na ausência de alguém para ensinar, recorre-se à visualização de vídeos online ou à observação de outros praticantes para poder aprender as técnicas, sempre buscando olhar os mais experientes. Observamos que o processo de formação das vaqueiras,

³⁶ Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 10/03/2024. Local: No Parque Arena Jampa em João Pessoa-PB.

³⁷ Gravação de Lucimara Sampaio concedida no dia 15/05/2024. Local: No Parque de Vaquejada BeMais em São Miguel de Taipu-PB.

³⁸ Gravação de Niely Sousa concedida no dia 27/03/2024. Local: No Parque de Vaquejada Vila Cowtry em Sumé-PB.

³⁹ Gravação de V. V. concedida no dia 25/04/2024. Local: Em Campina Grande-PB.

neste caso, ocorre de maneira a valorizar e considerar as opiniões dos mais experientes na atividade vaqueira, um processo de aprendizagem variado, como uma “[...] espécie de rito de passagem” (Cavalcanti; Castro Júnior, 2019).

É evidente que cada percurso de cada vaqueira é singular, assim como seu método de aprendizagem, seja por meio de instrutores, autonomamente, em competições nos bolões vaquejada, ou em pistas privadas, tudo conforme seus interesses e recursos disponíveis. Esse processo é ao mesmo tempo estimulante e motivador, incentivando-os a persistir na prática da vaquejada, embora algumas enfrentem mais desafios do que outras para se estabelecerem nessas atividades.

Ao longo do nosso campo de pesquisa, percebemos que a inserção de nossas quatro colaboradoras no universo da vaquejada segue um padrão que não foge à regra: elas geralmente aprendem e se envolvem nessa prática através da figura masculina, seja pela influência de pais, irmãos ou outros familiares. Contudo, é importante destacar que essa aprendizagem não se limita apenas ao ambiente familiar ou sempre está ligado a figura masculina. Em conversa com nossa colaboradora L.S. ficou claro, por exemplo, ao reconhecer a força e a valentia da vaqueira pernambucana Mônica Cardoso, quem acompanha nas redes sociais para absorver um pouco de sua técnica e se inspirar em sua trajetória. Esse reconhecimento entre mulheres vaqueiras aponta para uma rede de apoio e troca de conhecimento, onde a inspiração mútua fortalece a presença feminina nesse espaço tradicionalmente masculino. Assim, as vaqueiras não apenas seguem os passos dos homens, mas também aprendem, se inspiram e criam suas próprias trajetórias, impulsionadas pela força e determinação de outras mulheres.

Na vaquejada, tanto o cavalo quanto o boi são peças essenciais, durante as competições acompanhadas, percebemos uma diferença no peso dos bois, que geralmente são da raça nelore⁴⁰. Na fase de classificação os bois são mais magros, pesando cerca de 300kg a 350kg, enquanto no último dia, domingo, na fase de eliminação, os bois pesam em torno de 550kg. Quanto à boiada utilizada nos eventos ela pode ser alugada, como foi no evento da Arena Jampa, em João Pessoa-PB, ou comprada, tendo ela como destino a venda para os açougues da cidade. E ainda existe o caso de quando um organizador aluga todo espaço do evento já com a boiada mais precisa disponibilizar um tratador para os animais. Já os cavalos

⁴⁰ Boi Nelore é uma raça de gado bovino originária da Índia. Possui a pelagem branca e a pele preta o que lhe confere uma tolerância extraordinária ao calor. Os primeiros exemplares chegaram ao Brasil no final do século XVIII, e rapidamente se tornaram predominante no rebanho brasileiro (85% do rebanho total). Disponível em: <http://www.nelore.org.br/Raca>. Acesso em: 08/05/2024.

são de responsabilidade de suas respectivas donas: “aqui o cavalo completa a própria figura do Vaqueiro, eles se completam” (Freyre, 1989, pág.35)

O autor mencionou apenas vaqueiro, algo que demonstra que a figura feminina está omissa na ocasião da escrita, porém com a ressignificação da vaquejada é notável a astúcia feminina nas pistas. A relação entre vaqueiras e cavalos vai além de treinamentos, e para se ter um desempenho satisfatório nas pistas e a vaqueira conquistar prêmios, o entendimento entre ambos é crucial. É uma troca de habilidades e esforços que contribui para o estabelecimento de uma relação de amizade e companheirismo entre o cavalo e a vaqueira, demonstrando uma interdependência mútua. A partir dessa relação, afloram uma transição do relacionamento impessoal para o pessoal, entre humanos e animais, uma verdadeira conexão que vai além dos limites tradicionais, revelando laços emocionais.

Figura 18 - Vaqueira demonstrando seu amor pelo animal.



Disponível em: <https://www.instagram.com/laraferreira01/> Acesso: 23/04/2024.

Ao observar a imagem da nossa colaboradora vemos o afeto pelo seu cavalo, ela vestida com trajes típicos de vaquejada contemporânea, segura gentilmente o focinho do cavalo, com seus olhos fechados expressando um misto de ternura e respeito. O cavalo, por sua vez, inclina-se suavemente em direção à sua companheira, demonstrando confiança e tranquilidade. Suas mãos abraçam seu cavalo, dando-lhe um beijo carinhoso, evidenciando um vínculo de parceria. Em segundo plano, da foto mostra o ambiente rural da vaquejada, com elementos que reforçam a ligação entre a vaqueira e o cavalo, como o campo ou a pista de vaquejada, sugerindo que essa relação é construída não apenas na competição. A imagem, portanto, captura o amor e cuidado que a vaqueira tem pelo seu cavalo, e a essência da convivência e da confiança mútua que são fundamentais nesse universo vaqueirama.

Como existe uma distinção entre o “vaqueiro de fazenda” e o “vaqueiro de vaquejada”, também o “cavalo de fazenda” e o “cavalo de vaquejada” possui suas diferenças. Com a ressignificação da vaquejada o cavalo deixa de ser, apenas, um meio de transporte geralmente utilizados para o trabalho diário da fazenda, pastoreio e manejo do gado, que são os cavalos nativos do Nordeste, ou “pé duro” e passam a serem substituídos pelos “cavalos de raça” para serem utilizados no esporte equestre. Neste meio, os preferidos são os da raça Quarto de Milha, puros ou os raceados com o puro inglês ou árabe, que resulta em animais mais dóceis, versáteis, ágeis e com uma notável aparência.

O cavalo condiciona um status a mais aos vaqueiros e vaqueiras que o possuem. Cada vez ao ser campeão, nas vaquejadas, o seu valor vai aumentando no mercado financeiro, assim como seus descendentes, como um símbolo de profissionalismo. Geralmente têm um grupo de pessoas que os cuidam: tratador, preparador físico ou o treinador, veterinário, montador, vaqueirização entre outros⁴¹. Sobre o amor que envolve nossas colaboradoras pelos cavalos destacamos:

Eu sempre gostei de vaquejada. Ser vaqueira tá no sangue meu pai já dizia que com 3 anos eu já era apaixonada por cavalos. Está no meu DNA, já está no meu sangue, meu cavalo está presente no meu dia a dia ele é da família ... (L.F.)⁴²

Meu cavalo faz parte da família. Eu converso com ele, ele me escuta, me dá uma despesa danada, tem de tratar bem, comer bem, tem as medicações mais é um prazer ter ... (L. S.)⁴³

41 O regulamento da ABVAC, Seção II Classes de vaqueiros e de vaquejadas, Art. 4 – menciona que pessoas que lidam profissionalmente com o esporte vaquejada, envolvidos diretamente na prática da vaquejada não são aceitos como: domadores, montadores, casqueadores, tratadores, adestradores, entre outros. Disponível em: <https://portalvaquejada.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/cpv/2024/Regulamento%20%20BETVIP%20PORTAL%202024.pdf>. Acesso em: 14/05/2024.

42 Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 09/03/2024. Local: No Parque Arena Jampa em João Pessoa-PB.

43 Gravação de Lucimara Sampaio concedida no dia 11/02/2024. Local: Em Boqueirão-PB.

Meu cavalo é meu menino, ela é como uma criança um dia faz uma coisa, no outro dia faz outra, precisa de atenção ter muito tempo para ele ... (N.S.)⁴⁴
 Ninguém me via vaqueira, mas eu já fazia parte das vaqueiras ... só sabia de uma aqui e a Socorro. Mas o amor maior foi pelo meu cavalo que só vim ter já velha, mas pense num amor ... (V.V.)⁴⁵

Notamos aqui, uma relação de afeto, carinho e amizade em relação aos cavalos, que frequentemente são considerados membros da família, demandando cuidados especiais quase como se fossem até crianças. A partir dessas observações, fica claro que os cavalos ultrapassam sua simples condição de animais e se tornam presenças familiares, estabelecendo uma relação significativa com as vaqueiras, uma parceria baseada no amor, no respeito e na confiança.

Percebemos que manter um cavalo de vaquejada como “membro da família” implica em despesas consideráveis, incluindo alimentação, alojamento e cuidados veterinários, totalizando em média cerca de R\$500,00 à R\$2.000 por mês.⁴⁶ Além disso, a criação adequada de um cavalo demanda um ambiente rural, como um sítio ou fazenda, com espaço suficiente e pastagens. No ambiente urbano, devido ao seu tamanho e ao fato de não ser um animal doméstico, criar um cavalo torna-se quase inviável.

Ainda sobre nossa entrevista L.S. ao mencionar que conversa com o seu cavalo, em um terminado momento antes de correr, na arena, notamos que para ela seu animal desempenha um papel importante em sua vida não só dentro das vaquejadas, mas também fora das competições, sendo uma espécie de fonte onde encontra conforto emocional, proporcionando um escape do estresse do dia a dia.

⁴⁴ Gravação de Niely Sousa concedida no dia 07/09/2024. Local: No Parque de Vaquejada Bezerra Marinho em Riachão de Bacamarte-PB.

⁴⁵ Gravação de V. V. concedida no dia 25/04/2024. Local: Em Campina Grande-PB.

⁴⁶ Portal Vaquejada - Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br/>. Acesso em: 26/03/2024.

Figura 19 - Cavalo Gazo Felício, no parque de Vaquejada (PB)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2024).

Este é o cavalo quarto de milha gazo, o Felício, um animal de “direita”⁴⁷ que é uma das vaqueiras participantes do evento que acompanhamos no Arena Jampa em João Pessoa-PB. Ele se destaca em meio aos demais, desfruta de grande fama e prestígio no cenário das vaquejadas, devido às suas inúmeras vitórias em corridas. Sua reputação é amplamente reconhecida entre todos no meio vaqueirama, o que lhe confere um status especial. Com diversos títulos de campeão, ele se torna uma verdadeira preciosidade, avaliada em cerca de

⁴⁷ Cavalo de direita, que corre na posição direita, é o animal treinado para correr com o vaqueiro que derruba o boi, seja o cavalo preparado para os destros ou para os canhotos. Essa preparação facilita na hora de derrubar o boi, pois o cavalo abre espaço de forma a facilitar a angulação para o vaqueiro realizar a puxada. E existe o cavalo de esquerda, que corre na posição esquerda, os cavalos do bate esteira. Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha - ABQM –

Disponível em: <https://busca.abqm.com.br/?term=historia%20do%20cavalo%20quarta%20de%20milha>
Acesso em: 24/05/2024.

120 mil reais no mercado de equinos. Como um cavalo de vaquejada de raça pura, ele é considerado um atleta e, como tal, é tratado com extremo cuidado e dedicação pelos seus proprietários e quanto aos observadores, ele exerce fascínio aos olhos.

Durante a vaquejada, a atenção se concentra, também, no cavalo, nesse contexto, ao elogiar ou criticar o cavalo é o mesmo que dizer com a própria vaqueira. As críticas direcionadas a um cavalo costumam estar relacionadas à sua estética. Quando o animal é elogiado por sua aparência, sua musculatura, tamanho da cabeça e outros atributos considerados importantes para a sua beleza, a vaqueira sente como se esse elogio fosse direcionado a ela própria, assim, a relação entre o cavalo e o vaqueiro é percebida como uma extensão uma da outra, em que as qualidades ou críticas dirigidas ao animal são compartilhadas pela vaqueira.

Notadamente, as vaquejadas que acompanhamos foram transmitidas pela internet no modo “live” através do Portal da Vaquejada, sendo compartilhadas ao vivo no Instagram, como também, as próprias equipes que acompanham as vaqueiras a transmitem em suas páginas particulares nas redes sociais e ainda os próprios organizadores dos eventos, donos dos parques para enaltecer seu ambiente. Essa divulgação é bem precisa para atinge um ótimo de número de pessoas assistindo e interagindo em momento real. Provamos assim, a relevância da mídia, não como criadora, mas como um veículo que torna a vaquejada ainda mais pública, difundindo, explorando e transformando o esporte em um produto de divulgação das informações.

Essa divulgação da vaquejada feminina nos faz pensar no livro Introdução à História Pública de Juniele Almeida e Marta Rovai, no qual as autoras falam sobre a difusão do conhecimento histórico através da História Pública “para amplas audiências; por meio de arquivos, centros de memória, museus, televisões, rádios, editoras, jornais, revistas, organizações governamentais e não governamentais, consultoria, entre outros espaços” (Almeida, Rovai, 2013, p. 01). E não só direcionada para grandes audiências, mas trabalha com saberes plurais, mostrando que a mídia é mais do que apenas uma ferramenta de ensino e divulgação do conhecimento institucionalizado, ela também é um novo caminho para aprender e escrever histórias femininas sobre as vaquejadas. Portanto, a prática colaborativa envolve a combinação de diferentes disciplinas e recursos, abrindo novas formas de aprender e contar histórias contribuindo para refletir sobre as demandas da comunidade vaqueirama. Dessa forma, a história pública, ver na mídia uma forma de contribuição para destacar relatos das mulheres vaqueiras, ampliando a compreensão e o reconhecimento de suas experiências e desafios no cenário das vaquejadas.

Além de a mídia transformar a vaquejada em uma mercadoria de divulgação histórica, também é uma boa oportunidade comercial no qual os envolvidos desse meio utilizam suas redes sociais para compartilhar conteúdos diariamente, visando alcançar um público amplo e diversificado. Essa estratégia expande a visibilidade do evento e impulsiona o consumo de uma variedade de produtos associados ao universo das vaquejadas: cavalos de alta linhagem, rações e suplementos especializados, vestimentas e acessórios que compõem a identidade visual dos vaqueiros e vaqueiras. Esses bens são adquiridos por pessoas que apreciam, vivem ou se identificam com o estilo de vida rural e as tradições das vaquejadas. O evento, portanto, não se limita à competição em si ele se torna um grande mercado onde a cultura, a economia e a identidade se conjugam, criando um ciclo de consumo que reflete e reforça a tradição desse universo.

Durante a corrida, a dinâmica entre cavalos, vaqueiros e boi exemplifica o conceito de corpos em extensão. O corpo do cavalo torna-se uma extensão do corpo do vaqueiro, que por sua vez é uma extensão do corpo do boi, e este se torna uma extensão do outro vaqueiro com seu cavalo. O sucesso de uma carreira depende da harmonia entre esses elementos, cada um desempenhando suas funções específicas de forma conjunta. (Cavalcanti; Castro Júnior, 2019). A vaquejada, a paixão pelos cavalos, a “derruba do boi”, o papel da mídia e a variedade de bens envolvidos são todos elementos fundamentais para a participação das vaqueiras nos circuitos de vaquejada.

A vaquejada tradicional vem se resignificando, muito mudou essa prática e como tal foi necessário implementação de novos regulamentos visando garantir o bem-estar dos animais participantes nos eventos, juntamente com outras regras destinadas a melhorar a prática do esporte. Durante a apresentação com seus animais, à comissão, as competidoras devem, também, garantir que as luvas de “derrubada do boi” estejam em conformidade com os padrões exigidos pela regulamentação da ABVAQ. É estritamente proibido o uso de chicotes ou qualquer outro objeto⁴⁸ que possa causar maus-tratos aos cavalos, seja durante a competição ou fora dela, isso para garantir o bem-estar do animal. Além disso, as vaqueiras devem estar equipadas com os meios de proteção obrigatórios, incluindo o capacete e por uma questão moral, que vamos comentar mais adiante, devem estar usando camisa, calça comprida e botas. É obrigatório o uso de protetores de cauda nos animais durante a competição, visando preservar sua integridade. Neste meio temos:

⁴⁸ Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ - Art. 47 – É proibido uso de instrumentos que possam provocar qualquer sangramento nos animais em competição e/ou que provoquem dor aguda ou perfuração. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso: 19/04/2024.

O capacete é ótimo para nós, em bolão tem gente que nem usa, mas é obrigado, já o protetor de cauda é bom, antes era rabim réi bem miudim e ainda tem quem não goste, né? ... Assim ... o problema que vejo é porque corta a mão mesmo, queima, a mão da gente, mesmo com a luva, mas eu uso esparadrapo para proteger e dá certo ... (L. S.)⁴⁹

A nova regulamentação das vaquejadas é vista pelas vaqueiras como um aspecto positivo, elas valorizam a exigência do uso de capacete, pois reconhecem sua importância para a segurança ao proteger a cabeça contra possíveis impactos fortes ou em quedas. Porém, os protetores de cauda⁵⁰ utilizados nos bois para derrubada, para nossa entrevistada, relata que o equipamento ao entrar em contato com o corpo, tende a causar cortes, mesmo quando estão usando luvas. Para evitar esses ferimentos, ela opta por colocar esparadrapos nos dedos, protegendo-os do atrito ao puxar o rabo do animal, mas considera sua utilização algo benéfica para proteção dos animais. Quanto às luvas⁵¹ mencionada pela nossa entrevistada, são mais resistentes e tem um gancho que ajudam na hora de enrolar a cauda do boi. Vale salientar que se ocorrer de cair a proteção do animal, durante a derrubada do boi, isto será qualificado como erro do curral e gera o direito da vaqueira de correr outro boi.

Figura 20 - Protetor de Cauda para o boi



Disponível em: <https://www.portalvaquejada.com.br> Acesso: 20/05/2024

⁴⁹ Gravação de Lucimara Sampaio concedida no dia 19/05/2024. Local: No Parque de Vaquejada BeMais em São Miguel de Taipu-PB.

⁵⁰ Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ - Art. 40 – Protetor de cauda: “... equipamento acoplado aos animais utilizados, com intuito de proteger sua cauda evitando prejuízo à sua integridade física durante a prática da atividade cultural-competitiva com características de esporte denominada vaquejada;” disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso: 19/04/2024.

⁵¹ Regulamento da Associação Brasileira de Vaquejada- ABVAQ - Art. 31 – O competidor deve apresentar sua luva (padrão ABVAQ), antes de correr, para que seja aprovada e identificada por uma equipe especialmente designada pelo promotor do evento e deve ter o pitoco (ou toco), sem quina, nem inclinação até a altura de 5cm, não sendo permitido o uso de luvas de prego, ralo, parafusos, objetos cortantes ou qualquer equipamento que venha a danificar o protetor de caudas ou a integridade física do bovino. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso: 19/04/2024.

Figura 21 - Vaqueira com Equipamento de Proteção



Disponível em: https://www.instagram.com/niellynha_sousa/ Acesso: 20/05/2024.

Nas duas primeiras imagens, observamos o gado já equipado com a proteção de cauda, um dispositivo essencial para a segurança na vaquejada. Na segunda foto, para melhor ilustração, o vaqueiro segura o protetor de cauda, uma medida imprescindível para a prática adequada do esporte. Nas imagens subsequentes, nossa vaqueira colaboradora aparece utilizando equipamentos de segurança fundamentais, na carreia do boi, como o capacete, que protege contra possíveis impactos, e a luva com pitoco, uma inovação fundamental que evita lesões no braço durante o lançamento do laço para derrubar o boi. Esse pitoco, produzido em couro, foi especialmente desenvolvido para garantir que os vaqueiros não sofram cortes ou abrasões enquanto exerce a força necessária para concluir a manobra na arena. Esses equipamentos refletem a transformação das práticas de segurança na vaquejada, mostrando como o esporte se adapta para proteger seus participantes, ao mesmo tempo em que mantém a tradição e a essência dessa atividade cultural.

Atualmente, diversas instituições estão envolvidas na defesa e proteção de várias espécies de animais, abordando questões como abandono, extinção e bem-estar, incluindo os animais usados na vaquejada. Houve um debate prolongado sobre a continuidade das vaquejadas, com preocupações sobre possíveis maus-tratos aos bois e cavalos envolvidos nas disputas. Para tanto, é fundamental ressaltar que, com o intuito de evitar incidentes de maus-tratos durante a realização da vaquejada, há uma série de regulamentos e procedimentos estabelecidos pelo Manual de Bem-Estar do Animal, promulgado pela ABVAQ, os quais são diretrizes a serem seguidas rigorosamente. Logo em seu preâmbulo temos:

Este Regulamento contém regras bem detalhadas de bem-estar animal, estas devem ser seguidas e obedecidas na íntegra nos eventos regulamentados e chancelados pela ABVAQ, definindo diretrizes e normas para a garantia de atendimento aos princípios de bem-estar animal para todos os animais envolvidos nas competições de vaquejada.” (Manual de Bem-Estar do Animal – ABVAQ, 2024)

São medidas adotadas com o objetivo de harmonização da preservação da tradição cultural com o bem-estar dos animais envolvidos. Qualquer conduta que possa colocar em risco a integridade dos animais não é permitida no meio vaqueirama. Em sequência, o artigo 1º do Manual do Bem-Estar Animal estabelece os objetivos fundamentais para garantir a saúde e a dignidade dos animais. Além disso, o artigo 2º do dito manual prevê punições para condutas que deliberadamente causem maus-tratos aos animais envolvidos na vaquejada.

Discorre Scott (1989) que para se compreender a história, é essencial entender as relações de gênero estabelecidas socialmente e a origem dos acontecimentos, para poder ser esclarecer a situação atual. Nesta perspectiva um aspecto que nos chamou muito a atenção e percebemos como um avanço para a participação feminina na vaquejada, qual seja, a presença, na capa do Manual Bem-Estar Animal 2024⁵², da imagem de uma mulher vestida como uma médica veterinária, examinando um cavalo. Isso demonstra que as mulheres estão conquistando grande destaque no cenário vaqueirama. Essa mudança na mentalidade de um esporte masculinizado, além da inclusão de uma veterinária na capa do manual também reflete uma abordagem ainda mais humanizada.

⁵² Manual de Bem Estar Animal 2024 – ABVAQ. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso: 02/05/2024.

3.2. “Eu tenho a senha e meu cavalo já tá pronto. E em cima da sela eu mostro que eu mereço meu troféu. Eu vou, eu vou colar na vaquejada”⁵³ – Das senhas às competições

Agora, vamos discutir as senhas, premiações, pistas e competições nas vaquejadas femininas: iniciamos com as senhas, que é notável que as competidoras ainda enfrentem desafios financeiros significativos. As taxas de inscrição para participar variam, com senhas antecipadas geralmente custando menos do que aquelas adquiridas no dia do evento, mas ainda representando um investimento considerável. Em relação às premiações, embora tenha havido progressos na valorização das competições femininas, ainda existe uma disparidade evidente quando comparadas às premiações masculinas. Analisaremos também as condições das pistas de corrida, que desempenham um papel crucial na performance das vaqueiras, além de influenciar diretamente a segurança e o bem-estar dos animais. Nas competições, a dedicação e o talento das mulheres são inquestionáveis, mostrando que a paixão pela vaquejada transcende qualquer barreira de gênero. É crucial que as discussões sobre essas questões avancem, buscando uma maior equidade e reconhecimento para as vaqueiras, que desempenham um papel fundamental na preservação e transformação dessa tradição cultural.

No primeiro capítulo, apresentamos alguns cartazes de vaquejadas antigas, ilustrando como esses eventos eram divulgados em outras épocas. Agora, no entanto, voltamos nossa atenção para um cartaz de uma vaquejada recente, realizada em 2023 no Parque Maria da Luz, em Campina Grande-PB, já mencionado anteriormente. Essa análise nos permite observar os valores das senhas, das premiações da categoria feminina. Além disso, ao examinar os cartazes antigos e recentes, podemos entender melhor como a vaquejada tem se adaptado às novas demandas do público e às transformações do cenário esportivo.

⁵³ Nome da Música: “Eu tenho a senha” – Composição e Interpretação: João Gomes

Figura 22 - Cartazes da XLVI da Vaquejada do Parque Maria da Luz

ETAPA:
CAMPEONATO VAIDEBET PORTAL

18ª 22 OUT 2023
+220 MIL EM PRÊMIOS

46ª VAQUEJADA PARQUE MARIA DA LUZ
CAMPINA GRANDE - PB

TRADIÇÃO • EMOÇÃO • MODERNIDADE

PROFISSIONAL R\$ 100 MIL	AMADOR R\$ 50 MIL	ASPIRANTE R\$ 35 MIL	MASTER ASPIRANTE R\$ 10 MIL	DERBY PORTAL R\$ 20 MIL	FEMININO R\$ 3 MIL	JOVEM R\$ 3 MIL
1º LUGAR R\$ 30.000,00	1º LUGAR R\$ 10.000,00	1º LUGAR R\$ 7.000,00	1º LUGAR R\$ 3.000,00	1º LUGAR R\$ 8.000,00	1º LUGAR R\$ 1.500,00	1º LUGAR R\$ 1.500,00
2º AD 6º DU 10ª R\$ 70.000,00	2º AD 10ª DU 15ª R\$ 40.000,00	2º AD 10ª DU 15ª R\$ 20.000,00	2º AD 5ª R\$ 7.000,00	2º AD 5ª R\$ 12.000,00	2º AD 3ª R\$ 1.500,00	2º AD 3ª R\$ 1.500,00
SENHA AMERICANA - R\$ 1.000,00	CONJUNTO SENHA - R\$ 200,00	SENHA LINDA SENHA - R\$ 100,00	CONJUNTO SENHA - R\$ 50,00	SENHA AMERICANA - R\$ 1.000,00	CONJUNTO SENHA - R\$ 100,00	SENHA LINDA SENHA - R\$ 100,00
SENHA AM. BOLA - R\$ 1.400,00	CONJUNTO SENHA - R\$ 200,00	SENHA AM. BOLA - R\$ 100,00	SENHA AM. BOLA - R\$ 100,00	SENHA AM. BOLA - R\$ 1.400,00	CONJUNTO SENHA - R\$ 100,00	SENHA AM. BOLA - R\$ 100,00
VALOR DA SENHA POR SENHA DE 10 ANOS POR SENHA, FORNHECIMENTO DE SENHAS	VALOR DA SENHA POR SENHA	VALOR DA SENHA POR SENHA	VALOR DA SENHA POR SENHA	VALOR DA SENHA POR SENHA	VALOR DA SENHA POR SENHA	VALOR DA SENHA POR SENHA

ANTICIPADA
www.anticipada.com.br

GRANDEZELA
ARABIA

PITÚ
83 98802 0736
(Ricardo - Bico Serie)

Disponível em: <https://www.instagram.com/parquemariadaluz/> Acesso: 08/07/2024.

Ao analisar visualmente um cartaz de vaquejada, é possível observar uma disposição clara e objetiva das informações, com destaque para os valores das senhas que variam de acordo com as categorias de competição. A categoria masculina está subdividida em profissional, amadora, aspirante, máster aspirante, derby portal e jovem, porém, para nós, o foco do cartaz recai sobre a categoria feminina, refletindo a crescente valorização e inclusão das mulheres nesse esporte tradicionalmente dominado por homens. O cartaz destaca não

apenas os valores das senhas a serem pagas para participar, mas também as premiações que serão distribuídas aos vencedores, com um montante impressionante que ultrapassa os 220 mil reais, indicando o alto nível de profissionalismo e o investimento no evento. Além disso, o cartaz exibe os patrocinadores, cujas marcas apoiam a vaquejada profissional, mostrando a relevância econômica e a abrangência do negócio comercial desse tipo de competição. O design do cartaz, ao enfatizar esses aspectos, não só informa os participantes, mas também atrai a atenção do público e potenciais patrocinadores, reforçando o prestígio do evento e a cultura nordestina.

O slogan "Tradição, Emoção e Modernidade" exibido no cartaz do Parque de Vaquejada Maria da Luz, em Campina Grande- PB, no ano de 2023 ilustra de forma clara e eficaz a fusão entre os aspectos históricos e contemporâneos desse evento cultural. Este *slogan* reflete a habilidade da vaquejada em preservar suas raízes tradicionais enquanto se adapta e incorpora elementos modernos, uma verdadeira ressignificação com uma combinação de tradição e modernidade, associada à emoção vivenciada tanto pelos participantes quanto pelo público, destacando como a vaquejada consegue manter sua relevância e apelo no cenário atual. A tradição é evidenciada pelos aspectos rurais que definem o evento, enquanto a modernidade é representada pelas inovações na organização e na forma como a competição é promovida e vivida. O slogan celebra a continuidade das práticas tradicionais, mas também ressalta a capacidade da vaquejada de se reinventar e emocionar novas gerações, criando um vínculo poderoso entre o passado e o presente.

Quando começam as divulgações de uma vaquejada, uma das primeiras informações a serem destacadas são os valores das inscrições, conhecidas como senhas e as premiações oferecidas. Com o tempo, a vaquejada, que antes era vista apenas como uma tradição cultural, foi ressignificada e passou a ser também percebida como um negócio lucrativo. Como qualquer outro empreendimento, ela exige investimentos. Na vaquejada atual, é preciso estar disposto a investir financeiramente na compra de sua senha, de acordo com exposto o valor pago pela categoria feminina- nosso foco-, senha antecipada de R\$ 300,00, mas no dia do evento, esse valor aumenta para R\$ 350,00. Isso reflete a transformação da vaquejada em uma prática que, além de celebrar a cultura e a tradição, também se dispõe com a lógica do mercado, na qual a participação envolve planejamento financeiro e expectativas de retorno, seja pela conquista de prêmios ou pelo reconhecimento no circuito.

Embora a categoria feminina na vaquejada pague uma senha de inscrição de valor mais baixo em comparação à masculina, é importante reconhecer que ambas competem em categorias profissionais. No entanto, ao comparar as premiações entre essas categorias, fica

evidente uma disparidade significativa: o valor da premiação masculina é consideravelmente superior ao da feminina. De acordo com o cartaz exposto temos a categoria masculino profissional totaliza prêmios em 100 mil reais, já a categoria feminina profissional 3 mil reais em premiação. Essa diferença reflete uma desigualdade ainda presente no esporte, onde, apesar do crescente reconhecimento e participação das mulheres, as recompensas financeiras não acompanham de forma equitativa o esforço e a dedicação dessas competidoras. A discrepância nas premiações destaca a necessidade de uma discussão mais ampla sobre “igualdade de gênero” no esporte (Scott, 1989), especialmente em modalidades tradicionais como a vaquejada, onde a inserção das mulheres é relativamente recente, mesmo assim, demonstra que a cada “derrubada de boi” por uma mulher a importância de ajustes para garantir que o valor do trabalho e da habilidade seja reconhecido de maneira justa para todos. Essa desigualdade, vistas nas áreas, sempre estão presente na nossa pesquisa de campo.

A premiação é desigual, nós temos os mesmos gastos que qualquer vaqueiro pra chegar, aqui, as mesmas despesas é gasolina do caminhão, é o povo que vem comigo, é comida, vem as senha que no meu caso o patrão paga, mas é gasto ... também deixei minha faculdade meus trabalhos para vim, igual a qualquer vaqueiro, aí ... (N.S.)⁵⁴

No caso da nossa colaboradora, ela mostra insatisfação quanto os valores pagos na premiação feminina que é inferior aos valores pagos em todas as categorias masculina, porém as vaqueiras têm os mesmos custos para chegar e permanecer durante os dias de vaquejada. Em meio as demais vaqueiras, durante os eventos que fomos, ouvimos insatisfações semelhantes quanto aos valores baixos das premiações, como também, vimos que algumas participantes não podem viajar para todas as vaquejadas, como gostariam, em finais de semana consecutivos, devido a compromissos com faculdade ou trabalho, e em outros casos, o evento se estende mais que três dias impossibilitando as mulheres de permanecerem na vaquejada.

No Parque de 12^a Vaquejada Vila Cowtry na cidade de Sumé-PB que fomos, em conversa informal com um dos organizadores do evento tivemos a oportunidade de escutar alguma explicação sobre a premiação da categoria feminina, e nos foi dito que o valor financeiro da premiação para as mulheres era menor em relação aos homens, devido ao número mínimo de senhas vendidas. Se faz necessário ter no mínimo o número de 10 competidoras para poder fechar o valor da premiação, ou seja, quanto menor for o número de

⁵⁴ Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 21/04/2024. Local: No Parque Antônio Ursulino em João Pessoa-PB.

vaqueiras, menor número de senhas vendidas, menor será a premiação. Aqui deixamos uma possível explicação sobre esse impasse do valor das premiações femininas, até porque não é nosso foco de estudo. Mas, desde a modernização da vaquejada ser da década de 90, esse modernismo das senhas e premiações feminina nem sempre foi assim:

Era uma confusão no meu tempo, quando eu era jovem, acho que primeiro precisava pedir para correr ao dono lá, da vaquejada, se ele deixasse geralmente liberava três corridas e às vezes já perdia na primeira. Eu ficava nervosa, sabe? Dava o que falar, sabe? Não vendia senhas, hoje em dia bate a senha, dava para nós, pouca mulher demais eu as vezes corria com os homens, mesmo ... e já aconteceu, eu ganhava e o vaqueiro lá zerar, mas não recebia nada, mais participava feliz. Com muito tempo depois, já separada, que surgiu uns prêmios, às vezes nós levávamos um incentivo, bem pouco ... (risos) ... (V.V.)⁵⁵

Pela fala de nossa colaboradoras, como já foi dito sua participação eram em bolões e a regra para a participação feminina ainda não havia sido sancionada pela ABVAC. Vemos a dificuldade ao tratarmos da divisão do espaço masculinizado com as mulheres, que vai além do pedir para participar, senhas e premiações. Aquela inserção era vista como uma ameaça no sentido de divisão espacial, algo notado nos falatórios dos próprios vaqueiros “impaia a vaquejada”, visto como uma perda de tempo ou até mesmo a reprovação dos organizadores. Para acrescentar esse cenário enfrentado pelas vaqueiras mais antigas, as mulheres por não lhes serem oferecidas nenhuma premiação por parte dos organizadores, levavam sua própria premiação como um meio de serem reconhecidas.

A luta feminina por direitos permitiu às mulheres participar de atividades antes exclusivas aos homens, incluindo esportes. Os estudos de gênero têm ajudado a desconstruir o uso de características biológicas que justificava o acesso e a permanência em diferentes espaços social (Scott, 1989). Essa igualdade de gênero entendida pela autora pode ser, portanto, estendida para o fenômeno da vaquejada, sendo essa inclusão é um reflexo da crescente conscientização e desconstrução de papéis de gênero rígidos, promovida pelos estudos de gênero, que destacam a importância de valorizar a competência individual acima das divisões biológicas. A presença das mulheres na vaquejada enriquece o esporte e simboliza um avanço significativo na luta pela igualdade de oportunidades.

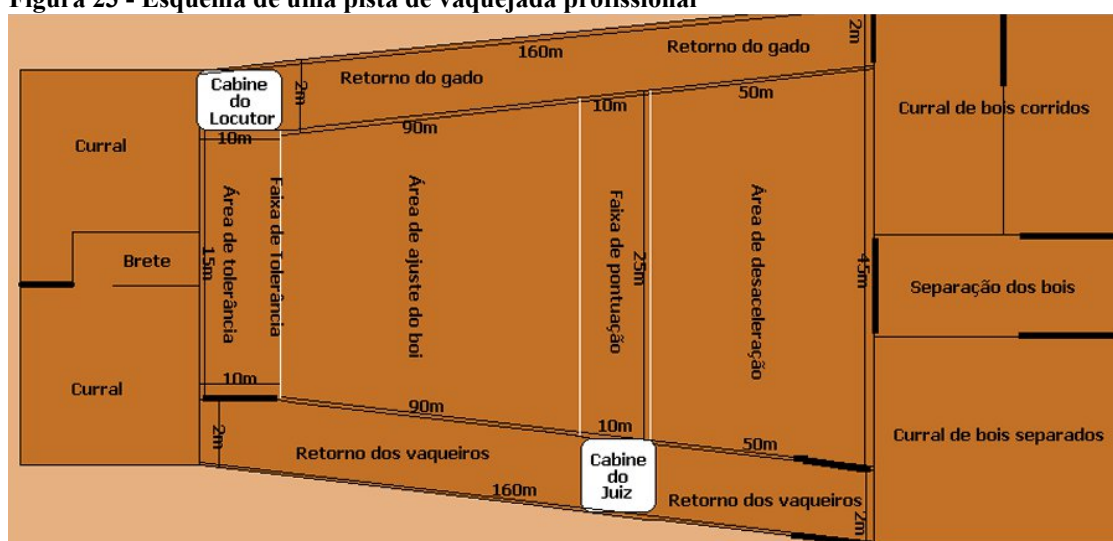
A vaquejada é considerada um esporte ou uma opção de lazer, na qual uma dupla de vaqueiros montados a cavalo tenta derrubar o boi na faixa, com um tamanho de 9m x 10m, o puxando pela cauda entre as faixas de cal. “No Nordeste a partir da década de 90. Antes dessa data, o que se tinha eram pequenas pistas de corrida nascidas das ruínas dos antigos

⁵⁵ Gravação de V. V. concedida no dia 25/04/2024. Local: Em Campina Grande-PB.

terreiros de fazendas onde se costumava apartar o gado” (Barbosa, 2006, pág. 91), ou seja, pistas pequenas para derrubada do boi que dão espaço a pistas de dimensões profissionais.

A pista de vaquejada atual teve algumas modificações a colchão de areia passou a ter uma espessura de 40 centímetros, local onde o boi é derrubado e possui o tamanho, sobre uma distância 90m a 100m. Caso as vaqueiras consigam posicionar o boi entre as faixas de 25m x 10m, isso será considerado um sucesso. Se o boi for colocado fora, o juiz declara nota zero. As duplas que conseguirem marcar todos os bois na fase classificatória avançam para a final. Sobre as dimensões da pista oficial de vaquejada, temos:

Figura 23 - Esquema de uma pista de vaquejada profissional



Disponível em: <https://sites.google.com/site/serradosertaovaquejada/a-pista-de-vaquejada> Acesso: 01/06/2025.

Na vaquejada, a pista de corrida há faixas de cal que se estendem ao longo desta, conhecidas como "faixa de tolerância" e "área de pontuação". A faixa de tolerância é o ponto de partida válido para os vaqueiros prepararem a derrubada, onde o boi pode seguir qualquer direção. Após essa área, tanto o boi quanto o vaqueiro entram na "área de pontuação", designada para a derrubada do animal. De acordo com as regras da ABVAQ, se houver uma mudança de direção por parte do boi além de 180° para trás, ou se ocorrer uma queda involuntária do boi ou de seu protetor de cauda (desde que não seja causada pelo vaqueiro), os competidores têm o direito a uma nova corrida, anulando sua apresentação anterior.

A pontuação é obtida quando o animal é derrubado dentro da faixa de cal após ser solto completamente na arena e os vaqueiros estarem em suas posições corretas. Se isso ocorrer, o juiz declara "valeu boi"; caso contrário, anuncia "zero", "quem nunca ouviu zero" (L.S.). Cada corrida é registrada pelo contador de pontos, que os contabiliza ao final da fase

classificatória, isso permite determinar, dentro dos parâmetros regulamentares, quais competidores alcançaram o número necessário de bois para avançar para a fase eliminatória e final da vaquejada, conhecidas como disputas. Na fase eliminatória, cada vaqueiro deve derrubar todas as senhas em que corre, pois não há um número específico de bois para serem derrubados. A pontuação é atribuída conforme os competidores derrubam os bois entre os quatro que participam, considerando a numeração em que o boi caiu no chão. Ao término de todas as corridas, os pontos de cada boi válido são somados, determinando assim as vaqueiras habilitadas para a fase de disputas.

A performance das vaqueiras nas pistas de vaquejada requer habilidade, força e determinação, que desafia tanto as expectativas tradicionais quanto as barreiras de gênero no esporte, elas entram nas arenas com a mesma garra e técnica que os vaqueiros, demonstrando um domínio sobre seu cavalo e uma compreensão do esporte. Além de competirem, essas mulheres estão redefinindo o que significa ser vaqueira, ao enfrentar os desafios da pista, os notáveis preconceitos e as expectativas sociais que ainda permeiam o ambiente. Cada vitória conquistada feminina é uma afirmação de que a vaquejada é um espaço para todos, independentemente de gênero. Sobre a performance na pista temos, assunto frequente nas rodas de conversas destacamos:

É ali na pista que damos nosso melhor onde fomos todas iguais é ali, é naquela hora que todos estão olhando para nós e como vaqueira digo é bom, porque é hora de mostrar para o que vim, mostrar a mulher vaqueira que sou (L.F.)⁵⁶

É na pista que as mulheres vaqueiras têm a chance de demonstrar suas habilidades através de manobras, habilidades, técnicas com o cavalo, capacidade de correr e fazer paradas rápidas e bruscas quando necessário, mostrando sua coragem e determinação. Esse ambiente favorece a exibição das competidoras e pode ser considerado o principal motivo pelo qual o cenário da vaquejada é adequado e adaptado para a presença feminina hoje.

Nas vaquejadas de participação feminina, assim como em qualquer outro esporte com prêmios em jogo, a competitividade é uma realidade. Apesar de algumas divergências e falta de consenso entre as vaqueiras, elas estão sujeitas às dinâmicas da competição, onde existem vencedores e perdedores. As mulheres vão além na sociedade e não hesitam em lutar por seus direitos e expressar suas opiniões quando se sentem injustiçadas, buscando direitos, fazendo movimentos reivindicatórios. Quanto às controvérsias, em arena, podem levar a conflitos e

⁵⁶ Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 09/03/2024. Local: No Parque Arena Jampa em João Pessoa-PB.

debates sobre questões como a validade de um boi derrubado, erros na contagem de pontos ou decisões de julgamento.

A categoria feminina destinada às mulheres no contexto do esporte das vaquejadas foi concebida, implementada e mantida depois muita luta coletiva. No entanto, hoje, enquanto pesquisadora e observadora das “derrubadas do boi” do contexto feminino, notamos uma determinada rivalidade dentro e fora da arena, como no esporte sempre vai existir essa disputa. Cada vaqueira busca por si só ser mais ágeis e melhores que suas semelhantes.

(...) uma mulher é capaz de tudo que você imaginar ... aquela lá ela já deu peia em gente, ela não tem jeito, isso fica feio para nós, como vaqueira ... sabe? A mulher ela sempre vai ser rival de outra mulé, aqui, também tem disso ... (N.S.)⁵⁷

Nossa colaboradora fez menção sobre uma rivalidade entre duas vaqueiras. Algo que foi notório dentro da vaquejada por todos⁵⁸. Afinal, a rivalidade entre as mulheres no esporte, surgida nos últimos anos, como também entre as vaqueiras, torna-se um aspecto negativo porque prejudica o avanço do grupo? De fato, a rivalidade cria dificuldades na formação de vínculos de amizade entre elas, pois algumas acreditam que a amizade entre mulheres, especialmente nesses ambientes, é superficial. Além disso, há uma competição de egos e disputas que se estendem para além dos momentos da “derrubada do boi”, ali na arena partindo também para vida pessoal. Notamos que como consequência a própria categoria vai perdendo seu foco, pois esses desentendimentos ocorridos se tornam motivos pelos quais alguns proprietários de parques relutam, ainda, em permitir a participação da categoria feminina nas competições.

Por outro lado, é importante destacar que as rivalidades femininas, quando expostas na mídia, geram uma visibilidade significativa, funcionando como um marketing natural que o mundo midiático proporciona. Essa atenção aumenta a visibilidade das próprias vaqueiras, dos parques de vaquejada e, conseqüentemente, dos seus cavalos. Em relação à rivalidade entre mulheres e vaqueiros, nosso campo de estudo sugere que essa é aparentemente menor. Entretanto, o marketing continua sendo alimentado pelas rivalidades masculinas, no qual um vaqueiro desafia o outro, criando uma atmosfera de competição que atrai atenção e visibilidade para os competidores. Contudo, como nosso foco de pesquisa está voltado para as mulheres explorando como essas mulheres enfrentam preconceitos, conquistam respeito e se

⁵⁷ Gravação de Niely Sousa concedida no dia 25/03/2024. Local: No Parque de Vaquejada Vila Cowtry em Sumé-PB.

⁵⁸ Associação Brasileira de Vaquejada – ABVAQ – Documento que expõem, o caso, e suas consequências. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/conteudos/documentos-oficiais>. Acesso: 20/03/2024.

afirmam em um espaço, promovendo uma discussão sobre igualdade e visibilidade no mundo das vaquejadas.

Não queremos dizer aqui, que competitividade é para ser eliminada das pistas de vaquejada, até porque em se tratando de premiações, patrocínios, sempre vai haver vaqueiras mais empenhadas que outras. Contudo, observamos que o ambiente muitas vezes fica tenso, onde as vaqueiras competem entre si mesmo antes de entrar na arena, discutindo sobre diversos aspectos que em nada competem à vaquejada, como questões pessoais, afetivas ou condutas de comportamento, ficando evidente que essa rivalidade ultrapassa a “derrubar um boi” durante as vaquejadas.

Para Scott (1989) O conhecimento é adquirido pela visão, que é uma percepção direta do mundo. Sendo assim, ao compartilhar vivências, experiências de um grupo nos revela os mecanismos repressivos da sociedade, mesmo sem detalhar seu funcionamento. Scott destaca que tornar um movimento visível, rompe o silêncio e cria novas oportunidades para alcançar direitos, conquistar espaços e superar paradigmas e preconceitos. Nesse contexto, temos motivos significativos para destacarmos o grupo feminino das vaquejadas: as mulheres que compõem esse coletivo estão presentes na história como um grupo muitas vezes marginalizado pelo universo masculinizado da cultura nordestina no passado como também agora. Este grupo feminino contribui para a compreensão das particularidades de seu universo vaqueiro, ao mesmo tempo que evidencia a realidade contemporânea com seus diversos aspectos de grupos, inclusive o da rivalidade, legitimando a pluralidade dos gêneros e criando novas oportunidades para que esse coletivo possam reivindicar direitos, conquistar espaços e desafiar os obstáculos e preconceitos estabelecidos.

De toda forma, o avanço da categoria feminina nas vaquejadas é notório, apesar de ser uma caminhada lenta, mas já percebida por todos, para os que vivem em meio a vaquejada como também fora, socialmente falando. Podemos enxergar isso com o aumento do número de mulheres vaqueiras em expansão pelas diferentes regiões brasileiras, devido à divulgação, com a ajuda da mídia da categoria feminina e ao reconhecimento dessas mulheres como aptas a “derrubarem boi”, essa atividade deixou de ser exclusivamente masculina. No entanto, comprovamos em conversas que, segundo as próprias vaqueiras, ainda há muito a ser melhorado, especialmente quando comparadas às categorias masculina e feminina.

3.3. “Minha vaqueira perfeita que nesse mundão eu tanto procurava. Além de princesa, ela gosta de vaquejada. Bora derrubar boi na faixa”⁵⁹ – Juntas temos super poderes

Agora vamos nos debruçar mais especificamente sobre a importância da mídia na valorização da vaquejada e na visibilidade das mulheres vaqueiras nos dias de hoje. A exposição midiática destaca a rotina diária, a beleza das mulheres que se dedicam a essa prática, combate ou dá ênfase aos preconceitos que elas enfrentam dentro das arenas e nos outros espaços dos parques de vaquejada. Esses espaços, tradicionalmente masculinos, têm sido palco de desafios para as vaqueiras, que precisam lidar algumas vezes com olhares críticos e a resistência de alguns setores da sociedade. Além disso, abordaremos como a mídia contribui para a redefinição desses espaços, mostrando que a presença feminina que enriquece a vaquejada provocando reflexões sobre igualdade e respeito.

Com o surgimento da história pública marca-se um período historiográfico de reflexão sobre o papel do historiador. Nos anos 1970, emergem as discussões sobre a História Pública e o papel do historiador público em países como Inglaterra e Estados Unidos. Essas reflexões abordam não apenas o trabalho dos profissionais da história, mas também as maneiras pelas quais o público utiliza o passado.

Diferenciando-se da mentalidade inglesa, a reflexão nos Estados Unidos passou a ser sobre o uso público da história e não exatamente sobre a história pública ligada a políticas públicas. O caráter militante não foi de todo abandonado, mas novas preocupações apareceram, de acordo com as demandas sociais e tecnológicas: pensar o conhecimento acadêmico na arena pública; lidar com um público diverso e com as mídias; refletir sobre os sujeitos fora do ambiente acadêmico, com suas vontades e discursos múltiplos. (Almeida; Rovai, 2013, P.3)

De acordo com as autoras, essas novas preocupações surgiram em resposta às demandas sociais e tecnológicas emergentes, incluindo a necessidade de repensar o conhecimento acadêmico no espaço público, lidar com uma audiência diversificada e os meios de comunicação e considerar os indivíduos fora do ambiente acadêmico, com suas perspectivas e discursos variados. Podemos entender que atualmente, o papel da história pública é reconhecido como mais dinâmico e interativo, pois a história não é mais concebida como uma única abordagem, mas sim como um processo que envolve o diálogo com diversas ferramentas para a construção e disseminação do conhecimento histórico. Isso implica em

⁵⁹ Nome da Música: “Dona da Beleza” – Composição: Felipe Silva, Celso Poeta, Gusta Brandão. Interpretação: Fabinho Testado.

colaboração entre diferentes indivíduos na produção conjunta do conhecimento. Além disso, novas ferramentas digitais, como exemplo o Instagram, proporcionam oportunidades para compartilhar e debater o conhecimento histórico, também, como fonte, com uma audiência mais ampla e diversificada.

O êxito da “derrubado do boi” era uma forma de destaque, fama, na comunidade vaqueirama, onde os “vaqueiros de fazenda” deixavam serem simples trabalhadores rurais e recebiam a conotação de “vaqueiros de vaquejada”, vencedores. Os famosos da região tidos como símbolos de virilidade, bravura e força, eram o centro das atenções e ao irem para as disputas faziam girar o dinheiro (Silva; 2022). Como uma consequência das várias ressignificações da vaquejada, esses atributos de masculinidade da antiga tradição do vaqueiro visto como celebridade dividiu espaço com a mulher vaqueira, agora, verdadeiras “astros”, ocupando, também, um lugar de destaque nas disputas equestres e nas redes sociais.

Como já foi mencionado sobre nossas vaqueiras colaboradoras, podemos qualificá-las como subcelebridades, porém vamos destacar nossa colaboradora L.F. que além de assumir um papel de destaque nas redes sociais, influenciando as transformações de significado de acordo com o reconhecimento de seus seguidores e refletindo os valores do mundo da vaquejada, ela se apresenta e se releva, no Instagram vendendo sua imagem e ideias sobre o universo vaqueirama. A posição assumida por ela, L. F., é de influenciadora digital que busca com seu discurso a ação de influenciar os outros por meio da linguagem⁶⁰ nos mostra com essa interação midiática é uma tentativa de destacar traços de ações e tensões prévias enfrentadas por ela no meio da vaquejada, compartilha seu cotidiano, por vezes em diferentes estados brasileiros, oferece respostas à situação de diálogo com os seguidores, comercializa produtos relacionados à alimentação equina e moda vaqueira, narra experiências vivenciadas fora do contexto vaqueirama, promove eventos que participa, divulga sua imagem pessoal e mostra troféus de premiações das competições.

No meu Instagram tento dialogar com o mundo da vaquejada, mas noto que existe um algumas barreiras. Acho porque sou por ser mulher, por ser jovem quando falo de determinados assuntos profissionais, como se não tivesse credibilidade ou não fosse qualificada para falar (L.F.)⁶¹

⁶⁰ Na teoria semiolinguística que analisa o discurso, no formato da relação interlocutor/ouvintes está fundamentada na (a) comunicacional, indicando a realidade das circunstâncias de interação; (b) psicossocial, evidenciando o reconhecimento dos papéis sociais presentes; e (c) intencional, destacando a aprendizagem mútua na relação e a busca por informações para compartilhar, ativando as intenções de cada indivíduo e as estratégias empregadas para lidar com o outro. (Charaudeau, 2009).

⁶¹ Gravação de Lara Ferreira concedida no dia 27/03/2024. Local: No Parque de Vaquejada Vila Cowtry em Sumé-PB.

Concordamos que “as plataformas digitais possibilitam a circulação de diferentes narrativas” (Malerba, 2017). Fazendo uma breve análise da influência digital na rede social Instagram é perceptível uma clara intenção de engajar em um diálogo com o público específico da vaquejada. Isso se manifesta na escolha de vestimentas, no uso de linguagem característica, nos ambientes frequentados (fazendas, pistas de corrida, paisagens rurais), nas referências a artistas e músicas ligadas ao tema, entre outros aspectos. Quase todas as postagens estão vinculadas ao universo da vaquejada, estabelecendo uma ligação entre elas, ocasionalmente, são compartilhadas fotos ou vídeos que não estão diretamente relacionados à profissão de vaqueira, mas mesmo nesses casos, há elementos como botas ou acessórios que remetem ao contexto vaqueiro.

Outro ponto que merece destaque em nossa pesquisa é a presença de L.F., a única influencer digital entre as colaboradoras, cuja atuação nas redes sociais evidencia uma aceitação e respeito notáveis dentro do ambiente vaqueirama. Nas fotos que compartilha, ela frequentemente aparece cercada de amigos e recebe inúmeros comentários de incentivo, refletindo seu carisma e a influência que exerce na comunidade, contudo, ela também enfrenta desafios e intolerâncias, principalmente por ser uma mulher jovem nesse contexto tradicionalmente masculino. Notamos que um de seus stories⁶², especialmente ao abordar temas profissionais ligados à vaquejada, percebemos uma resistência por parte de algumas mulheres e do público masculino, como se houvesse uma falta de credibilidade no que ela expõe. Essa reação revela um preconceito ainda latente, que subestima as capacidades e o conhecimento das mulheres no universo da vaquejada, dificultando a plena aceitação de sua voz e perspectiva nesse meio.

Como já mencionado, a vaquejada entre suas ressignificações, foi também uma transformação econômica e com as redes sociais não seria diferente. A participação das mulheres nessa “nova” indústria vem crescendo notadamente são: vaqueiras, fotógrafas, bilheteiras, veterinárias, influencers digitais ou até forrozeiras dos grandes eventos de vaquejada, vemos as mulheres ganhando espaços cada vez maiores na sociedade e nos esportes. Podemos perceber que hoje as redes sociais associada às mulheres, em especial o Instagram, é um grande aliado para viabilizar a geração de lucros.

Nas redes sociais de nossa colaboradora e influencer digital, L.F., anuncia diariamente produtos ligados à suplementação alimentar para cavalos; botas para serem usadas por vaqueiros; faz propagandas sobre os eventos de vaquejada, entre outros, onde o corpo

⁶² Postagens do Instagram que desaparecem em 24 horas e não aparecem no feed.

feminino se torna objeto de interesse para o mercado capitalista vaqueirama, que o utiliza como um meio de propaganda de seus produtos, aproveitando-se da valorização excessiva da bela imagem da mulher. São tipos de estratégia que vendem a imagem de produto baseado nos ideais de felicidade, juventude, beleza e saúde, os quais são amplamente difundidos na sociedade.

Cabe mencionar que as redes sociais se consolidaram como um fenômeno do século XXI, especialmente a partir de 2014, revolucionando a forma como as pessoas se conectam, compartilham informações e constroem suas identidades. Além de transformarem a forma como as mulheres vaqueiras se conectam e se fazem visíveis, as redes sociais também revolucionaram a maneira como as vaquejadas em si são divulgadas e “consumidas” pelo público. Com o surgimento de plataformas como Instagram e Facebook, o alcance dos eventos de vaquejada se expandiu permitindo que um público muito maior e muitas vezes distante geograficamente, acompanhe as competições, treinos e preparativos em tempo real.

As redes sociais possibilitam ainda, uma interação direta entre os participantes e o público, o que pode aumentar a popularidade dos eventos e dos próprios vaqueiros, incluindo as mulheres, que agora têm uma plataforma poderosa para mostrar suas habilidades e quebrar estereótipos. Esse novo modelo de divulgação também impulsiona o marketing dos patrocinadores e a comercialização de produtos relacionados à vaquejada, reforçando o caráter lucrativo e a expansão do alcance desse tradicional esporte. No entanto, antes desse advento da mídia a divulgação desse esporte era por meio “uma vinheta a cada dia. Assim, seja pelas rádios e Tvs, seja pelos jornais, panfletos, revistas, acessórios, cartazes e outdoors, espalhados estrategicamente pela cidade.” (Barbosa, 2006, pág. 75)

Segundo Thompson (2002, pág. 25) “os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno ...” notamos, também, que a cultura vaqueira adiciona aos mecanismos de comunicação porque ninguém é indiferente aos sinais da vaquejada mesmo aqueles que não participam diretamente das vaquejadas mais não conseguem ficar indiferentes aos sinais que essa tradição tão marcante deixa pelo caminho. A vaquejada, além de ser um evento competitivo, é um símbolo ligado à cultura nordestina: ao ouvir o som do forró, ao avistar alguém vestindo roupas de couro, cintos largos e botas rústicas ou mesmo ao escutar expressões, linguagem características do universo vaqueiro, imediatamente se associa à vaquejada, mesmo que de forma inconsciente. Esses sinais, que se tornaram quase que universais da vida vaqueira, atuam como códigos culturais que comunicam um sentido de pertencimento e identidade. Isso demonstra a força e a presença dessa tradição até os dias

atuais, mostrando que a vaquejada ressignificou mas continua com toda sua essência seja nas ruas, nas músicas ou nas vestimentas, tornando-se um elemento da cultura nordestina.

Na vaquejada, a beleza feminina se destaca como um aspecto que não se limita apenas à estética tradicional e está ligada ao desempenho e à competência nas pistas. A vaqueira que se destaca não é apenas aquela que atende aos padrões convencionais de beleza, mas, sobretudo, aquela que demonstra habilidade, na “derrubada do boi”. No entanto, a realidade do mundo atual, em que a visibilidade e a influência nas redes sociais são valorizadas, até pelo seu cunho lucrativo, faz com que as vaqueiras que combinam habilidade e um padrão estético mais amplamente aceito, chamem mais a atenção de grandes marcas patrocinadoras. No entanto, essa visibilidade, por si só, não é suficiente, no mundo da vaquejada: a verdadeira beleza é medida pelo desempenho nas pistas; uma vaqueira que é apenas bonita, mas não é capaz de demonstrar seu valor nas competições, dificilmente será respeitada ou alcançará o mesmo sucesso que aquelas que conseguem equilibrar ambos os aspectos. Assim vemos que a vaquejada, ao mesmo tempo que valoriza a estética, exige que as mulheres provem seu valor através da habilidade nesse ambiente. Da conversa com nossa colaboradora, quando mencionamos sobre a beleza da mulher vaqueira, destacamos:

Tem vaqueira que não sabe derrubar um boi que preste fica só naquela de tirar fotos quando vai lá, na hora, num sai nada, nem banhar um cavalo não sabe, estão por causa da beleza, e são bem bonitas, mesmo, para as pessoas estarem só olhando, principalmente os homens, não é uma vaqueira de sucesso dentro da vaquejada, só um corpo bonito, uma cara bem feita, e até dentro da vaquejada precisa dos homens para ajudar. Que vaqueira é essa, dentro da vaquejada? (L. S.)⁶³

De acordo com a perspectiva de nossa entrevistada, para ser uma excelente vaqueira de vaquejada transcende tarefas simples como banhar ou cortar capim para os cavalos. É necessário possuir domínio, afinidade e habilidade na vaquejada, incluindo a capacidade de montar com destreza e coragem para enfrentar os desafios da pista. Além disso, requer conhecimento do ambiente rural, respeito pela tradição vaqueira e determinação na prática da “derrubada do boi”.

Ao expressar a demasiada necessidade de ajuda masculina, sugere-nos a ideia de um retrocesso, onde a mulher é mais uma vez relegada ao papel de submissão, como se necessitasse apenas da beleza, aquela enquadrada nos padrões sociais atuais. Nesse cenário, evidenciamos mais um exemplo de aprisionamento, no qual a imagem da mulher está intrinsecamente ligada.

⁶³ Gravação de Lucimara Sampaio concedida no dia 19/07/2024. Local: No Parque de Genésio Araújo em Sousa-PB.

Observamos ainda de acordo com o que foi dito pela nossa colaboradora, que ao popularizar sua imagem atrelada à vaquejada, destaca-se que o interesse não é só o esporte praticado, mas também a visibilidade, atrelada à beleza, que a vaquejada pode lhe oferecer, exemplo de uma relação íntima com o interesse de mercado. Nesse sentido, vemos um foco maior na espetacularização da prática, em detrimento da valorização dos elementos tradicionais da vaquejada. Podemos ainda dizer que fica evidente que a vaqueira em questão, apesar de se identificar como tal, não alcança sucesso nas competições de vaquejada. Sua percepção é de que ela é mais reconhecida por sua beleza do que por suas habilidades na arena. No entanto, no mundo da vaquejada, onde o respeito e a admiração são conquistados através do desempenho e da habilidade, a falta de êxito nas competições acaba por minar a credibilidade e o reconhecimento dessa mulher entre os demais vaqueiros. Portanto, ser vaqueira vai além da aparência é necessário provar competência nas pistas para ganhar respeito e legitimar sua posição no meio da vaquejada.

Com base nisso, percebemos o quanto homens e mulheres, estão envolvidos em “conceitos de beleza”, tornando-se um elemento frequente nessa interação entre os indivíduos, tanto no que diz respeito à sua própria identidade quanto às interações com os outros e ao ambiente que os cerca. É empregado um imaginário da beleza feminina que se manifesta como uma “arma política contra a transformação da mulher” (Wolf, 1992, pág. 36) pois esse mito da beleza feminina passa a assumir o papel anteriormente atribuída idealização da mulher como dona de casa, dócil, frágil, ou seja, “controlável”. Esse conceito pode se transformar em uma ideia que pode intimidar e desvalorizar as mulheres que “os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade” não tem mais domínio. (Wolf, 1992). Nessa mesma linha temos também:

[...] O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. [...] O mito viceja quando ocorre uma perigosa libertação das mulheres de repressões. (WOLF, 1992, p. 15-17)

Desse modo, isso se constitui em uma construção cultural, via educação em vários espaços-tempo, que é perverso com os próprios sujeitos e com o outro e que estabelece uma relação com um sistema patriarcal, perspectivado, a partir de um projeto de poderio masculino. Esse por sua vez, emana ideários e imaginários de um corpo para outro corpo, por gestos, signos, símbolos, sentidos e significados de ser e estar no mundo. Através da História Pública e da oralidade, podemos compreender as percepções e entendimentos das vaqueiras em relação ao contexto das vaquejadas. Durante nossas conversas informais, elas

compartilham suas visões de mundo, experiências e interpretações pessoais sobre o ambiente em que vivem. A opinião de L.S. sobre a posição assumida por algumas vaqueiras que reproduzem padrões sociais de submissão masculina mesmo nos dias atuais, no qual a beleza é mais explorada que atributos dos esportes, é um assunto também debatido e compartilhado, com o mesmo entendimento, por outras mulheres vaqueiras.

Participando de um esporte tradicionalmente masculino, as mulheres vaqueiras exibem uma beleza que vai além da aparência física, refletindo coragem, habilidade e quebra de paradigmas. Elas redefinem o conceito de feminilidade ao provar que ser forte, destemida e “derrubar boi” não diminui sua beleza. Em conversa com nossa vaqueira veterana, ela menciona sobre percepção da beleza na vaquejada de antigamente, no caso em questão década de 90, com a dos dias atuais. Segundo ela, outrora as mulheres que corriam boi eram vistas de forma de forma mais masculinizada, com corpos mais moldados pelo trabalho árduo e sem muita preocupação em expressar feminilidade. Hoje em dia, essa imagem foi ressignificada, a vaqueira pode ser feminina, ser mãe, casada, e ainda assim, se destacar na vaquejada, uma transformação na aceitação de diferentes formas de ser mulher dentro do universo das vaquejadas, destacamos em sua fala:

Hoje em dia vejo que é unissex a vaquejada, no meu tempo era difícil quando eu chegava a maioria do povo achava que eu era mulher-macho, entendes? Mas sou é mulher coragem e nordestina ... (V.V.)⁶⁴

Na vaquejada da década 90, lugar de onde nossa entrevistada relata suas experiências, predominava a imagem da uma mulher vaqueira pautada na figura de “mulher-macho”. Em uma pesquisa rápida na internet pelo simples nome “Paraíba” notamos vários links com a expressão “Paraíba, mulher-macho”, como uma espécie de cartão de visitas que na verdade remete-se a ideia de “uma mulher corajosa do bando de Lampião, Maria Bonita ou supostamente homossexual”⁶⁵. No caso de nossa entrevistada, para mulher-coragem, nós a vemos como mulher-resistência, entendemos que o conceito de gênero é construído socialmente, ou seja, características consideradas masculinas e femininas são ensinadas desde o nascimento e aceitas como verdadeiras devido à sua repetição cultural, “gênero refere-se às relações de poder e à distinção entre os atributos culturais atribuídos a cada sexo e suas características biológicas. (Scott, 1989).

⁶⁴ Gravação de V. V. concedida no dia 25/04/2024. Local: Em Campina Grande-PB.

⁶⁵Correio Brasiliense On-line: Brasília. Disponível em: <<http://www2.correioweb.com.br>>. Acesso: 01/05/2024

A identidade feminina nordestina foi moldada em relação ao homem nordestino. Ao defini-lo como destemido, forte e resistente ao clima árido do sertão, ele passou a ser visto como viril, macho e corajoso. Consequentemente, a mulher também foi moldada em relação a essa identidade masculina e, devido às condições da região, acabou sendo masculinizada. Em outras palavras, para sobreviver aos desafios, a mulher teve que ser "macho" (Barbosa, 2006). Assim, percebemos que a associação da feminilidade à fragilidade, docilidade e ao ideal de beleza transcende épocas e lugares, impactando significativamente as vidas e trajetórias das mulheres até os dias atuais. Essa persistência desse padrão contribui para uma série de retrocessos, nos quais as mulheres são frequentemente desrespeitadas em relação aos seus corpos e à sua dignidade, muitas vezes de forma imperceptível.

Inquestionavelmente existia uma distinção na forma de como homens e mulheres eram educados em relação à atividade física e aos esportes. Para as mulheres, o exercício físico deveria proporcionar um bem-estar, mas sem comprometer a harmonia estética, a beleza e a graça. Até porque, esperava-se que as mulheres desempenhassem bem seu papel de ser mãe, por isso, não era qualquer atividade física ou esporte considerado adequado para elas. Assim, o turfe, o remo, a natação, a esgrima, o tênis, o arco e flecha, a ginástica e o ciclismo surgiam como opções de práticas corporais para as mulheres. Assim, na década de 90, as mulheres conseguiram participar dos Jogos Olímpicos Modernos, mesmo sob protestos sociais. (Goellner, 2008).

E, ainda, nesta linha de pensamento no ambiente das vaquejadas, as mulheres ainda enfrentam discriminação, tanto dos homens quanto por não se conformarem aos padrões tradicionais de feminilidade. E aquelas que permanecem e entram nesse ambiente masculinizado são verdadeiras heroínas e porque não dizer, ainda, pioneiras, enfrentando o preconceito e desafiando as normas estabelecidas preestabelecidas socialmente. Isso representa um avanço significativo para as mulheres, que passam a se apropriar desses espaços e esportes para si. Entre processos e avanços, a mulher hoje podem praticar o esporte que quiser e qualquer mulher pode ser vaqueira se assim desejar.

Notamos em convivência no ambiente vaqueirama e em rodas de conversas com outras vaqueiras, além de nossas entrevistadas, que as vaqueiras são símbolos de resistência feminino, em um lugar onde o preconceito masculino ainda existe “lá vem elas impaiá a corrida”. Apesar de ainda sofrerem esse tipo de intolerância, porém é algo que segue diminuindo e dando espaço a uma melhor aceitação, vimos, também, que alguns ajudam as mulheres neste meio. Sobre o ambiente em conversa com nossa colaboradora, ela mencionou sobre um caso em particular que gostaríamos de destacar:

Assim, eu sempre fui de vaquejada todo mundo me conhece, desde de criança, eu não vejo preconceito direto comigo, não, mais já ouvi muita coisa das meninas principalmente as mais novas no ramo, né? Tipo uma vez a Bia, começou agora, ainda está aprendendo direito as coisas nos dias de vaquejada ... os caras lá falando da menina, eu não vi, mais soube que falaram umas coisas pesadas e ela estava chorando. Ela não quis me dizer o que era, mais foi bem chata a situação ... a *pobe*, ficou desanimada o resto do dia ... (N.S.)⁶⁶

Através da fala se nossa colaboradora é possível perceber as críticas e o preconceito masculino diante da presença de mulheres no espaço público das vaquejadas. Ao participarem das competições, as vaqueiras “rompe” padrões, enfrentando a desaprovação dos vaqueiros. Essas mulheres que participam da vaquejada ou estão se inserindo no mundo equestre tornam-se exemplos de uma nova forma de construção identitária e subjetiva, abrindo inéditos caminhos em espaços onde ainda existem preconceitos e concepções que objetificam e restringem o papel da mulher. Ainda em conversa com ela, sobre a mesma linha de raciocínio, sobre os possíveis impasses, ela nos conta.

Nos dias de vaquejada acontece muitas coisas, pronto, as vezes as meninas não tem cavalo e pedem emprestado ... eu mesma empresto, sem problemas os caras também emprestam mais, as vezes, é com interesse nas meninas, sabe? Entende? ... Enfim ... mais já vi muita vaqueira, aqui, veterana mandar dar cavalos arrisco para meninas iniciantes, que não são vaqueiras de verdade, só para ver elas se machucarem, não acho isso legal (N.S.)⁶⁷

Nessa transição entre inserção e aceitação das mulheres na vaquejada, podemos observar que uma determinada veterana, que pode ser representante de outras que possam ter o mesmo comportamento, demonstra tensões entre as vaqueiras, criando um ambiente de rivalidade que dificulta a formação de vínculos de amizade. Essa dinâmica acaba sendo prejudicial para o coletivo dentro da categoria feminina, gerando um cenário de competição desnecessária e inimizade. No entanto, há também vaqueiras que, segundo nossa colaboradora, adotam uma postura mais acolhedora demonstrando um espírito de solidariedade, compartilhando seus conhecimentos, encorajam as novatas a se envolverem e buscam ativamente estimular a participação e o desenvolvimento da vaquejada feminina. Essa abordagem positiva não só fortalece a presença das mulheres nesse meio, mas também contribui para a criação de uma comunidade mais engajada, onde todas têm a oportunidade de crescer e se destacar.

⁶⁶ Gravação de Niely Sousa concedida no dia 27/03/2024. Local: No Parque de Vaquejada Vila Cowtry em Sumé-PB.

⁶⁷ Gravação de Niely Sousa concedida no dia 07/09/2024. Local: No Parque de Vaquejada Bezerra Marinho em Riachão de Bacamarte-PB.

Como mencionado, algumas mulheres precisam, ainda, enfrentar a objetificação de seus corpos, sendo submetidas à sexualização. Alguns homens emprestam seus animais de montaria para que as vaqueiras possam se apresentarem na arena e vejam tal feito como uma oportunidade de criar laços de intimidade, buscando trocar favores ou benefícios por meio da exploração da sexualidade das mulheres envolvidas. Essa violação e objetificação sexual dos corpos das mulheres muitas vezes resultava em desmotivação ou até mesmo desistência por parte delas.

Ainda neste, observamos que ser “vaqueira de verdade” é como podemos medir a relação das mulheres dentro da vaquejada, assim, como elas são vistas. A participação nesses eventos é avaliada não apenas pelo desempenho das vaqueiras na pista, mas também, pela análise de seu comportamento. O termo “ser vaqueira” vai além de uma ocupação, seja por profissão ou como hobby, tudo, notamos, envolve também uma dimensão mais ampla: ser vaqueira e mulher, dentro desses espaços públicos, especialmente em relação à forma como estão vestidas, destacamos a fala de nossa colaboradora: “Você viu a roupa que estava vestida? ... Digo precisa ser mais vaqueira, até para não se machucar muito quando cair e tem que mostrar respeito ... (N.F.)

Vestir-se pode parecer uma ação simples do nosso dia a dia, mas, por outro lado, revela-se como um mecanismo regido por “determinações sociais específicas” (Soares, 2011, p. 13). Dentro do campo, as vaqueiras também evidenciam importância ao modo como devem estar vestidas para serem minimamente respeitadas (calça comprida, blusas que protejam minimamente seus corpos – abdômen e peitoral -, botas, luvas específicas para as derrubadas), isso devido ao fato de ser um ambiente predominantemente masculino. As vaqueiras que usam roupas que expõem seu corpo, além do perigo de ferimentos em caso de acidentes, estão sujeitas a uma maior propensão ao desrespeito em relação às mulheres, devido à sexualização de seus corpos, bem como a julgamentos sobre suas atitudes e intenções, tanto por parte dos homens quanto de outras mulheres.

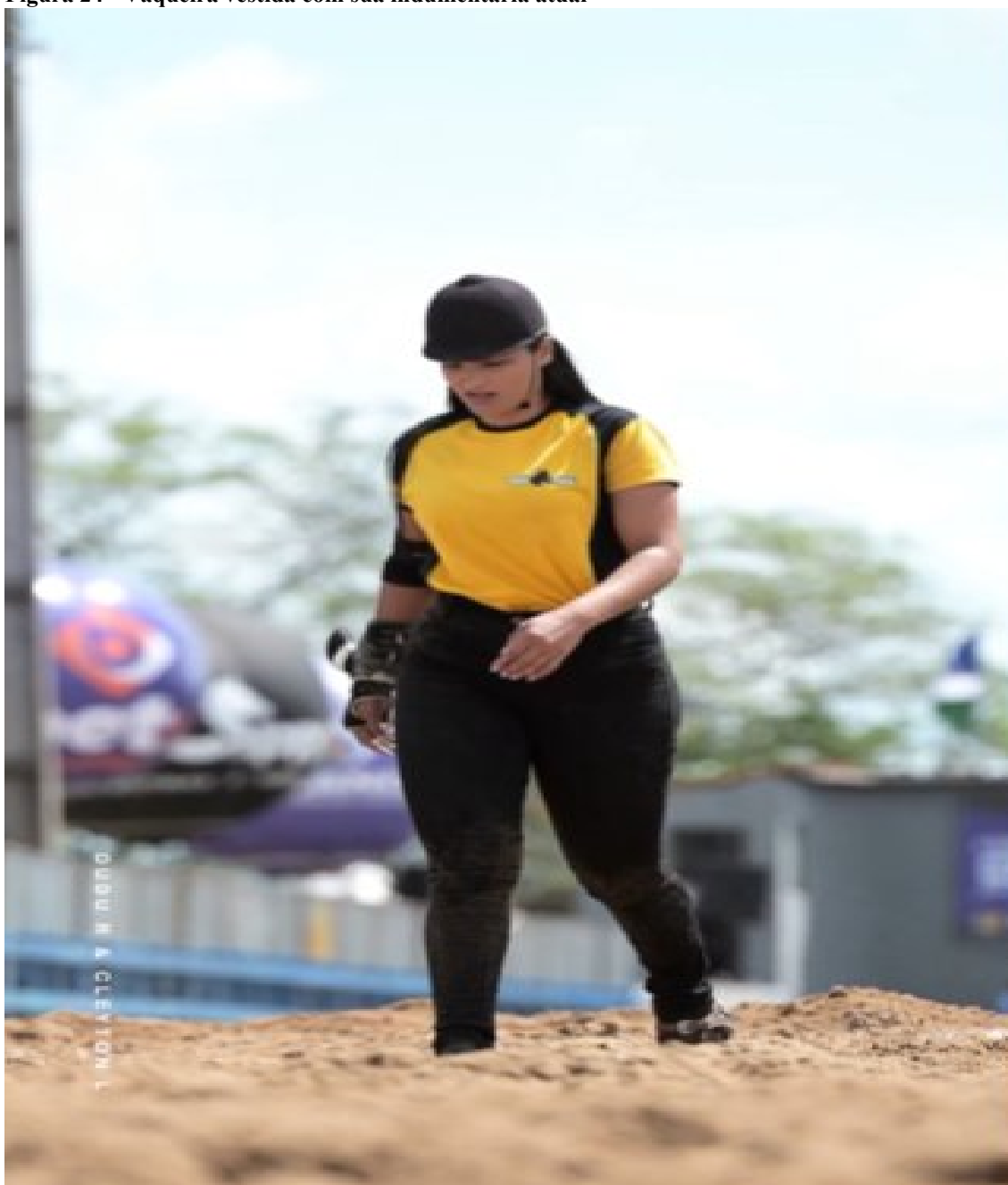
Esses acontecimentos evidenciam como as roupas corporais podem servir como instrumentos para manter a ordem social, ao mesmo tempo em que também podem ser usadas como meios de desafiar os limites simbólicos impostos ao corpo. Dessa forma, elas ditam ou sugerem como os indivíduos e grupos se identificam ou são percebidos em contextos temporais e espaciais diversos, e como negociam as posições que ocupam, desejam ocupar ou são impedidos de ocupar dentro de suas comunidades. (Soares, 2011).

Vemos, aqui, pouco de exagero quanto aos trajes femininos “aceitáveis”, porém, há várias mulheres que entram no universo das vaquejadas, sem um real interesse em se dedicar

e fortalecer a comunidade feminina, o que prejudica o grupo devido a suas atitudes ou comportamentos. No entanto, a moralidade feminina não está nas roupas usadas por elas, concordamos quanto a cobrir seu corpo como uma forma de proteção. Nessa ótica, as vestimentas podem estar associadas à noção de tradições, uma vez que o que é utilizado "para cobrir o corpo, para adorná-lo ou para protegê-lo" pode revelar os costumes e, conseqüentemente, como são moldadas a vida e as interações humanas em uma determinada sociedade ou grupo específico.

Isso demonstrando um retrocesso social ao estimulando essa ideia de vaquejada feminina x roupas/moralidade. Porque, assim, vai perpetuar-se na sociedade uma narrativa em que se espera que os homens ocupem mais uma vez, papéis de dominação, enquanto as mulheres serão relegadas ao papel de submissão. Além disso, a educação dos corpos desempenha um papel essencial nesse processo, determinando como se deve vestir, comportar e agir para se adequar a esse ideal patriarcal. (Bourdieu, 2012).

Figura 24 - Vaqueira vestida com sua indumentária atual



Disponível em: https://www.instagram.com/niellynha_sousa/ Acesso: 10/07/2024

Vemos o visual de uma mulher vaqueira vestida com calça jeans, camiseta de vaquejada, capacete e luvas, e somos imediatamente levados a reconhecer o simbolismo presente em sua indumentária, que reflete tanto tradição quanto modernidade. A calça jeans, uma escolha prática e resistente, alude à vida no campo, enquanto a camiseta de vaquejada traz as cores e os emblemas que conectam a vaqueira à sua equipe pertencente ou ao evento que participa, reafirmando seu pertencimento a essa cultura única. O capacete, peça essencial

de segurança destaca a preocupação com a proteção pessoal e simboliza a profissionalização crescente da vaquejada, em que o cuidado com o bem-estar físico se tornou tão fundamental quanto a destreza nas pistas. As luvas, outro elemento de proteção, revelam o respeito pelas exigências do esporte, ao mesmo tempo em que protegem as mãos das adversidades do manejo do boi. A combinação desses itens, unidos em um visual contemporâneo, apresenta a vaqueira moderna como uma figura de força e determinação, que equilibra a tradição do campo com as exigências da prática esportiva atual, mostrando que a vaquejada evoluiu sem perder suas raízes.

Apesar do comparativo que apresentamos entre as mulheres vaqueiras com o homens vaqueiros, grosso modo, ao longo de nossas vaquejadas frequentadas em campo, notamos um não retrocesso. As arquibancadas ficam lotadas, vibrando na hora das senhas femininas vão participar do evento, algumas delas até se sentem como verdadeiras subcelebridades, como já mencionamos, pois o público fotografa, grita, se emociona e as acompanha nos corredores nas redes sociais fazem comparações entre elas, com uma certa autoridade, mostrando que as conhecem vias digitais. O aumento significativo do número de mulheres competindo nos últimos anos tem contribuído para a redução do preconceito, tornando sua presença cada vez mais comum no ambiente vaqueirama.

Após destacar a diversidade das narrativas de vida de mulheres paraibanas no contexto das vaquejadas, através da oralidade, apresentamos nossas colaboradoras e seus diferentes contextos, organizando-as em quatro categorias para melhor evidenciar suas experiências individuais e coletivas. Evidenciamos a jornada das mulheres nesse ambiente, destacando sua transição do espaço privado para o público, os processos de aprendizagem, a competitividade inerente ao esporte e a relação com bovinos e equinos, incluindo questões sobre maus-tratos. Também discutimos aspectos como inscrições, desempenho nas pistas, premiações, pontuações e o uso de equipamentos obrigatórios. Além disso, analisamos o papel da mídia na divulgação das vaquejadas e das vaqueiras, assim como os desafios enfrentados diante do preconceito de gênero. Por fim, iremos aplicar nossa pesquisa-ação na criação de um flyer colaborativo, como mecanismo de construção histórica artesanal (Silva, 2023), elaborado junto às vaqueiras participantes, como parte prática do estudo.

3.4. O Flyer – Pé no estribo, voz na história: a vaquejada também é feminina

Durante conversas informais com as vaqueiras nas vaquejadas que frequentamos, surgiu uma reflexão: será que existe algum meio de comunicação dentro desse ambiente que

realmente representasse a realidade feminina na vaquejada, sem reduzir as mulheres a meros apelos estéticos ou à valorização da beleza? Foi quando questionamos se seria relevante criar um meio informativo que destacasse a história da vaquejada feminina, seus desafios e conquistas, ao percebermos que havia uma lacuna nessa real representação. A partir dessas trocas de conversas, surgiu a ideia de produzirmos um flyer informativo que tentasse mostrar a verdadeira participação da mulher na vaquejada, abordando desde o processo de sua inserção até os enfrentamentos atuais. Esse material buscaria mostrar como foi desafiador romper a barreira do espaço privado, historicamente atribuído às mulheres, para ocupar o espaço público das competições de vaquejada, enfrentando preconceitos e conquistando o espaço de derrubar boi nas pistas de vaquejada. Assim, o flyer se tornaria uma ferramenta de valorização e visibilidade, retratando a realidade atual dessas mulheres que seguem firmes, enfrentando desafios e mantendo viva a tradição nordestina.

A partir dessas reflexões e conversas com as vaqueiras, nós, enquanto pesquisadoras, decidimos elaborar um rascunho de flyer informativo que representasse de forma autêntica a vivência feminina no universo da vaquejada. Para isso, reunimos as próprias falas dessas mulheres, tentando captar frases de impacto e expressões marcantes que elas compartilharam durante as competições e nos momentos de diálogo. Na frente do flyer, buscamos destacar a força da cultura nordestina, com foco especial na figura da mulher paraibana vaqueira. No verso, contando brevemente como elas se faziam presente nesse ambiente desde o início, nas festas de apartação, organizamos as frases de impacto ditas por elas, assim, tentando tornar o flyer, um instrumento de valorização dessas mulheres, transmitindo não apenas informações históricas, mas também a emoção e a verdade de quem vive a vaquejada diariamente.

No contexto do programa de Mestrado em História Pública da Unespar, observamos que algumas pesquisas optam por desenvolver produtos: entrevistas, podcasts, exposições, documentários, entre outros, como parte de suas dissertações. Esses produtos servem como ferramentas para ampliar o alcance e a relevância do trabalho acadêmico, conectando o público em geral com temas históricos de forma acessível e interativa. Essa abordagem permite que o conhecimento produzido na universidade ultrapasse os muros acadêmicos, alcançando comunidades. No nosso caso, cabe ressaltar da nossa metodologia o fato de termos até o momento desenvolvido atividade junto com as vaqueiras durante e pós vaquejada, ao acompanharmos as atividades associadas à participação dessas mulheres em seus eventos e depois aperfeiçoando a produção através do WhatsApp. Assim, como forma de divulgação pesquisa ação, e mais do que isto, de produção propositiva e dialogal dos resultados da nossa pesquisa propomos neste a elaboração e apresentação de material de

divulgação em forma de flyer, composto digitalmente e poderá ser impresso para novos trabalhos de prospecção e novos eventos nas vaquejadas.

Ele enfatiza isso ao utilizar a metáfora da árvore de Cauvin (2020), descrevendo esse “campo novo de práticas velhas”, como ele próprio menciona, enquanto um reflexo apropriado de seu tempo. Essa metáfora também ilustra a maneira como os profissionais da História se relacionam com seus trabalhos e os articulam para públicos diversos, muitas vezes desvinculados da História acadêmica tradicional, notadamente, de forma colaborativa. Assim, diante de nossa proposta, podemos incorporar as reflexões de Thomas Cauvin (2020) sobre as práticas e desafios da História Pública, especialmente no que se refere à profissionalização do historiador e ao tratamento historiográfico das fontes e metodologias. Essa metáfora é relevante porque evidencia a maneira como os historiadores estruturam seus trabalhos com acadêmico, mas com a flexibilidade necessária para alcançar diferentes públicos.

Dessa forma, reafirmamos as noções apresentadas por Cauvin (2020) ao definir a História Pública como “um campo de estudo e um método para reunir, preservar e interpretar as vozes e memórias de pessoas, comunidades e daqueles que participaram de eventos passados” (p. 12). Em nosso trabalho, essa perspectiva se manifesta no envolvimento direto com as vaqueiras, permitindo que suas experiências e trajetórias sejam reconhecidas como parte essencial da história da vaquejada. Ao conectar o passado aos públicos atuais, promovemos um diálogo contínuo entre tradição e transformação, ampliando o alcance dessas narrativas e incentivando o compartilhamento de memórias que, muitas vezes, foram marginalizadas nos registros históricos tradicionais. E com o recurso escolhido, um flyer, buscamos, contribuir com a ressignificação do espaço da vaquejada feminina dentro da cultura nordestina.

De antemão, Thomas Cauvin nos relembra que essa história pública não é só interpretação, ela nos ajuda a criar, popularizar e polarizar, quando pontua que:

A história pública vai além de uma mera interpretação de fontes primárias. Ajuda a criar, registrar, gerenciar e preservar fontes. Entre outras coisas, a história pública inclui o arquivamento, a gestão de coleções em museus e outros repositórios, a preservação de enclaves (locais) e edifícios historicamente importantes e a digitalização de fontes. A criação, gestão e conservação de fontes tem objetivos públicos que exigem conhecimento histórico, questionando se a fonte é confiável, se é relevante para compreendermos o passado. As interpretações históricas seriam impossíveis se as fontes primárias não fossem criadas e preservadas – na sua definição ampla que inclui também edifícios, enclaves (sítios), objetos, arquivos de origem digital como e-mails e entrevistas. Existe uma interligação entre as raízes e o tronco. (Cauvin, 2020, p.21).

Portanto, ao entender que nossas fontes são narrativas vivas, que possuem posicionamentos diversos em relação à interpretação do passado, não esperamos que elas construam, por si mesmas, a História da vaquejada. No entanto, ao serem analisadas de forma crítica e contextualizadas dentro de um panorama mais amplo, suas narrativas orais tornam-se elementos fundamentais para instigar um debate sobre a presença feminina na vaquejada paraibana. Dessa maneira, preservamos seus relatos, os compartilhamentos e possibilitamos que essas memórias ganhassem espaço na construção da interpretação de um passado mais inclusivo e representativo. Na referida metáfora, o tronco, lugar do método, está conectado com as fontes, leia-se, raízes; com galhos, neste caso canis de comunicação como redes sociais; e por fim, com seus usos diferenciados, caso das folhas da árvore, mais especificamente, nossos galhos seriam tanto redes sociais utilizadas pelo público da vaquejada, quanto nosso flyer, e esperamos que em momento futuro, possamos avaliar se usos.

Ao assumir o papel de historiadores, vinculamo-nos tanto às percepções da historiografia quanto ao profissionalismo da profissão. Nosso trabalho é uma investigação e uma forma de elaborar e produzir produtos históricos que tornem essas narrativas acessíveis e instigantes para um público diverso (Silva, 2023). Dessa forma, contribuímos para um diálogo histórico mais amplo, dando visibilidade que, muitas vezes, permanece à margem das narrativas tradicionais. Essas duas concepções dialogam com as reflexões de Marta Rovai (2018), que defende a necessidade de publicizar sem simplificar. Segundo a autora, a publicização não implica o abandono do rigor acadêmico ou do conhecimento teórico e metodológico da História. Nesse contexto, a pergunta levantada por Jill Liddington (2016) continua a nos provocar: somos todos historiadores públicos? E, se sim, como isso se manifesta na prática histórica?

A resposta a esse questionamento pode ser compreendida dentro da perspectiva de Ricardo Santhiago (2016), que propõe uma “história com o público”, enfatizando uma abordagem participativa e colaborativa. Essa concepção nos leva a refletir sobre os caminhos pelos quais indivíduos e comunidades podem contribuir para a construção do pensamento histórico por meio de suas próprias narrativas e experiências. No entanto, é essencial destacar que, embora essas pessoas vivam e façam história em seu cotidiano, a produção historiográfica permanece como uma atribuição fundamental dos historiadores de profissão. Somos nós que, a partir da análise crítica, do rigor metodológico e do embasamento teórico, organizamos, interpretamos e contextualizamos essas vozes dentro de um discurso histórico

mais amplo, garantindo que suas histórias sejam registradas e compreendidas dentro de processos sociais, políticos e culturais mais amplos.

No que diz respeito à história pública reflexiva, Liddington (2016) lembra que existem outras facetas dessa prática, não necessariamente vinculadas à questão da profissionalização. O maior desafio reside em compreender o processo de interação com o público. Por público, referimo-nos às populações marginalizadas, que possuem suas próprias histórias e precisam compartilhá-las com o mundo de forma que sejam valorizadas e não esquecidas. Essa perspectiva está atrelada às noções da “história vista de baixo” e às práticas de Samuel Raphael na Inglaterra (1980), durante os primeiros anos da história pública naquele país.

Esse entendimento se conecta diretamente a nossa pesquisa, sobretudo ao considerarmos as experiências das mulheres vaqueiras entrevistadas, que enfrentam desafios constantes dentro e fora das pistas. Muitas vezes, elas são menosprezadas, invisibilizadas, reduzidas a estereótipos ou hipersexualizadas, sendo vistas apenas como representantes de um “sexo frágil”, em um espaço historicamente dominado por homens. Diante disso, reafirmamos nosso compromisso em amplificar suas vozes e dar visibilidade as suas trajetórias, valorizando suas vivências e lutas, publicizando-as. Nosso material, o flyer, surge como uma ferramenta essencial nesse processo, pois repensa a história da vaquejada pela ótica feminina, mas também reproduz as falas dessas mulheres, possibilitando que suas narrativas de vida cheguem a um público mais amplo. Com isso, buscamos conscientizar tanto os espectadores que não possuem intimidade com essa tradição, quanto os próprios participantes das vaquejadas sobre a importância da equidade de gênero no esporte e na cultura nordestina, promovendo um espaço mais inclusivo e respeitoso para todas as vaqueiras.

Podemos afirmar que esse espaço público, onde se concentra tradição, cultura e esporte nordestino, ressignifica a presença feminina ao dar visibilidade a uma atuação que, no passado, foi frequentemente inferiorizada ou ignorada. A vaquejada, que historicamente se consolidou como um ambiente predominantemente masculino, passa a ser também um palco de protagonismo para as mulheres, rompendo barreiras e reafirmando seu direito de participação. A divulgação dessa história, por meio do flyer, retoma a trajetória feminina nesse universo, como também evidencia as transformações necessárias para que a igualdade de gênero se consolide dentro do esporte. Em um contexto atual que demanda maior reconhecimento e valorização, é imprescindível que se criem mecanismos que garantam às vaqueiras o devido respeito, oportunidades equitativas e condições dignas de atuação. Assim, ao compartilhar suas vivências e desafios, essas mulheres não apenas preservam a memória e a tradição da vaquejada, mas também enfrentam questões estruturais, como a objetificação, a

marginalização e a desvalorização financeira, exigindo um espaço que reconheça plenamente sua importância no cenário da cultura nordestina. Ao mesmo tempo, recodificam e reapropriam a tradição.

É importante destacar que identificamos duas segmentações distintas dentro dessas narrativas de vida. A primeira está associada à “velha guarda”, formada por mulheres que atuaram em um período em que a vaquejada não possuía um segmento profissional estruturado, competia em bolões de vaquejada, e onde a presença feminina era ainda mais marginalizada. A segunda envolve uma geração de mulheres mais jovens, hoje, que disputam de forma profissional, lidando com novas oportunidades, mas também com desafios que persistem. Com base nessa diversidade de experiências, idealizamos o flyer abaixo em colaboração direta com elas, assegurando que os títulos, as narrativas e até mesmo a escolha das imagens, fontes e conteúdo textual refletissem suas realidades e perspectivas. Esse processo de construção coletiva reforça a essência da história participativa, na qual as próprias protagonistas contribuem ativamente.

Para ilustração do material de divulgação, o flyer, em um dos seus lados, apresentará elementos da participação de mulheres na vaquejada, como forma de chamamento aos públicos interessados no tema; no verso do folheto são apresentados, didaticamente, elementos por nós problematizados da vaquejada, que explorem; a transformação histórica do circuito de vaquejada; eventos históricos relacionados com a prática cotidiana; valorização de vaqueiras; frases ditas por elas durante os eventos e alguns já descritas nessa dissertação; reivindicação por maior paridade entre os gêneros masculino e feminino neste esporte.

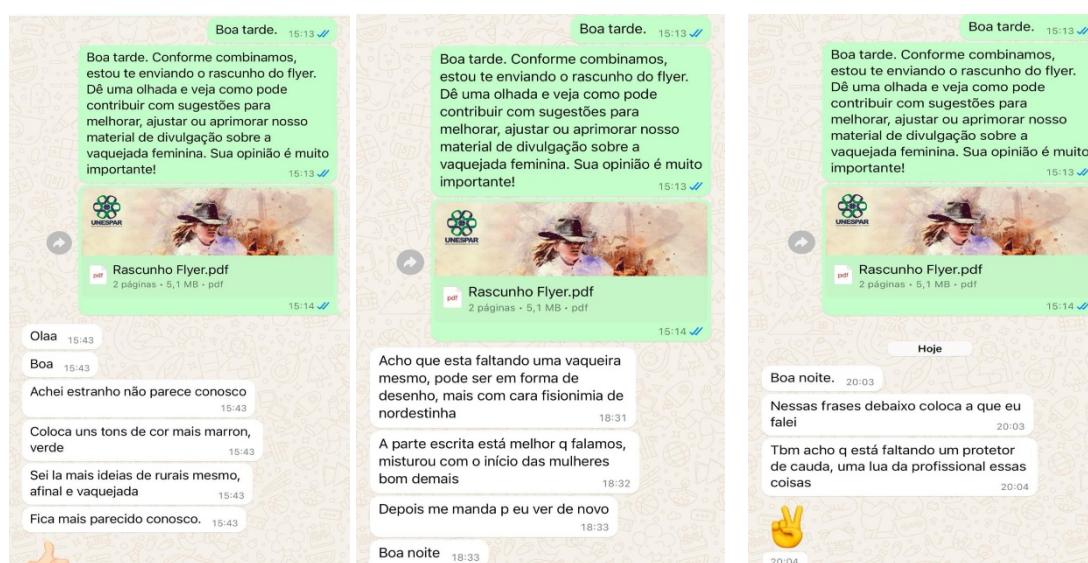
Assim, a escolha por desenvolver um flyer informativo sobre a história da vaquejada sob a perspectiva feminina surge como uma estratégia eficaz de divulgação histórica e cultural. O flyer, por ser um material visual de fácil acesso e ampla circulação, permite apresentar de forma concisa e atrativa a trajetória das mulheres na vaquejada, destacando suas lutas, conquistas e desafios. Nossa escolha se deu devido ser um recurso que facilita a comunicação direta com diversos públicos, capaz de despertar o interesse de diferentes faixas etárias e sociais, promovendo a valorização da presença feminina na cultura nordestina e ampliando o debate sobre questões de gênero no esporte.

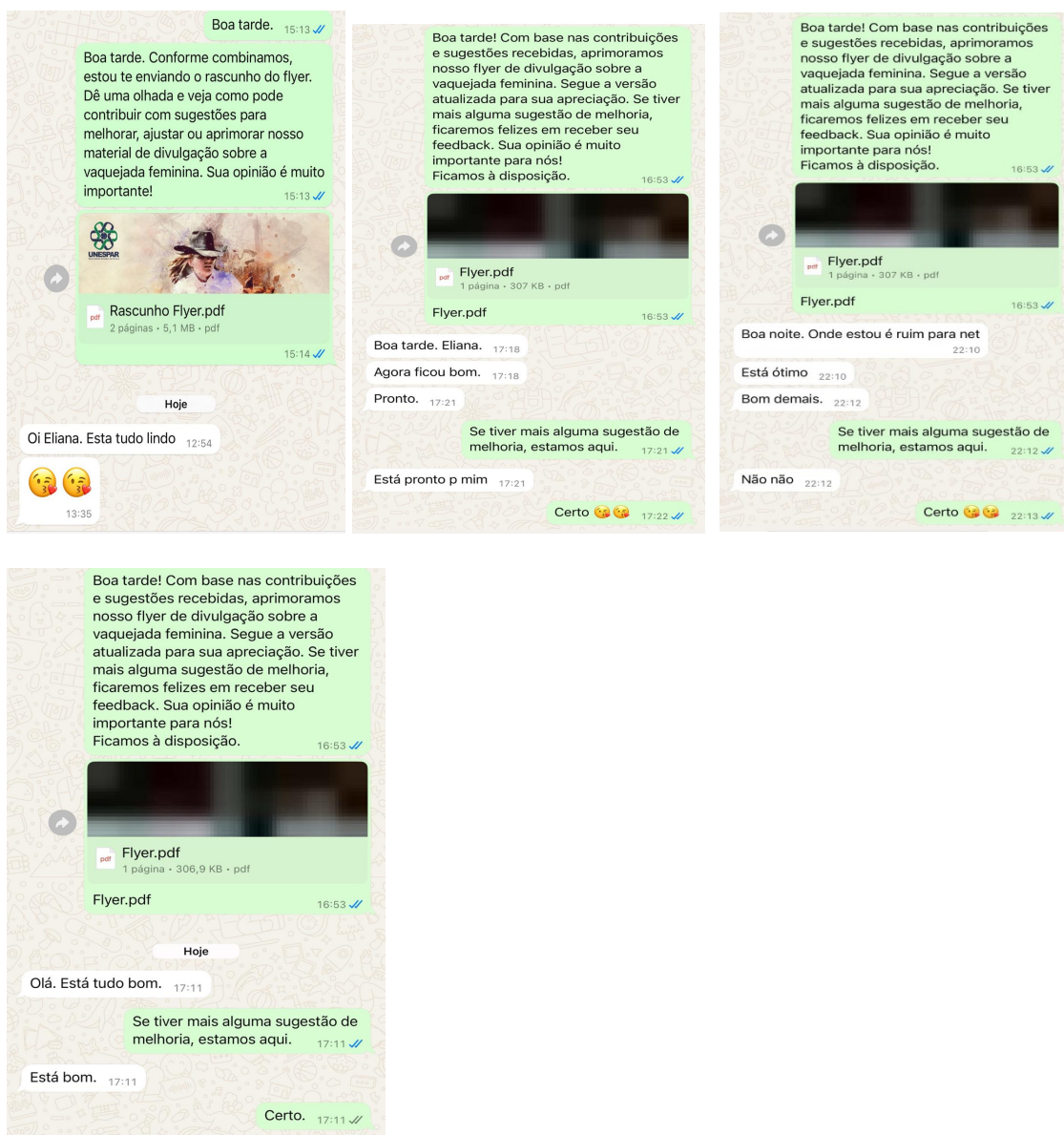
Inicialmente, ao observarmos o ambiente das vaquejadas, percebemos que os materiais de propagandas destas, voltados para a venda de rações, equipamentos ou qualquer outro produto relacionado ao evento, raramente retratam a realidade feminina nesse universo. A presença da mulher na vaquejada é frequentemente reduzida a um apelo estético, onde o foco está no físico das vaqueiras, na beleza feminina, sem qualquer aprofundamento sobre suas

trajetórias, desafios ou conquistas dentro do esporte. Essa representação vimos que é superficial pois desconsidera o papel ativo e significativo que das mulheres vaqueiras ao longo dos anos, desde sua luta para conquistar este espaço até suas habilidades técnicas e estratégias nas competições. Faltando, portanto, uma abordagem que valorize mais participação feminina de forma autêntica, destacando como foi ao longo do tempo sua participação, enfrentaram barreiras sociais e contribuíram para a transformação feminina. Essa ausência de representatividade nos mostra uma lacuna e invisibiliza as experiências e histórias reais das vaqueiras paraibanas, tornando evidente a necessidade de materiais de divulgação mais inclusivos, que contemplem a diversidade e a força da mulher na vaquejada.

Portanto, elaboramos o flyer de forma colaborativa, metodologicamente, durante o processo mantivemos uma comunicação pelo WhatsApp, onde enviamos o rascunho inicial e solicitamos a opinião delas sobre o que poderia ser ajustado, mudado ou aprimorado. Esse diálogo foi fundamental para entender, a partir da perspectiva delas, quais elementos deveriam ser destacados para que o material tivesse uma conexão mais autêntica com o universo da vaquejada feminina paraibana. As sugestões apresentadas pelas nossas colaboradoras vaqueiras foram essenciais para moldar o conteúdo visual e textual, garantindo que o flyer representasse sua história, vivências, desafios e conquistas. As suas percepções e indicações contribuíram significativamente para tornar o material mais atrativo e alinhado com a realidade do público-alvo, reforçando a importância da participação ativa dessas mulheres na construção de um instrumento que valorizasse e divulgasse a presença feminina nas vaquejadas.

Figura 25 - Vaqueira vestida com sua indumentária atual





Todas as opiniões e sugestões aprimoradas pelas vaqueiras foram compartilhadas pelo WhatsApp com o mestrando Daniel Ferreira, que, além de suas habilidades na criação visual, colaborou ativamente na produção do flyer. Ele acolheu todas as contribuições e refinou o material para garantir que representasse fielmente o que elas desejavam ver: um registro da história da vaquejada feminina, suas frases marcantes, vivências e perspectivas dentro da cultura vaqueira. O processo foi colaborativo, resultando em um flyer que não apenas informa, mas também valoriza e fortalece a presença feminina no esporte. Assim, concluímos nossa ação com o objetivo de levar ao público um olhar mais autêntico e legítimo das mulheres sobre as vaquejadas paraibanas.



MULHERES QUE FAZEM SUA
HISTÓRIA

A VAQUEJADA TAMBÉM É FEMININA

01.

A vaquejada é uma manifestação cultural e um esporte genuinamente nordestino, surgido no Brasil entre os séculos XVII e XVIII. Sua origem remonta às festas de apartação, ocasiões em que os vaqueiros se reuniam para separar as boiadas, em um trabalho essencial para a vida no campo.



02.

Apesar de inicialmente as mulheres participarem apenas como público, sua presença sempre foi marcante, como público, representando a força e a resistência feminina nesse cenário predominantemente masculino. Hoje, a vaquejada é um esporte que vem se ressignificando ao longo dos anos, incorporando novas práticas e modernizações.



03.

Na década de 1990, em meio à terceira onda do feminismo no Brasil, a inserção feminina nas vaquejadas como competidoras marcou um importante avanço. As mulheres começaram a conquistar espaço em um ambiente historicamente dominado por homens, trazendo novas perspectivas ao esporte. As festas de vaquejada, além de celebrarem a tradição cultural, passaram a ser também um grande atrativo de lazer, impulsionando a economia local e ganhando destaque na mídia nacional.



MULHERES QUE FAZEM HISTÓRIA - DEPOIMENTOS E NARRATIVAS DELAS

Somos todas as mulheres: mães, filhas, esposas. Somos vaqueiras, resistentes, inspiração. Somos todas vencedoras.

Uma mulher é capaz de tudo. Oh! Boi lá!

Competimos entre nós, sim, e que a melhor vença o prêmio da vaquejada.

Qual mulher vaqueira nunca ouviu um "zero" e perdeu o boi?

Parece que, para as mulheres, as dificuldades para correr boi são dobradas.

Queremos e merecemos as mesmas premiações que os vaqueiros.

Não é sorte, é técnica derrubar o boi na faixa.

Queremos e merecemos mais respeito, menos preconceito com as mulheres vaqueiras.

A mídia é minha aliada. Mostro meu dia a dia no meio rural, me preparando para as vaquejadas.



Após a finalização do flyer, elaboramos quatro perguntas-chave (anexadas ao final deste trabalho) com o objetivo de compreender a receptividade do material por parte das vaqueiras colaboradoras. Essas perguntas buscaram explorar como elas perceberam o conteúdo e o impacto do flyer, avaliar se a mensagem transmitida estaria alinhada com a realidade da vaquejada feminina. Também questionamos de que forma elas acreditavam que o flyer poderia alcançar e sensibilizar o público das vaquejadas, tentando estimular reflexões sobre a participação das mulheres nesse espaço. Esse momento foi fundamental para promover uma discussão aberta, permitindo que as vaqueiras compartilhassem suas percepções sobre a representatividade do material e sugerissem possíveis ajustes para fortalecer a comunicação com o público. Esse retorno foi essencial para validar a eficácia do flyer como ferramenta de valorização e visibilidade da mulher na vaquejada, garantindo que ele cumprisse seu propósito de informar, engajar e provocar reflexões sobre a luta feminina nesse universo.

1. Você acredita que os meios de comunicação retratam de forma limitada a vivência real das mulheres nas vaquejadas? Cite exemplos.
2. Na sua opinião, um flyer informativo pode ser uma ferramenta eficaz para divulgar a verdadeira realidade das mulheres nas vaquejadas atualmente? Cite exemplos.
3. Você considera que o flyer que elaboramos contribuiu de alguma forma para representar melhor a presença e a importância das mulheres na vaquejada? Cite exemplos.
4. Como você imagina o futuro da participação feminina nas vaquejadas? Quais avanços ou mudanças espera ver?

	Vaqueira Veterana	Lucimara Sampaio	Nielly Sousa	Lara Fereira
Você acredita que os meios de comunicação retratam de forma limitada a vivência real das mulheres nas vaquejadas? Cite exemplos.	Claro. Nunca mostrou como é na realidade.	Sim. Mostra muito pouco a realidade, apenas as principais imagens na hora da corrida, banhando cavalo etc.	Sim. Uma realidade bem distante de como é nosso dia-a-dia.	Sim. Trazem na maioria das vezes a presença feminina como espectadoras
Na sua opinião, um flyer informativo pode ser uma ferramenta eficaz para divulgar a verdadeira realidade das mulheres nas vaquejadas atualmente? Cite exemplos	Acho que sim.	Seria bom. Para falar mais sobre nosso dia a dia, não só as principais imagens.	Claro. Tudo que tente mostrar quem somos nós é bem -vindo	Sim.
Você considera que o flyer que elaboramos	Sim.	Acho que sim. Ajuda a entender melhor, a	Sim. Tentamos mostrar uma visão	Sim. Mostrou a verdade sobre

contribuiu de alguma forma para representar melhor a presença e a importância das mulheres na vaquejada? Cite exemplos		parte das falas ficou muito bom	mais de perto de como é a vaquejada para as mulheres vaqueiras.	mulheres presentes no esporte. Um exemplo foi a história que estou sendo citada. (refere-se a nossa dissertação)
Como você imagina o futuro da participação feminina nas vaquejadas? Quais avanços ou mudanças espera ver?	Quero ver mais mulheres participando, mais prêmios e as pessoas entendendo que a vaquejada é também para mulheres.	Mais mulheres participando e melhores condições nos ambientes de vaquejada.	Imagino mais mulheres participando nos eventos	Imagino o futuro com mais participação e valorização da categoria feminina na vaquejada, mostrando que independente das adversidades podemos conquistar o que almejamos

Sobre a primeira indagação, sua interpretação nos revelou uma crítica unânime quanto à forma limitada com que os meios de comunicação retratam a presença feminina nas vaquejadas. Todas elas concordam que há um grande espaço entre a realidade vivida no dia a dia e a imagem projetada pela mídia. Assim, V.V. afirma que a mídia "nunca mostrou como é na realidade", o que para nós evidencia uma ausência histórica de uma verdadeira representatividade. E L.S. complementa essa crítica ao dizer que os meios mostram "muito pouco da realidade", destacando apenas momentos isolados, como as corridas ou o banho dos cavalos, recortes que não traduzem o esforço contínuo, os treinos, os desafios enfrentados pelas mulheres vaqueiras diariamente nas vaquejadas. Já N.S. reforça a mesma percepção ao afirmar que o divulgado é "uma realidade bem distante" da vivida por elas, nos sugerindo que há uma romantização ou simplificação da rotina na vaquejada. Já L.F. observa que a presença feminina costuma ser retratada mais como a de espectadoras, invisibilizando aquelas que competem, treinam e fazem parte ativa do evento. Essas falas revelam um determinado apagamento das mulheres nas vaquejadas e uma carência de narrativas que contemplem suas lutas, conquistas e cotidiano real.

A respeito da proposta do flyer informativo, notamos aceitação e valorização da proposta de o utilizar como um instrumento para divulgar a realidade das mulheres nas vaquejadas. Todas se posicionaram de forma positiva quanto à eficácia dessa ferramenta, reconhecendo-a como um meio acessível e direto de comunicar suas vivências, desafios e protagonismo. É o caso de V.V. com um simples "acho que sim", aponta para a abertura à iniciativa, reconhecendo seu potencial mesmo de forma sucinta. L.S. aprofunda ao dizer que "seria bom" mostrar cotidiano das vaqueiras e não apenas os momentos de destaque como as corridas, reforçando que a ideia do flyer pode oferecer um olhar mais completo sobre a rotina

feminina na vaquejada. N.S. destaca que “tudo que tente mostrar quem somos nós, é bem-vindo”, evidenciando a importância de representações mais fiéis da mulher vaqueira. Já L.F. reafirma a eficácia da ferramenta informativa com um “sim” direto, indicando seu apoio à iniciativa. Essas respostas reforçam que o flyer, além de ser uma mídia de fácil circulação e grande alcance, possui um caráter educativo, sendo capaz de provocar reflexões, sendo assim, ele se torna uma estratégia importante de visibilidade, memória e afirmação da identidade das mulheres vaqueiras.

Portanto, o material impresso, supracitado amplamente, elaborado durante nossa pesquisa foi reconhecido por elas como uma ferramenta legítima e significativa na representação da presença e importância das mulheres na vaquejada. Todas as colaboradoras responderam afirmativamente, reforçando que o material contribuiu para dar visibilidade e autenticidade às suas trajetórias dentro do espaço das vaquejadas. V.V. afirmou de forma direta que “sim”, reconhecendo o valor do flyer sem ressalvas, L.S. destacou que o material ajuda a entender melhor a vivência das mulheres na vaquejada, destacando que “a parte das falas ficou muito boa”, o que demonstra que o uso da oralidade e das vozes femininas no conteúdo textual do flyer, N.F. ressaltou que a proposta buscou mostrar uma “visão mais de perto” da realidade feminina nas arenas, valorizando o olhar de dentro, o cotidiano, e não apenas o espetáculo vaqueirama. L.F. afirmou que o flyer “mostrou a verdade sobre mulheres presentes no esporte”, e ainda mencionou como exemplo o fato de sua própria história estar sendo citada nesta dissertação, evidenciando o impacto pessoal e coletivo da iniciativa. Essas falas revelam que o flyer não foi apenas um produto visual, mas um instrumento de reconhecimento, memória e afirmação, capaz de promover uma história mais pública.

Sobre o futuro da participação feminina nas vaquejadas, nos foi revelado uma visão otimista e determinada, marcada pelo desejo de inclusão, reconhecimento e igualdade. Todas manifestam a esperança de que cada vez mais mulheres ocupem esse espaço, não apenas como espectadoras, mas como protagonistas na pista. V.V. expressa o desejo de ver “mais mulheres participando, mais prêmios e as pessoas entendendo que a vaquejada é também para mulheres”, evidenciando que ainda existe uma lacuna a ser preenchida. L.S. complementa esse pensamento ao reforçar a importância de “melhores condições nos ambientes de vaquejada”, apontando para a necessidade de estruturas mais adequadas e acolhedoras para a presença feminina. N.S. também projeta um cenário com “mais mulheres participando dos eventos”, o que mostra uma expectativa de crescimento em quantidade e visibilidade e L.F. vai além, ao imaginar um futuro de “mais participação e valorização da categoria feminina na vaquejada”, e ressalta que, mesmo diante das adversidades, as mulheres têm capacidade de

conquistar seus objetivos. Suas respostas demonstram que, embora já tenham avançado, elas continuam lutando por respeito e equidade dentro de um universo que, aos poucos, começa a reconhecer o valor e a força das vaqueiras. O que se vislumbra, ainda, é um caminho de persistência, no qual o sonho compartilhado por essas mulheres é o de transformar a vaquejada em um território mais justo para as próximas gerações de vaqueiras.

Ao elaborar o flyer com as vaqueiras, criamos um material informativo em uma construção conjunta de sentidos, onde cada colaboradora pôde expressar sua visão, vivência e identidade dentro da vaquejada. Através de conversas no WhatsApp, trocamos ideias, recebemos sugestões, escutamos críticas e, acima de tudo, valorizamos a escuta sensível e o respeito às vozes dessas mulheres que vivem o que é ser vaqueira na Paraíba. Cada ajuste feito, refeito, seja em uma frase, em uma cor ou na escolha das imagens foi pensado para refletir a realidade delas. O resultado, na visão das colaboradoras, foi de um flyer esteticamente bonito e bem-feito, um registro representativo de suas histórias, suas lutas e conquistas, reafirmando a potência da história pública quando feita com quem vive os acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender a ressignificação das festas de vaquejada na Paraíba, a partir das experiências de quatro vaqueiras que enfrentam os desafios sociais e culturais desse universo. Além disso, o estudo analisou a história pública na construção do objeto de pesquisa, destacando a escuta sensível, a participação ativa das vaqueiras e a produção colaborativa do conhecimento, por meio das metodologias da História Oral e da pesquisa-ação. Consideramos que nosso objetivo foi alcançado, pois conseguimos evidenciar de forma clara e sensível como as vaqueiras paraibanas participam ativamente das competições, enfrentam desigualdades históricas, rompem estigmas de gênero e constroem novas formas de pertencimento dentro do universo da vaquejada. Através de suas falas, experiências e contribuições, foi possível dar visibilidade a suas trajetórias e mostrar como elas vêm ressignificando seus papéis nesse espaço tradicionalmente masculinizado, fortalecendo no cenário das vaquejadas.

No nosso primeiro capítulo evidenciamos que a presença feminina na vaquejada existe desde as festas de apartação até a vaquejada contemporânea. Discutimos com êxito as ressignificações desse universo ao longo dos anos, destacando a inserção das mulheres como competidoras na década de 1990, o que marcou uma ruptura com os padrões de gênero até então predominantes. Abordamos também a importância de uma associação feminina que, mesmo não tendo acompanhado o ritmo da vaquejada profissional, teve seu papel reconhecido no final do século XX. Apresentamos as personagens atuais das vaquejadas contemporâneas, diferenciando os vaqueiros de fazenda dos vaqueiros de vaquejada, e analisamos como a popularização desse tipo de evento transformou sua estrutura, com a criação de modernos parques voltados, também, ao comércio, sem abandonar a essência nordestina. Além disso, nosso estudo trouxe cartazes de eventos realizados no Parque Maria da Luz em Campina Grande (PB), algo que foi essencial para identificar e compreender a participação feminina nesse cenário. Ressaltamos ainda a dificuldade inicial da pesquisa devido à predominância de registros voltados aos vaqueiros, o que nos levou a utilizar fragmentos da literatura para construir essa parte da pesquisa. A análise da festa da vaquejada, sua logística e impacto econômico também foram fundamentais para traçar um panorama completo da realidade atual desses eventos.

No segundo momento exploramos a diversidade das narrativas de vida no contexto das vaquejadas, destacamos as vozes femininas das mulheres paraibanas por meio da oralidade e

da pesquisa-ação, apresentamos nossas colaboradoras em seus diferentes contextos de vida, depois traçando seus perfis e organizando suas falas a partir da análise de conteúdo. Esse capítulo, em particular, abordou as jornadas pessoais e coletivas dessas mulheres, destacando suas trajetórias de inserção no universo da vaquejada, os desafios enfrentados para sair do espaço privado e conquista de seu lugar no ambiente público e competitivo desse esporte. Conseguimos e exploramos os processos de aprendizagem, a relação com os animais, inclusive refletindo os maus-tratos com estes, além de aspectos técnicos como inscrições, premiações, pontuação e uso de equipamentos obrigatórios.

O papel da mídia, apresentado no segundo capítulo, foi entendido por nós como de suma importância. A elaboração do flyer — fruto de um processo colaborativo com as participantes — reafirmou nosso compromisso com a história pública, demonstrando que fazer história com o público é possível e necessário. Ao colocarmos as vaqueiras no centro da narrativa, conseguimos visibilizar dimensões do cotidiano e a simbologia dessas mulheres, frequentemente apagadas dos registros tradicionais. Como resposta ao nosso flyer, as participantes se sentiram representadas e valorizadas, reforçando o potencial desse tipo de material para ampliar o debate sobre gênero, cultura e esporte no Nordeste. Esta parte da escrita foi especialmente significativa, pois foi vivida de perto com elas nas vaquejadas, sendo, o um momento emocionante e gratificante para todo o processo de pesquisa.

Além disso, esta pesquisa chama a atenção para a necessidade de aprofundar os estudos sobre a presença feminina nas vaquejadas e sobre os novos formatos da vaquejada que vêm surgindo. Desde o final do ano de 2023, por exemplo, destaca-se o X1 de Vaquejada, uma modalidade recente, ainda não explorada academicamente, mas que vem ganhando força e protagonismo entre mulheres competidoras. Esse campo inédito representa uma oportunidade de investigação, capaz de revelar outras formas de resistência, inovação e apropriação do espaço esportivo.

Que a vaquejada continue, portanto, se transformando, ressignificando-se e acolhendo cada vez mais os múltiplos sujeitos que a compõem. Ao dar centralidade às vozes das vaqueiras, esta pesquisa reafirma o compromisso com a história pública, valorizando a escuta, a participação ativa das protagonistas e a construção coletiva do conhecimento. Que o feminino, longe de ser exceção, torne-se presença constante, respeitada e celebrada nas arenas desse esporte que é, ao mesmo tempo, tradição, identidade e cultura viva do nosso povo.

BIBLIOGRAFIA

AIRES, Francisco Jânio Figueira. O “espetáculo do Cabra Macho”: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejada no Rio Grande do Norte. 2008. 182fs Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2013. 386p.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras Artes. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Jaime de; SOUZA, Ana Guiomar Rego Souza. Qualquer festa é festa(?). Goiana: Ed. UCG, 2008. p.30-36.

ALMEIDA, Juniele R. Práticas de história pública: o movimento social e o trabalho de história oral In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 47-55.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-10.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. Valeu Boi! O Negócio da Vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006. 145p.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 11º ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: BORGES, Viviane; MAUAD, Ana M.; SANTHIAGO, Ricardo. Que história pública queremos? São Paulo: Letra e Voz, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. A Vaquejada Nordestina e Sua Origem. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 12ª ed. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. Tradições Populares da Pecuária Nordestina. Coleção Nordeste em Evidência. Pernambuco: Editora ASA Pernambuco, 1985.

CAUVIN, Thomas. Campo nuevo, prácticas viejas: Promesas y desafíos de la historia pública. Hispania Nova Revista de História Contemporânea, Espanha, n. 1, p. 7-51, 2020.

CAVALCANTI A. P. C.; CASTRO JÚNIOR, L. V. Boi na pista! Sociabilidade, esporte e lazer na Princesa do Sertão. UEFS Editora: Feira de Santana, 2019.

CAVALCANTI, A. P. C. “As Marias do Gado”: descortinando trajetórias das participações das mulheres nas vaquejadas da Bahia. 2020. 228 f. Dissertação (mestrado). – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31896>. Acesso em: 27 ago. 2024.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHARAUDEAU, P. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/TJG9ygwHgGx4XwFqRcwCQ3v/?format=pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

CONDE, R. A. A. Micro, macro e megainfluencers no Instagram: o efeito do número de seguidores e da relação parassocial com a audiência no poder de persuasão. 2019. Dissertação (Mestrado em Marketing) – Universidade do Porto, Porto, 2019.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 5ª Edição, 1990. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=HPdJEAAAQBAJ&pg=GBS.PT1>. Acesso em: 27 ago. 2024.

DUARTE, Ricardo; BARROSO, Livia Moreira. Enquadramentos de mulheres vaqueiras no Instagram: aspectos sobre enfrentamento e resistência de subcelebridades. RuMoRes, v. 16, n. 31, p. 206-229, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200403>. Acesso em: 27 ago. 2024.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. Rio de Janeiro: Record: 1989.

GOELLNER, V. S. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. Recorde: Revista de História do Esporte. volume 1, número 1, junho de 2008.

GONÇALVES, E. L. OPARA – Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1997.

HALBWASCH, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/12253>. Acesso em: 27 ago. 2024.
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/12253>. Acesso em: 27 ago. 2024.
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/120633/2/336947.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. Tradução José Cláudio e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2012.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? In: ALMEIDA, Juniele R.; ROVAI, Marta G. O. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31 a 51.

MACEDO, R. S. A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital, Revista Brasileira de História. São Paulo, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História Oral: com fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011. 175p.

PAIVA, Manoel de Oliveira. Dona Guidinha do Poço, São Paulo: Ática, 1977.

PERROT, Michelle. Minha história das Mulheres. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf. Acesso em: 27 ago. 2024.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Arte da Escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo & MENESES, Sônia (orgs.) História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 185-196.

SAMUEL, Raphael. On the Methods of History Workshop: A Reply. History Workshop, n. 9 (Spring, 1980), pp. 162-176.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de.

SANTHIAGO, Ricardo. (orgs.). História pública no Brasil: sentido e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p.23-35.

SANTHIAGO, Ricardo. Palavras no tempo e no espaço: a gravação e o texto de história oral. In: DE ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. de Oliveira (Orgs.). Introdução à história pública. Rio de Janeiro: Letra e Voz, 2011. p. 97-108. Disponível em: [SNH2013 - XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social - Anais eletrônicos \(anpuh.org\)](http://SNH2013 - XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social - Anais eletrônicos (anpuh.org)). Acesso em: 27 ago. 2024.

SANTOS, Anyelle Brito Leite. "Valeu o boi! Uma análise de gênero na vaquejada.". 2017. 65 f. Dissertação (mestrado). – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina. Disponível em: https://portais.univasf.edu.br/cpgpsi/pesquisa/publicacoes/arquivos-dissertacoes/defesa_0007_anyellebrito.pdf Acesso em: 27 ago. 2024.

SCOTT, Joan W. “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1989.

SILVA, DF da. O trabalho artesanal do historiador e o produto histórico: reflexões sobre construção de uma história no digital. *Faces de Clio*, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 170-188, 2023.

SILVA, Laenia Nascimento da. 202. “Avante, AFEVA”: a luta das mulheres pela categoria feminina na vaquejada pé de mourão cearense”. 180 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/924406.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SOARES, C. L. As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WOLF, N. O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GLOSSÁRIO

Banhador: local onde os cavalos banham durante os dias de vaquejada.

Bater a senha: quando o vaqueiro consegue derrubar os bois corretamente na primeira fase da competição, colocando-o na final do evento.

Bolões de vaquejada: tipo de vaquejada não profissional existe no nordeste brasileiro.

Boi barbatão (ou marueiro): o animal bravo selvagem.

Boiadeira: veículo, geralmente caminhões, usado no deslocamento e locomoção de animais vivos.

Bom de pista: é aquele que consegue sempre ganhar prêmios.

Brete: é o local que permite a entrada dos bois na pista de apresentação.

Cabra macho: indivíduo corajoso, decidido, valente; cabra da peste, vaqueiro.

Calzeiros: são aqueles que fazem a marcação constante da pista de competição com cal.

Canceleiros: são aqueles que cuidam da entrada e da saída dos vaqueiros na pista de competição.

Casqueadores (ou ferradores): são especialistas na manutenção dos cascos dos cavalos, que é fundamental para a saúde e o desempenho do animal.

Cavalo de direita: animal que corre na posição direita, é o animal treinado para correr com o vaqueiro que derruba o boi, seja o cavalo preparado para os destros ou para os canhotos.

Curraleiros: são os que cuidam da entrada e da saída dos bois nas pistas de competição.

Derrubada do boi: puxar o rabo do boi, derrubando-o dentro da faixa apropriada.

Fiscais de pista: são responsáveis pela retirada dos bois puxados nas competições.

Gibão de couro: é uma peça de roupa, geralmente um casaco ou jaqueta, feita de couro, que é usada principalmente pelos vaqueiros do sertão para se proteger do sol, dos espinhos da vegetação.

Juiz: é quem julga as puxadas dos vaqueiros nas vaquejadas.

Locutor de vaquejada: é aquele que narra a competição da vaquejada e divulga os eventos que ocorreram nas outras vaquejadas.

Senhas: é o termo utilizado para designar a inscrição do competidor na vaquejada.

Tratador de cavalos: são aqueles que cuidam dos cavalos dos vaqueiros, alimentando, banhando, escovando e passeando com o animal.

Vaqueiro-esteireiro (ou bate esteira): Competidor responsável por direcionar o boi e condicioná-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o vaqueiro-puxador, além de entregar o protetor de caudas do boi ao vaqueiro-puxador.

Valeu o boi: é o termo utilizado para designar o competidor que conseguiu puxar o boi corretamente entre as faixas.

Vaqueirama: reunião de vaqueiros no fim do inverno, para apartar o gado; termo ligado a vaquejada.

Vaqueirização: termo ligado a pratica de vaquejada.

Vaqueiro-esteireiro: Competidor responsável por direcionar o boi e condicioná-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o vaqueiro-puxador, além de entregar o protetor de caudas do boi ao vaqueiro-puxador.

Zero: é o termo usado para caracterizar o competidor que não conseguiu derrubar o boi entre as faixas de puxamento.